UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura em Língua Portuguesa

MARISTELA DA SOLEDADE E SOUZA

**Do indivíduo às redes da vida política e social: protagonismo e construção
identitária em Padre Nando (Antônio Callado) e Aníbal (Pepetela)**

São Paulo
2015

MARISTELA DA SOLEDADE E SOUZA

**Do indivíduo às redes da vida política e social: protagonismo e construção
identitária em Padre Nando (Antônio Callado) e Aníbal (Pepetela)**

Dissertação apresentada ao programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada.

Orientador: Professor Doutor Benjamin Abdala Junior.

Versão corrigida

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SOUZA, Maristela da Soledade.

Do indivíduo às redes da vida política e social: protagonismo e construção identitária em Padre Nando (Antônio Callado) e Aníbal (Pepetela) / Maristela da Soledade e Souza:

Orientador Benjamin Abdala Junior. São Paulo, 2014.

135 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2014.

1. Callado e Pepetela. 2. Identidade. 3. Utopia. 4. Ficção e História. 5. Literatura e Política.

I. Título: *Do indivíduo às redes da vida política e social: protagonismo e construção identitária em Padre Nando (Antônio Callado) e Aníbal (Pepetela)*.

Nome: SOUZA, Maristela da Soledade

Título: *Do indivíduo às redes da vida política e social: protagonismo e construção identitária em Padre Nando (Antônio Callado) e Aníbal (Pepetela)*

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Benjamin Abdala Junior, pela generosidade com que compartilha o seu conhecimento.

Ao Carlos Vítor pelo companheirismo e compreensão, mas principalmente pela paciência infinita.

Ao Guilherme pelo estímulo e confiança.

Às minhas amigas, Vanessa e Camila, pela amizade, colaboração e suporte durante todas as minhas ausências.

Aos meus pais.

"O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam."

Guimarães Rosa

RESUMO

O estudo tem como objetivo analisar comparativamente o processo de formação identitária das personagens Padre Nando e Aníbal, respectivamente protagonistas dos romances *Quarup*, publicado em 1967, pelo escritor Antônio Callado e *A Geração da Utopia*, publicado em 1992 por Pepetela. Ambos os romances abordam de forma marcante como se configuraram aspectos do processo da luta armada de sentido libertário, no Brasil e em Angola. No entrecruzamento de ficção e História, os escritores, através das marcas de seus autores implícitos, em nível dos sujeitos da enunciação (narradores) ou do enunciado (personagens) apresentam dois protagonistas engajados política e socialmente que vivem profundas transformações em seus caracteres psicossociais. O estudo dessas caracterizações constitui um rico material para problematizar os sentidos da identidade e das problemáticas que envolvem os processos da luta libertária e compreender como as transformações das personagens centrais de cada narrativa têm a ver com seus horizontes utópicos.

Palavras-chave: Callado e Pepetela, Identidade, Utopia, Ficção e História, Literatura e Política.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze comparatively the process of formation of the identity of two characters – Father Nando and Aníbal – respectively protagonists of the novels *Quarup*, written in 1967 by Antônio Callado, and *A Geração da Utopia*, written by Pepetela in 1991. Both novels approach markedly how the aspects of the process of armed struggle in a libertarian sense are configured in Brazil and Angola. In the intersection of fiction and History, the writers, through the marks of their implied authors by being subjects of enunciation (narrators) or of subjects of the statement (characters) present two leading figures politically and socially engaged who live deep transformations in their psychosocial characters. The study of these characterizations provides a rich material to problematize the senses of identity and the issues involving the processes of libertarian struggle and understand the transformations of the main characters of each narrative and their roles in utopian horizons.

Key Words: Callado and Pepetela, identity, utopia, fiction and history, literature and politics.

SUMÁRIO

<i>I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS</i>	9
II - CAPÍTULO I – <i>QUARUP</i>	24
1. CONHECENDO CALLADO PARA COMPREENDER <i>QUARUP</i>	25
2. APRESENTAÇÃO DO ROMANCE	38
3. PLANO IDEOLÓGICO EM <i>QUARUP</i>	45
3.1- AS MÚLTIPLAS VOZES EM <i>QUARUP</i>	47
4. REEDUCAÇÃO DO PROTAGONISTA	63
4.1 - EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	63
4.2- A DESTRUIÇÃO DO MUNDO DE LEVINDO	74
4.3 - MORTE DE HERÓI A GENTE FESTEJA, NÃO CHORA	77
4.4 - RENASCE LEVINDO	79
III - CAPÍTULO II – A <i>GERAÇÃO DA UTOPIA</i>	82
1. MOVIMENTOS DE LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA	83
2. PEPETELA E A UTOPIA DE UMA GERAÇÃO	89
3. AS MÚLTIPLAS VOZES EM A <i>GERAÇÃO DA UTOPIA</i>	95
3.1 - A CONCEPÇÃO DA UTOPIA	95
3.2 - A CHANA DISSIPANDO IDEOLOGIAS	101
3.3 - A BAÍA: TESTEMUNHA DA DISTOPIA E DO REENCONTRO	106
3.4 – DEUS COMO MERCADORIA	110
4. TRANSFORMAÇÃO DE ANÍBAL	117
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema proposto para a pesquisa é de relevância para o entendimento das formas de articulações psicossociais que envolvem a relação entre o sujeito individual e suas conexões com a vida político-social, no Brasil e em Angola.

Estudar a trajetória dos protagonistas Nando e Aníbal e a transformação dos traços identitários significa verificar como esses novos caracteres vão se configurando a partir de situações e experiências políticas e sociais vivenciadas por ambos, de forma a permitir a reflexão sobre as formas de pensamento de uma época e sobre aspirações que não foram concretizadas.

É relevante destacar que durante a transformação dos traços identitários ocorrida com os protagonistas, nota-se que há intercalação de novos traços, sob um princípio dinâmico de identidade, que não se atém à estaticidade dos papéis marcados. Novas características vão se formando através da práxis e elas interagem problematicamente com facetas pré-existentes. Desta forma, um traço psicossocial não neutraliza o outro, tornando a personagem problemática e densa do ponto de vista crítico, permitindo ainda a discussão de motivações ideológicas subjacentes.

Durante o desenrolar do processo narrativo, que tem como referente o conturbado momento político dos anos 50/60 no Brasil e dos anos 60/90 em Angola, são caracterizadas atitudes de sujeitos envolvidos pela atmosfera de repressão e de autoritarismo, sob o jugo da ditadura militar brasileira e do colonialismo português, sob as marcas neofascistas da ditadura salazarista. No caso de *A geração da utopia*, a historicidade avança sobre o após-guerra de libertação.

Nesse quadro de tensão política, o percurso de Padre Nando e Aníbal evidencia que o poder dominante vale-se de sua hegemonia para provocar a alienação coletiva, levando aqueles que não compactuam com o poder a uma vida à margem da sociedade estabelecida. Procuram estatuir outra forma de poder em seus domínios, almejando que ele seja estendido para o conjunto da vida social.

Assim, Padre Nando abandona a igreja e se torna um guerrilheiro e Aníbal – numa outra ponta do processo revolucionário, após a tomada do poder em Angola, isola-se no distante sul do país, no litoral, numa situação narrativa de grande valor simbólico, sobre os rumos de Angola. Nos romances estudados, a criticidade das personagens protagonistas, muitas vezes interpretadas como próprias de suas facetas anárquicas ou até mesmo como

loucura, demonstra que novas e distintas atitudes podem vir a se contrapor à hegemonia daqueles que detêm formas de poder. Tais atitudes, destacadas pela literatura, enfatizam o compromisso maior do intelectual, neste caso, representado pelos escritores Callado e Pepetela, de resistência contra o *status quo*. Desta forma Aníbal isola-se na baía e:

preserva sua integridade numa espécie de “ilha”, um espaço aparentemente à margem do sistema, mas que paira por sobre a cabeça como identidade individual. Mantém essa identidade e em sua função vai penetrar num cavernoso labirinto marítimo, de caráter simbólico, para eliminar o seu “minotauro” abissal – um polvo gigante (imagem de um estado opressivo, com seus tentáculos), fantasmagoria que o perseguia desde a infância¹.

Nesse momento da narrativa, vivendo na Praia da Caotinha, o protagonista confronta o passado idealista que viveu e o presente que reflete o caos em que se encontra a situação política do seu país. Simbolicamente, tem-se no capítulo “*O Polvo*”, o confronto entre o protagonista e o obstáculo que o perseguia desde a infância. Esse obstáculo significava o passado e precisava ser destruído para renascer uma nova esperança. Aníbal liquida com o passado, representado, na narrativa, pela figura de um polvo e põe fim ao que simbolizava a *imagem de um Estado opressivo, com seus tentáculos*.² A partir dessa ação, *o herói se revitaliza – fato que lhe permite amar com plenitude uma antiga companheira dos tempos da Casa dos Estudantes do Império*³ e no decorrer do enredo, pode-se vislumbrar o nascimento de uma nova esperança e de uma nova geração, representada na narrativa pela filha de Sara, Judith.

Depois que matou o polvo, Aníbal:

Queria apenas respirar. E descansar.
Muito tempo ficou a apanhar sol, em sonolência, deixando correr os pensamentos e as recordações, sem os comandar. Começou a ter calor e sentou-se na areia. (...) Puxou-o para fora e viu então que era um polvinho, não o monstro marinho contra o qual combatera. (...).
Não te matei com ódio, disse para os restos do bicho. Matei-te apenas. Foi a morte que te fez mirrar, ou foram estes trinta ou quarenta anos que levei para te matar? Hoje não és um monstro, mas sim o cadáver dum polvinho, certamente o maior destas águas. Não deixas de ser um polvinho. Tantos anos, tantos anos... (PEPETELA, 2013, p. 304).

¹ ABDALA Jr., Benjamin. *Notas sobre a utopia em Pepetela*. In: **Portanto...Pepetela**. (orgs) CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 177.

² Idem, ibidem, p. 177.

³ Idem, ibidem, p. 177.

Para Aníbal matar o polvo significava confrontar o sistema que ele havia ajudado a construir e que não havia se transformado no que a personagem desejava. Porém a desilusão ao matar o polvo pode ser comparada com a consciência que adquiriu sobre o governo que havia ajudado a ocupar o poder.

Se antes da morte do polvo, Aníbal tinha-o como ameaçador, a realidade mostrou-lhe o contrário. A simbologia do polvo remete o leitor ao governo após a independência, pois se tem o oposto do que foi idealizado por Aníbal nos tempos vividos na Casa. O governo desejado era igualitário e não ditador e corrupto. Esperava-se um governo que trabalhasse para o povo de Angola e não para uma minoria que impedia o crescimento do país. Porém, Aníbal reconhece a insignificância do polvo, mas do governo podia-se perceber os tentáculos em todos os lugares, opondo-se aos interesses coletivos.

Na ficção, Aníbal matou o polvo e destruiu a ameaça que o atormentava desde a infância. Na leitura de Benjamin Abdala Junior, simbolicamente, os tentáculos do polvo assemelham-se aos galhos da buganvília e representam *o próprio estado destruindo a casa angolana*. Lê-se a colocação de Abdala:

Em *O cão e as caluandas*, Pepetela criou a imagem de uma buganvília (a nossa primavera que anuncia a renovação da estação), árvore que vai crescendo sobre as paredes de uma casa, e acabaria por destruí-la não fosse a ação desesperada de um cão velho e sem forças, mesmo desdentado, que a arrancou pelas raízes. Os galhos da primavera, associado ao otimismo do renascimento das flores, são no fundo os abraços que sufocam. No caso, o próprio estado destruindo a casa angolana. Em *A geração da utopia*, numa perspectiva individual, das antigas motivações juvenis de Aníbal, aparecerá uma imagem, com desenho correlato, no capítulo “O polvo”. Os galhos da buganvília podem ser comutados pelos tentáculos do polvo, numa situação de conflito relativo aos desafios de sua individualidade, posterior à instalação do estado independente angolano.⁴

Ainda na Praia da Caotinha, tem-se uma figura feminina de grande representação simbólica, Mussole, que apesar de existir apenas na lembrança de Aníbal, simboliza a força mítica da África, fato que não pode ser desconsiderado, pois na narrativa percebe-se a questão histórica e mítica entrelaçando-se. Mussole era o nome da mulher de Aníbal que morreu de forma violenta no Leste do país. Seu valor simbólico pode ser comparado com os sonhos utópicos que norteavam o ideal revolucionário e que também foram eliminados. Para abrigar o espírito de Mussole, foi plantada uma mangueira e segundo Aníbal: *O espírito dela está*

⁴ ABDALA Jr., Benjamin. *Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio*. In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, São Paulo, v.5, p. 69-83, 2013.

aquietado aí em cima da mangueira, veio logo que plantei a árvore. (PEPETELA, 2013, p. 268).

Situando os autores como intelectuais e com o objetivo de legitimar as reflexões sobre o papel do intelectual, o estudo utiliza-se das teorias de Edward Said, em *Representações do intelectual – As conferências de Reith de 1993* que a convite da BBC, aborda da seguinte forma o compromisso que cabe ao escritor engajado.

A questão fundamental para mim, penso eu, é o facto de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma faculdade para representar, corporizar, articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para, bem como por, um público. E esse papel tem uma certa acuidade, e não pode ser desempenhado sem a sensação de se ser alguém cuja função é levantar questões embaraçosas em público, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los), ser alguém que não pode ser facilmente co-optado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os assuntos que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. O intelectual actua assim com base em princípios universais: todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes em matéria de liberdade e justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser denunciadas e combatidas corajosamente.⁵

Seguindo as estratégias discursivas dos autores, percebe-se que a arte tornou-se um espaço para discussões com o compromisso de favorecer a um nacionalismo literário vinculado diretamente a perspectivas sociais libertárias, que reporta o leitor a momentos históricos do Brasil e de Angola que não estão presentes nos livros da história oficial, momentos esses ocultados ou manipulados pelos interesses hegemônicos na vida social.

Através da narrativa ficcional de *Quarup* e *A geração da utopia*, a literatura busca resgatar os aspectos da História que são desconhecidos para a maioria da sociedade. Tanto Callado quanto Pepetela apresentam narrativas, cujas personagens situam-se em dois países distintos, porém semelhantes no que diz respeito à total alienação do Estado diante das carências da sociedade. Daí a necessidade de heróis que personifiquem o desejo coletivo das minorias e são motivados pela perspectiva utópica de uma libertação que os conduzirá à igualdade social.

Para abordar o herói dos romances, cabe um breve comentário sobre a predominância da individualização no mundo moderno. É um mundo subjetivo, focado no seu interior e que não encontra possibilidade de existir no mundo exterior. Em *A teoria do romance*, Lukács

⁵ SAID, Edward. *Representações do intelectual – As conferências de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, p. 28.

afirma que houve a perda da totalidade ⁶, ou seja: o homem separou-se do seu meio e tornou-se solitário e distante da totalidade do mundo. É nesse contexto que surge o romance moderno.

Diante da impossibilidade de existir a totalidade como um fenômeno espontâneo, surgem os escritores com a missão de reconstruir essa totalidade através da ficção. Para essa reconstrução o autor atribui ao herói romanesco a tarefa de encontrar a totalidade do ser e do seu próprio conhecimento. A dificuldade para o herói é que mesmo encontrando-se e reconstruindo sua totalidade, não haverá espaço para ele no mundo moderno, pois este já está fragmentado e sem sentido.

Percebe-se nos romances que compõem o *corpus* do estudo, que os heróis Nando e Aníbal agem de forma inversa quanto à busca de si mesmo e do sentido de totalidade, pois o primeiro só se encontra quando parte para a guerrilha e o segundo quando se retira dela, pois se desfez a configuração que apontava para a totalidade e já não há mais como pertencer ao quadro histórico do momento. Portanto, por meio da práxis social dos protagonistas, percebem-se o desejo da realização utópica e a impossibilidade de concretização entre o homem e o mundo moderno. A não realização de seus ideais utópicos fazem dos heróis dos romances, seres que estão em constante busca da sua essência e da construção dos seus próprios destinos. O autor, através do romance, tem a missão de desvendar a alma do herói e para que a sua essência seja desvendada, coloca-o em contato com o mundo.

É constante nas duas narrativas, mesmo quando os heróis encontram-se sob o jugo do autoritarismo, a preocupação de Nando e Aníbal com aqueles que se encontram à mercê de desmandos e sofrendo arbitrariedades impostas pelo regime ditatorial. Ainda na cadeia, após uma conversa com o coronel Ibiratinga, Nando é conduzido à sala do major Clemente para o seu inquérito sobre o comunismo e as Ligas. O tenente Vidigal faz, a Nando, a seguinte afirmação:

- O senhor veio ajudar o Movimento de Cultura Popular por acaso. Pura veneta. De repente o senhor se interessou pelo problema.
- Não, tenente. Como já lhe disse regressei ao meu Estado, à minha cidade. Aqui me coloquei a serviço do que me parecia mais interessante e promissor para o povo, para o país em geral.⁷

⁶ LUKÁCS, George. *A teoria do romance*. São Paulo: Edições 34 Ltda., 2000. p. 31.

Segundo a definição de Lukács *totalidade*, como “*prius*” formador de todo fenômeno individual, significa que algo fechado pode ser perfeito; perfeito porque nele tudo ocorre, nada é excluído e nada remete a algo exterior mais elevado; perfeito porque nele tudo amadurece até a própria perfeição e, alcançando-se, submete-se ao vínculo. *Totalidade do ser só é possível quando tudo já é homogêneo* (...).

⁷ CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 422.

Percebem-se, nas duas narrativas, questionamentos semelhantes quanto à qualidade de vida do povo que se encontra à margem da sociedade. Em Angola, Aníbal argumenta que o povo, depois da independência, continua sem conhecer os benefícios que a liberdade poderia proporcionar. Em uma das visitas que Sara faz a Aníbal, na pequena baía do litoral de Angola, ele propõe a ela que fizessem uma visita à Baía Azul para que conhecesse de perto o Kimbo dos deslocados – local para onde iam os camponeses que chegavam de todos os lugares da província e que não possuíam um pedaço de terra boa e nem água para cultivarem.

Ela inquiriu dos problemas, fome e doença. Por vezes traziam-lhes comida, de vez em quando apareciam uns médicos com vacinas para as crianças, pouco mais.

- Não há um médico que vem regularmente fazer consulta? – perguntou ela.

- Nada – disse um mais velho. – Aparece assim, assim.

- Duas ou três vezes por ano. – traduziu Aníbal.

As provisões estavam no fim, comiam arroz-doce, mas já sem leite, esse ficava reservado para as crianças e escasseava. (...) Todos estavam magros, mas as crianças tinham barrigas enormes, efeito da falta de proteínas e vermes. (...)

Não falou dos peixes que lhes dava (...). Nem dos berros que preferia em Benguela junto das autoridades competentes, a exigir que tomassem medidas rápidas das várias vezes que a fome total se instalava no Kimbo.⁸

Tratando-se, especificamente, sobre a questão de Angola e dos objetivos mais amplos da revolução que não se concretizaram, Benjamin Abdala Junior, na Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, faz a seguinte colocação:

Libertação nacional, de um lado, mas também simultaneamente social, no caso dos países africanos colonizados por Portugal. O sonho era de construção de um “homem novo”, como se dizia, sem as amarras que os aprisionavam a um mundo de formas vazias, que não mais se justificavam.⁹

Seguindo essa reflexão, destacam-se Callado e Pepetela, autores cujas semelhanças ideológicas podem ser verificadas nas duas narrativas que compõem o *corpus* do trabalho, e que possuem o objetivo de, através do pensamento utópico, construir um país comprometido com uma sociedade igualitária e livre. Ambos compreendem a importância da literatura engajada e buscam a linguagem como um instrumento revolucionário. A partir desses conceitos, fazem uso da arte com o propósito maior - o veículo para repensar a situação cultural e política do Brasil e de Angola. Como obras representativas que são e com uma postura política determinada entende-se que:

⁸ PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 258.

⁹ ABDALA Jr., Benjamin. *Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio*. In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, São Paulo, v.5, p. 69-83, 2013.

As obras de arte precisam ser verdadeiras e a verdade pode ser horrível, como também pode ser encantadora. O horrível pode ser o resplendor da verdade. Não podendo ser malfeitas, as obras de arte não podem ser belas simplesmente no sentido de enfeitadas, embelezadas. A verdade, concretizando fantasmas, mesmo que por um percurso de sangue, suor e lágrimas, acaba trazendo a calma e a tranquilidade da sabedoria.¹⁰

A temática desenvolvida pelos autores Callado e Pepetela, nos romances *Quarup* e *A geração da utopia* define-se pelo fato de que ambos pertencem a um campo intelectual de escritores engajados na vida política, cultural e social de seus respectivos países. Através da literatura, buscavam consolidar suas nações de origem através da criação de textos ideologicamente compromissados com a política social. Fato esse que corresponde ao costume existente em países que sofreram com o colonialismo, como Brasil e Angola, e que optaram por trabalhar a realidade mesclando história e literatura.

No Brasil, o cenário era de incertezas políticas, desde que Jânio Quadros, eleito presidente da república em 1961, renunciara em agosto do mesmo ano. Diante dessa instabilidade política, militares brasileiros e governo americano se uniram para depor o presidente João Goulart, que era considerado perigoso e partidário de ideais comunistas. Tal pensamento devia-se ao fato do seu governo ter sido marcado pela abertura às organizações sociais.

Nesse quadro, a crise instalou-se quando João Goulart apresentou a chamada Reforma de Base, especificada na sequência do estudo. O projeto previa uma mudança estrutural em alguns setores considerados estratégicos para o governo. Mas, naquele momento político significava para as elites, ligadas ao capital estrangeiro, um risco na obtenção de lucros. Assim, a limitação das remessas de lucros, reforma agrária e tributária era “coisa de comunista”. Como o mundo vivia de forma acirrada na Guerra Fria, tudo era motivo para não permitir possibilidades nacionalistas. Para a elite econômica brasileira inibir o processo capitalista internacional era distanciar dos norte-americanos. O agravante era que já havia um setor significativo da elite brasileira comprometida com os estrangeiros. Por outro lado, o próprio governo norte-americano temia que lideranças nacionalistas impedissem sua ação dentro do Brasil. Lideranças nacionais eram vistas como ameaçadoras para o mundo imperialista. Não só João Goulart, mas outras lideranças passaram a enfrentar pressões políticas por conta dos interesses estadunidenses.

¹⁰ KOTHE, Flávio R. *O Herói*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1985, p.29.

Estudantes, organizações populares e trabalhadores ganharam espaço, causando a preocupação das classes conservadoras como, por exemplo, os empresários, banqueiros, Igreja Católica, militares e classe média abastada. Várias foram as ações de Goulart que desagradaram aos opositores: seu apoio a sindicatos, a sargentos que apoiavam sua tentativa de sindicalização, a não repressão às greves e às Ligas Camponesas de Francisco Julião e também a proposta de aumento de 100% no salário mínimo.

Cabe citar que Francisco Julião tornou-se uma das personagens do romance *Quarup* e na narrativa é conhecido como Januário. Assunto que será retomado posteriormente.

O estilo populista de Goulart chegou a gerar até mesmo preocupação entre setores conservadores da Igreja Católica, entre governadores e também nos Estados Unidos, que, juntamente com as classes conservadoras brasileiras, temiam um golpe de estado comunista no Brasil, como o que havia ocorrido anos antes em Cuba. Diante dessa desconfiança, da incômoda autonomia em manter uma política externa independente de Washington e de outros fatores que contrariavam os interesses do poder, Jango foi deposto. O golpe de 1964 teve como ponto de partida o comício feito por João Goulart e Leonel Brizola no dia 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, onde foi apresentada uma nova proposta para o Brasil, chamada Reforma de Base. Neste plano Jango prometia mudanças, incluindo a reforma agrária, econômica e educacional do país e defendia também o plebiscito para convocação de uma nova constituinte. Sobre o comício tem-se a colocação de Daniel Aarão Reis:

Depois de longos meses de indecisão, armadilhado no impasse de uma correlação e forças aparentemente equilibradas, Jango resolveu partir para a ofensiva. Dispôs-se a liderar um conjunto de grandes comícios para aumentar a pressão das reformas. O primeiro seria no Rio, o último, em 1º maio, em São Paulo. Planejou-se igualmente, no limite das atribuições do presidente da República, a edição de decretos, que implementariam, na prática, aspectos do programa das reformas de base. O primeiro – e único – comício realizou-se em 13 de março de 1964. Um sucesso. Reuniram-se todas as esquerdas, mais de 350 mil pessoas, na defesa exaltada das reformas e na celebração dos decretos assinados, expropriando pequenas refinarias particulares e abrindo caminho para a reforma agrária, ao prever a possibilidade de desapropriação de terras improdutivas ao longo dos eixos rododiferroviários. Um valor mais simbólico do que real, mas indicando uma direção – a da radicalização e do enfrentamento. As forças desencadeadas da reforma.¹¹

Ainda no texto de Aarão Reis, narra-se a reação da direita ao comício de Jango que defendia as reformas de base. Aarão explica que: *A reação foi imediata. No dia 19, em São*

¹¹ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 30.

Paulo, desenrolou-se a primeira Marcha da Família com Deus pela liberdade. As direitas foram às ruas, cerca de 500 mil pessoas. (REIS, 2000, p.30)

Muitas foram as incertezas que contribuíram para acentuar o clima de crise política e o aumento das tensões sociais a cada dia. No dia 1º de abril de 1964, tropas de Minas Gerais e São Paulo saem às ruas. Acuado, Jango deixa o país para refugiar-se no Uruguai. Cabe informar que Jango nunca teve autorização para retornar ao Brasil e, em 1967, o ex-presidente morre na Argentina em circunstâncias pouco esclarecidas.

Os militares tomam o poder através do Golpe de Estado e logo após, com a ausência de João Goulart, o Chefe Maior do Exército, o General Castelo Branco, um dos líderes militares do Golpe de 64, assume o poder, instaurando a ditadura brasileira. Sabe-se que Castelo Branco foi escolhido para ser chefe do Estado Maior pelo próprio João Goulart e ironicamente pode ser considerado o grande responsável pelo Golpe Militar que depôs o presidente que o havia nomeado.

O novo Congresso Nacional, a partir do Golpe, foi formado por políticos partidários do novo regime. Aqueles que fizessem qualquer tipo de oposição seriam sumariamente cassados pelo AI-1. Quanto à imprensa, o objetivo dos militares era institucionalizar a restrição de liberdade de expressão e consolidar o regime autoritário, para isso foi criada a Lei da Imprensa que servia para punir de forma mais severa àqueles que usavam a imprensa para manifestar-se contra o governo vigente.

Muitas foram as arbitrariedades cometidas pela ditadura contra a democracia, dentre elas, tem-se a extinção de treze partidos políticos no Brasil e a criação de outros dois. ARENA – Aliança Renovadora Nacional e MDB – Movimento Democrático Brasileiro, que se tornaram os únicos partidos brasileiros permissão para atuar até o ano de 1979. As medidas aplicadas representavam o objetivo de o governo militar combater com severidade todas as organizações consideradas nocivas à pátria, à segurança nacional e à consolidação do novo regime.

Apesar de toda a intimidação sofrida pela esquerda e das punições impostas àqueles que eram considerados “subversivos”, aconteceu, em 1966, um fato decisivo na luta da esquerda brasileira: o atentado ao Aeroporto Internacional dos Guararapes em Recife. O objetivo era atingir o sucessor de Castelo Branco, o marechal Costa e Silva, então ministro da guerra. O plano deu errado, pois Costa e Silva seguiu de carro para Recife devido a um problema com o seu avião. O marechal saiu ileso do atentado, mas várias mortes ocorreram. Depois desse episódio, iniciou-se uma intensa perseguição contra as atividades de guerrilha.

O Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), as ligas camponesas e a União Nacional dos Estudantes (UNE), foram algumas das instituições atingidas pela política de repressão ao comunismo desencadeada pelo governo militar. Algumas das principais lideranças pró-comunismo do país foram presas, torturadas e enquadradas na Lei de segurança nacional e responderam a Inquérito Policial Militar.

Em 1967, ano de publicação de *Quarup*, os movimentos político-sociais brasileiros já se mostravam com força política para a luta contra a ditadura militar e contra os interesses imperialistas que ela representava. (...) *a insatisfação acumulada – e represada – durante o governo anterior tenderia agora a desaguar em protestos e movimentos públicos.* (REIS, 2000, p.46). As constantes manifestações do movimento estudantil eram *acompanhadas por uma repressão desproporcional.* (REIS, 2000, p.48).

E assim, a sociedade assistiu ao embate entre o socialismo e a barbárie. De um lado um grupo de jovens inexperientes que, muitas vezes, *obrigaram a ditadura a consentir concessões normalmente impensáveis: libertação de 15 prisioneiros políticos e leitura nos meios de comunicação de manifestos revolucionários.* (REIS, 2000, p.53). Defendendo o socialismo, os guerreiros conquistavam a população devido à ousadia com que enfrentavam os poderosos.

Do outro lado, representando a barbárie, aqueles que faziam oposição à democracia e, por conveniência, escondiam da sociedade determinados atos, pois sabiam que o mais sensato era manter em sigilo *esse jogo sujo* e melhor seria que tudo *se passasse fora das vistas e longe dos ouvidos, nas celas imundas de fedor e de sangue, porém fechadas e bem guarnecidas por isopor à prova de som, sempre seria possível sustentar que os excessos eram ignorados e a sociedade, inocente.* (REIS, 2000, p. 54).

Segundo Daniel Aarão, a conclusão desse embate foi: *De modo que aquela luta desigual acabou em massacre. Encurralados por uma polícia política crescentemente sofisticada e profissional, os grupos e organizações revolucionárias, quase sempre inexperientes e amadores, dispendo apenas da vontade e da ousadia, foram escorraçados da história.* (REIS, 2000, p.54).

Com o lançamento do romance *Quarup*, Callado antecipou o que viria a ocorrer, sobretudo, a partir de 1969 - os anos de torturas e terror oficial. A narrativa desenvolvida pelo escritor apresenta diversos fatos históricos de um período do país, visto que sua forma está diretamente vinculada a aspectos da organização social e cultural do Brasil. Foram vários os

períodos na história da humanidade, onde o domínio do homem sobre o homem implicou, de forma relevante na injustiça social. Brasil e Angola, considerando as diferenças relativas ao tempo histórico, são exemplos de países que viveram sob o jugo do autoritarismo e da ação repressiva do Estado. Cabe destacar a importância das manifestações de protesto e o papel dos escritores, que se voltou para ideais revolucionários e problematizaram o que ocorreu nos respectivos países, contribuindo com a construção da memória nacional.

Para o estudo, é pertinente citar que, em períodos diversos, Brasil e Angola tiveram a necessidade de implantação dos movimentos de resistência. Se no Brasil houve a efervescência cultural durante os “anos de chumbo”, década de 60 e 70, em Angola, após a segunda Guerra Mundial havia também grande ebulição cultural e política. Jovens negros, mestiços e brancos promoviam rodas de leitura, publicavam revistas e disseminavam obras literárias. O Brasil exerceu grande influência sobre Angola, visto que muitos dos romances de Jorge Amado e Graciliano Ramos atravessaram o oceano e foram lidos pelos angolanos.

O Brasil, que vivia um período de democracia, após os dezesseis anos de governo da longa Era Vargas (1930 a 1945), era fonte de inspiração para os anseios de independência dos angolanos. Afinal, havia entre Brasil e Angola a afinidade de ter sido colônia e ex-colônia do Império português. Para os angolanos, o Brasil representava a independência conquistada. Era o exemplo que buscavam seguir.

Outras semelhanças permearam a história dos dois países. A truculência vivida no Brasil a partir de 1964 assemelha-se com a vivida em Luanda nos anos de 1933 a 1974. Sob o governo de Salazar, Angola viveu a repressão de um ditador que prendia aqueles que eram suspeitos de conspirar contra a soberania portuguesa. É pertinente citar a evidente semelhança do recém-instituído governo militar brasileiro com a ditadura de Salazar.

Pode-se também considerar como semelhança as consequências do período de colonização nos dois países. Entende-se que as experiências vividas no período colonial refletem no modo de ser e agir da sociedade e, conseqüentemente, interferem na literatura do país.

Sobre esse assunto, Benjamin Abdala Junior coloca que:

O processo de colonização leva a hábitos, como a conhecida importação de modelos externos, sem criticidade, para os mais variados campos da cultura. Nos estudos linguísticos e literários são comuns as importações acríticas dessas fórmulas, como também ocorre no terreno científico, que preservam essas modelizações, perpetuando assimetrias que continuam a nos colonizar.¹²

¹² ABDALA, Junior Benjamin. *Literatura comparada e relações comunitárias, hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 26.

É necessário descolonizar o pensamento atual e distinguir na cultura local e, mais especificamente na literatura, visto que é o objetivo primordial do estudo, aquela que possui um caráter representativo. Prevalecendo a literatura de resistência haverá a possibilidade de difusão de ideias que contribuirão para a formação de cidadãos conscientes da necessidade de transformação. Sobre o assunto, Callado, em entrevista à revista *Veja*, apresenta duas colocações para explicar a função maior da literatura:

“ Basta despertar nas pessoas uma certa sensibilidade exacerbada que as leve a agir”.

“ ... a literatura é esta vida multiplicada que fornece uma descarga de energia ideológica que dá um impulso de ação. Que ação? É a vontade de atuar sobre a sociedade que está em volta...”¹³

O autor de *Quarup* revela seu compromisso político e desponta, na produção de romances, nas décadas de 60 e 70. Cabe citar que havia um descompromisso de considerada parte dos meios de comunicação em relação aos problemas políticos desse período. O *Diário de notícias*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, e outros, haviam apoiado o golpe militar e reproduziam na sua prática jornalística a voz do poder vigente. Fazendo oposição a essa atitude da mídia, tem-se a distinta voz de quem buscava o esclarecimento e o fortalecimento da nação livre e justa. O diálogo com a história e a política, nos romances de Callado e também Pepetela, marcou não somente uma escrita de resistência, mas também o projeto ético de discutir literatura e política a partir do cenário Brasil e Angola. Desta forma a literatura dos dois escritores demonstrou suas raízes nas lutas de resistência e nos projetos utópicos de transformação da sociedade.

Em Angola, o escritor Pepetela inicia sua trajetória política e literária quando ainda residia em Lisboa e frequentava a CEI – Casa dos Estudantes do Império¹⁴, onde em 1959

¹³ COELHO, João Marcos. *Em nome da consciência*. Julho de 1976.
Disponível em <http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: Fev. de 2014.

¹⁴ Em sua dissertação de Doutorado, “Representação da História e Registro de Identidade em Quarup, de Antonio Callado, e *A Geração da Utopia*, de Pepetela: nos impasses da modernidade” (2007), Vera Elizabeth Prola Farias apresenta a seguinte colocação sobre a CEI. “A Casa dos Estudantes foi criada em Lisboa, nos anos 40, como *resultado* da união das existentes Casa da Índia, Macau e Angola. A Casa era financiada pelo governo português e tinha a função de apoiar os estudantes vindo das colônias. Frequentada também por brasileiros, era, no entanto, o local onde se juntavam essencialmente os africanos. A casa dos Estudantes do Império tinha refeitório e assistência médica e promovia atividades culturais e esportivas. (...) Apesar de ser financiada pelo Estado português, a Casa dos Estudantes do Império acabou por ser o berço, em Portugal, dos ideais libertários nacionalistas, de cunho socialista. Na CEI reuniam-se muitos jovens que, posteriormente, se consagraram por sua literatura de resistência, politicamente engajada, (...). Aliada à militância política, desenvolveu-se, nesse lugar, uma fecunda criação literária. Vista pela comunidade como “antro de comunistas”, a Casa passou a ser

escreve seus primeiros contos e os publica no boletim mensal da Casa – a Revista *Mensagem*.

Cabe esclarecer que a Revista *Mensagem* é fruto do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, uma organização cultural nacionalista formada em 1948 que tinha como líder Viriato da Cruz, autor do mote que tornaria lema do Movimento: “Vamos descobrir Angola”. Destaca-se a sua importância como o impulsionador da poesia angolana nas décadas de 40, 50 e 60 e também como um dos líderes da luta pela libertação de Angola. Viriato deixou Angola por volta de 1957 e se dirigiu a Paris. Enquanto estava na França, desenvolveu atividades políticas e culturais e participou da fundação do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, juntamente com Mário Pinto de Andrade. Em 1960, tornou-se secretário-geral do Movimento, mas dois anos depois deixa o cargo devido às constantes divergências com o presidente do Movimento, Agostinho Neto. Em 1966, Viriato viaja para Pequim onde mais tarde fixaria residência. A sua boa relação com os chineses duraria pouco, pois foi acusado de se afastar das teses maoístas. Devido a uma sequência de atitudes não aceitas pelos chineses, como por exemplo, quando sua esposa, com o objetivo de acelerar a expulsão da família da China, derrubou o busto do presidente Mao Zedong, a família não foi expulsa e Viriato foi mantido refém em um campo de trabalho na região sul da cidade de Pequim onde faleceu em 1973, vítima de fome e humilhação.

Além de Viriato, participou também do Movimento, Agostinho Neto que em 1975 seria eleito o primeiro presidente de Angola. O Movimento tinha uma visão contestatória e trazia reivindicações nacionalistas. Importava-se também com a criação de uma literatura própria de Angola, independente das imposições colonialistas de Portugal. As poesias publicadas na revista *Mensagem* combatiam as difíceis condições sociais dos bairros pobres de Luanda. Esse movimento foi responsável pelo surgimento da revista *Mensagem* e, anos depois, continuaria sendo fundamental para a literatura angolana, pois nessa mesma revista, Pepetela, já como frequentador participativo da Casa dos Estudantes do Império, publica em 1959 seus primeiros contos. A luta do grupo que buscava “descobrir Angola” através da cultura, uniu forças políticas para lutar pela libertação do país contra o poder colonial e posteriormente vieram em sua maioria a integrar o Movimento pela Libertação de Angola – MPLA, ao qual pertencerá Agostinho Neto e Pepetela. Em *A geração da utopia*, o espaço da CEI, evidencia a importante política de oposição que se fazia ao regime colonialista conservado pela ditadura salazarista. Na casa, as organizações contrárias ao regime ganham

alvo atento da PIDE, a polícia de repressão política de Portugal, que a ocupou e destituiu seus quadros sociais e interditou suas atividades em 1959”.

força com o surgimento de movimentos políticos libertários como o MPLA e UPA (União dos povos de Angola).

No primeiro capítulo do romance, “*A Casa*”, percebe-se que o autor cede a voz às suas personagens e estabelece entre elas um diálogo que evidencia diversos pontos de vista e valores individuais. Quando escreve, tal recurso utilizado por Pepetela traz para o leitor de *A geração da utopia* o tempo vivido pelo autor e a história que presenciou diretamente. A CEI foi imprescindível como centro cultural, político e como espaço onde se reuniam aqueles que se moviam e se articulavam motivados pelo sonho utópico de libertação para Angola.

O professor Benjamin Abdala Junior faz a seguinte colocação a respeito da importância da Casa dos Estudantes do Império para a geração de Pepetela.

Historicamente, como é conhecido, Pepetela situa-se numa geração de estudantes que se articulou em Lisboa, em torno da Casa dos Estudantes do Império e de sua utopia social, configurada politicamente nos movimentos de libertação nacional.¹⁵

Sendo a CEI o local onde Pepetela e outros se fortaleceram ideologicamente, é relevante considerar a importância da casa na vida do autor, pois nesse espaço foi possível conviver com personagens de variadas ideologias e, desta forma, exercitar a prática de escritor e “coleccionar” experiências que o conduzissem ao cumprimento do que para ele representa a literatura. Fato comentado abaixo, numa entrevista publicada na revista *Organon* (2009), na qual o escritor Pepetela explica à Jane Tutikian a sua prática literária.

Não me parece possível o escritor separar a sua ideologia da sua prática de escritor. É claro que se pode pôr na boca das personagens tudo o que se queira e a literatura em parte é isso mesmo, uma discussão/confronto entre personagens de ideologias diferentes, mesmo se elas não sabem o que isso quer dizer (...)¹⁶

Callado e Pepetela fizeram da literatura uma missão ideológica e através de suas narrativas e da junção da história e ficção montaram um perfil da época vivida e denunciaram as injustiças e as múltiplas formas de alienação política, econômica, social e cultural, impostas aos seus respectivos países.

¹⁵ ABDALA Jr., Benjamin. *Notas sobre a utopia em Pepetela*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. (Orgs). **Portanto...Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 176.

¹⁶ *Entrevista com Pepetela por Jane Tutikian*. In: *Organon*: políticas e práticas sociais de resistência. v.23 n. 47. p. 209-211. jul-dez 2009.

Outro objetivo da dissertação dedica-se a analisar o foco narrativo dos romances *Quarup*, de Antonio Callado e *A geração da utopia*, de Pepetela. Ambos os autores demonstram em suas narrativas o percurso artístico vinculado diretamente ao percurso político. O entrecruzamento desses dois percursos, o artístico, que é uma habilidade inerente dos autores, e o político, que pertence à práxis individual de ambos, conduz o romance a técnicas narrativas que colocam em evidências as ideias do escritor/real, de seus narradores e do autor implícito. Esse último surge como o *alter ego* do autor. Para a análise dessas vozes que estão presentes nos romances em estudo, busca-se apoio nas reflexões teóricas de Wayne Booth que apresenta da seguinte forma a intrusão do autor sobre sua própria narrativa... *a presença do autor será óbvia sempre que ele entrar ou sair da mente dum personagem...*¹⁷

Para compreender todo o processo do foco narrativo nos dois romances, o estudo propõe uma retomada dos acontecimentos que desencadearam tal postura dos escritores.

¹⁷ BOOTH, C. Wayne. A retórica da ficção. Lisboa: Editora Arcádia, 1980. p.35.

II - CAPÍTULO I – *QUARUP*

O propósito da atividade do intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento.

(...)

Dois características essenciais da acção do intelectual são: saber usar bem a língua e saber quando intervir através dela.

(...)

Não tenho qualquer dúvida de que o intelectual deve estar ao lado dos fracos e dos que não têm representação.

Edward W. Said

1. CONHECENDO CALLADO PARA COMPREENDER *QUARUP*

Para compreender o romance *Quarup*, é necessário conhecer o seu escritor e a trajetória de vida que o impulsionou a se dedicar ao projeto literário de fazer dos seus textos um instrumento para a desalienação e conscientização do povo diante das injustiças do país.

“O autor de *Quarup*”, como ficou conhecido, era também jornalista, mas deixa clara sua preferência pela literatura em uma entrevista concedida à Lígia Chiappini Moraes.¹⁸

Em 1937, quando comecei a trabalhar em jornal, eu já tinha ganho um pequeno concurso de contos; devia ter uns dezesseis ou dezessete anos. Toda a vocação foi no sentido da literatura. O jornalismo foi a profissão mais afim que eu descobri para ganhar a vida com uma coisa que não fosse muito diferente daquilo que eu realmente queria fazer. Mas, no dia em que eu pude, saí do jornal; me aposentei e fui para casa escrever *Reflexos do Baile*.¹⁹

Cabe registrar que, para o estudo, são de grande valia as entrevistas concedidas pelo autor. Ao longo de sua carreira tem-se o registro das entrevistas nas quais demonstra preocupação em fazer com que a sua atividade intelectual, seja ela jornalística ou ficcional, tenha como objetivo a conscientização nacional compromissada com a transformação da realidade do Brasil. Para contribuir para o entendimento de Callado e da sua produção literária, tem-se a citação de outra entrevista, também à Lígia Chiappini, na qual o autor faz a seguinte colocação:

“Em todos os campos, artes, literatura, jornal, as pessoas estão começando a achar que o Brasil não pode continuar como está. Então aí me daria a esperança de que o intelectual, mais especificamente, o homem que escreve, portanto, que pensa...supõe-se não? Quem escreve, pensa. Que essas pessoas dessem uma contribuição muito maior. Porque o Brasil precisa da gente. A verdade é essa.”²⁰

Como intelectual, Antônio Callado não se exime do compromisso que possui com a nação e para consolidar seus ideais faz uso da linguagem como instrumento revolucionário e cria o romance *Quarup*, no qual se registram momentos históricos específicos e paralelamente a esses momentos percebe-se o processo de formação identitária das personagens.

¹⁸ Lígia Chiappini Moraes Leite é livre-docente em Letras pela Universidade de São Paulo e professora associada de Teoria da Literatura da USP.

¹⁹ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Entrevistas com Antônio Callado”. In: *Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 4.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 259.

A relevância do autor e o seu papel de intelectual direcionam o estudo da narrativa, que tem como objetivo, nesse capítulo, traçar cronologicamente fatos da trajetória de vida do autor, tendo como ponto de partida o seu nascimento e, resumidamente, o seu empenho direcionado à práxis revolucionária.

Callado nasceu em 26 de Janeiro de 1917 quando Niterói ainda era a capital do Estado do Rio de Janeiro. Era o quarto, último e único filho homem de Dario Callado, médico e poeta, e da professora Edite Pitanga Callado. A estabilidade financeira do casal foi suficiente para proporcionar oportunidades de estudo ao filho. Outras pessoas tiveram relevância na formação do escritor. O autor revela que era grande admirador do avô materno e esclarece que por intermédio das tias, da mãe e indiretamente do avô²¹ teve sempre contato com *um ambiente muito literário em casa*²² que o influenciou na formação e no prazer pela leitura. Para o autor, o avô tornou-se um exemplo de homem a ser seguido, conforme se observa abaixo:

(...) eu me lembro muito e com muita afeição do meu avô materno que, infelizmente morreu na gripe espanhola, quando eu tinha uns dois anos. Ele era do Instituto Histórico e Geográfico e gostava muito de índio, de estudar esse assunto. (...). Então esse negócio de índio é uma espécie de parte da minha infância, também.

(...)

A presença do meu avô lá em casa, através dela [da mãe de Callado], era algo muito interessante, e sua influência foi, por essa via e, também, através das tias, muito grande na minha formação.²³

Quanto às mulheres que o cercavam, Callado referiu-se a elas, numa entrevista concedida ao *O Globo*: *Sempre fui cercado de mulheres fortes: minha mulher, minha filha, minha mãe, que era uma figura mais decisiva que meu pai.*

Seus pais possuíam uma vasta biblioteca onde Callado teve contato com os primeiros livros de poesia e compreendeu que seu caminho não trilharia apenas o ato de ler, mas também o de escrever, fato percebido, segundo o autor numa residência distinta daquela onde passou a primeira infância. Era (...) *uma outra casa, da rua Passos da Pátria, foi aquela onde (eu me lembro perfeitamente) nasceu em mim a determinação de escrever.*²⁴

São contribuições da família, na vida de Callado, a determinação de escrever e a influência religiosa. Callado deixa claro o ambiente religioso que os envolvia e como a

²¹ O termo “indiretamente” refere-se ao fato do avô materno ter falecido de gripe espanhola quando Callado tinha apenas dois anos de idade. Toda a influência que ele diz ter recebido do avô foi por meio da mãe, *que tinha verdadeira adoração pelo pai, homem muito gostável* (...).

²² LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado”. In: *Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982, p. 250.

²³ Idem, ibidem, p. 250.

²⁴ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Antônio Callado”, São Paulo: Editora Abril, 1982. p. 3.

religiosidade estava presente também no ambiente escolar que frequentava. A educação religiosa do autor pode ser comparada à da personagem Padre Nando. Sobre isso o autor faz o seguinte comentário:

A gente está em todas as personagens. É claro que, no caso de Nando, havia uma identidade quase que de geração, da minha geração, em relação a geração de Nando. Apenas, no caso dele fica tudo ainda agravado porque ele era padre. Mas o tipo de educação, o tipo de treinamento religioso era muito semelhante. Acho até difícil comunicar isso às pessoas hoje porque mudou tão bruscamente e drasticamente... Ainda há aulas de catecismo, por exemplo, hoje, mas era uma questão de intensidade. Não só na escola. Aí era apenas uma parte da educação religiosa, mas era toda uma pressão familiar, as tias... os amigos, todo o mundo se conhecia... é uma coisa que mudou de maneira tão fantástica que é difícil explicar hoje em dias às pessoas.²⁵

Por ter vivido na Europa não descartava a influência de autores estrangeiros, entre eles, James Joyce ou Marcel Proust, contudo não se esquecia dos autores brasileiros como Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Machado de Assis e Guimarães Rosa. Seu contato com esses autores aconteceu precocemente, pois desde muito jovem, Callado já trabalhava e escrevia como jornalista, atividade comum a muitos escritores. O fato de trabalhar cedo se deve a dois fatos: ao falecimento do pai, vítima de tuberculose pulmonar, quando ainda tinha onze anos de idade, e do inesperado desequilíbrio financeiro pelo qual a família passou.

Em 1937, ano em que Getúlio Vargas implantou o Estado Novo, Callado foi contratado como jornalista pelo *Correio da Manhã*, e iniciou sua carreira convivendo com a pressão característica do período a que se submeteu toda imprensa do Brasil durante o governo vigente.

Sobre o início de carreira como jornalista no *Correio da Manhã* lê-se a seguinte colocação do autor de *Quarup*:

Em novembro de 1937, aos vinte anos, iniciei minha carreira jornalística no *Correio da Manhã*. Apresentei-me a Paulo Bittencourt, parente distante, com uma carta de recomendação. Lida a carta, depois de ter sido avisado de que a questão de parentesco nada significaria no jornal, fui encarregado de fazer uma reportagem, como experiência, algo sobre Niterói. Esmerei-me no trabalho, mas, quando mostrei ao diretor, vi que fizera uma crônica em vez de uma reportagem. Mas como estava bem escrito, deram-me nova oportunidade. Dessa vez acertei, e fui empregado.²⁶

²⁵ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado”. In: *Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982, p. 237.

²⁶ MARTINELLI, Marcos. *Antonio Callado, um sermonário à brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 46.

Para situar a carreira de Callado nesse conturbado momento político tem-se alguns esclarecimentos sobre o autoritarismo desse período que teve início com o Golpe de 1937 e se estendeu com o Estado Novo, sendo decisivo para que Getúlio Vargas pudesse não só se manter no poder, mas se manter com poderes totais. Iniciou-se uma ditadura no país e uma forte propaganda favorável ao governo. O Estado Novo estabeleceu uma nova Constituição para o Brasil e garantiu que Getúlio Vargas governasse sem limites de mandato. Cabe registrar que o Golpe foi possível devido a uma estratégia falsa elaborada pelo capitão Olímpio Mourão Filho, o mesmo que seria o iniciador do Golpe Militar de 1964. Tal estratégia consistia na divulgação de um projeto supostamente elaborado pelos comunistas para assumirem o poder no Brasil, conhecido como Plano Cohen. Como o comunismo possuía uma representação negativa na sociedade brasileira, Getúlio Vargas se aproveitou do documento para decretar no Brasil o Estado de Sítio e conseguindo com isso uma situação de restrição de direitos e concentração de poderes que, durante sua vigência, aproxima um Estado sob regime democrático do autoritarismo.

Paralelamente à sua carreira jornalística, Callado, em 1939, forma-se em Direito, mas nunca advoga e continua com sua função de jornalista/escritor. Trabalha em *O Globo* e em 1941 vai para Londres como correspondente na Rádio BBC para cobrir a Segunda Guerra Mundial. A partida para Londres gerou o seguinte comentário do escritor: *Queria ver de longe essa periferia fascista que era o Brasil de 1941.*²⁷ Sua intenção era ficar apenas seis meses, mas sua permanência durou mais. Casou-se e teve três filhos com sua esposa inglesa Jean Watson. Depois de Londres segue para Paris *trabalhando no Serviço Brasileiro da Radio-Diffusion Française*. Volta ao Brasil em 1947 com o objetivo de “descobrir” o seu país.

O que lhe proporcionou tal “descoberta” foi a continuidade da sua atividade jornalística, pois chegando ao Brasil, retoma seu trabalho no *Correio da Manhã* e se destaca pelas reportagens que escreveu durante as viagens que fez. Essas reportagens, futuramente, renderiam matéria-prima para seus romances. De 1954 a 1959 ocupa o cargo de redator-chefe, ainda no *Correio da Manhã* e, em fins de 1959, viaja ao Nordeste para escrever sobre as Ligas Camponesas e publica as reportagens no jornal em que trabalhava, embora soubesse que o jornal posicionava-se de forma contrária à reforma agrária.

Em 1960, Callado deixa o *Correio da Manhã* para trabalhar como editor da versão brasileira da Enciclopédia Britânica. Em 1963 retorna ao jornalismo e também ao Nordeste, só que desta vez para escrever reportagens ao *Jornal do Brasil* onde já ocupava o cargo de

²⁷ CALLADO, A. *Antônio Callado*. p. 71.

editorialista. Cabe retornar ao ano de 1962 e citar que esse foi o ano da derrota das forças conservadoras e da eleição de Miguel Arraes para governador do estado de Pernambuco. Nessa viagem ao Nordeste, o autor jornalista faz uma grande cobertura em apoio ao governo de Miguel Arraes, conforme o próprio explica:

Pretendo, nesta série de reportagens que aqui se inicia, mostrar como me convenci de que Pernambuco saiu de uma marasmo de quatrocentos anos para uma marcha redentora. É por enquanto uma revolução manhosa, mas será heróica se for necessário. Eu prefiro, tendo conhecido o Pernambuco de 1959, quando o processo mal despontava no Engenho da Galiléia, ao que lá vi agora. E acho que se o atual Governador não aprovasse o que está acontecendo no Estado, não haveria apenas uns poucos camponeses mortos, e sim chacinas e o IV Exército garantindo a ordem. Acho que é uma revolução que merece viver. Acho, mesmo, que já não precisa de licença de ninguém para viver.²⁸

O resultado dessa viagem é o livro-reportagem *Tempo de Arraes – a revolução sem violência*, publicado em 1964, ano em que:

(...) os militares tomariam o poder e alijariam as forças consideradas de esquerda do poder. Mas, se o fato jornalístico perdera sua importância, Callado não perderia a oportunidade de publicá-los, neste mesmo ano, por uma pequena editora, José Álvaro, como um livro de testemunho histórico. Como diz no seu prefácio: “Até os últimos dias de março o livro que vão ler era, de acordo com o chavão, de uma “palpitante atualidade”. Hoje, é uma evocação histórica”.²⁹

O texto e prefácio do autor, publicado por Martinelli no livro *Antonio Callado, um sermonário à brasileira* contribui para o entendimento do capítulo intitulado “A palavra” do romance *Quarup*.

Após um breve período que trabalhou no *Jornal do Brasil*, Callado retorna à sua função de redator-chefe do *Correio da Manhã*, mas mantém-se por pouco tempo no cargo, pois o autor fora obrigado, em razão de problemas empresariais com o regime militar, a pedir demissão.³⁰ A demissão de Callado acontece em solidariedade a alguns colegas que sofreram pressões políticas e foram obrigados a deixar o jornal. Neste período o autor encontra-se desempregado e pela primeira vez em sua carreira literária pode dedicar-se exclusivamente a escrever um livro.

Cabe lembrar que, apesar de ter demorado muito tempo para que Callado pudesse sentir-se um escritor profissional, sua produção escrita é vasta. A partir de 1950, o autor

²⁸ CALLADO, A. *Tempo de Arraes – a revolução sem violência*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, p. 61.

²⁹ MARTINELLI, Marcos. *Antonio Callado, um sermonário à brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 71.

³⁰ Idem, ibidem, p. 216.

destaca-se pelos inúmeros trabalhos jornalísticos e pela extensa produção ficcional. Na sequência, verificam-se, cronologicamente, suas reportagens, textos para o teatro e romances. São eles:

As reportagens intitulam-se *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1959), *Tempo de Arraes* (1964), *Vietnã do Norte* (1977), *Passaporte sem carimbo* (1978) e *Entre o deus e a vasilha* (1985).

No teatro tem-se *O Fígado de Prometeu* (1951), *A Cidade Assassinada* (1954), *Frankel* (1955), *Pedro Mico* (1957), *O Colar de Coral* (1957), *O Tesouro de Chica da Silva* (1959), *Uma rede para Iemanjá* (1961), *Forró no Engenho Cananéia* (1964) e *A revolta da cachaça* (1983).

Os romances escritos são *Assunção de Salviano* (1954), *Madona de Cedro* (1957), *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976), *Sempreviva* (1981), *A expedição Montaigne* (1982), *Concerto Carioca* (1985) e *Memórias de Aldenham House* (1989). Em 1957 escreve a biografia *Retrato de Portinari* e em 1993 o conto *O homem cordial e outras histórias*.

Para estudo do romance *Quarup*, pertencente ao *corpus* do trabalho, destacam-se duas reportagens, acima relacionadas na produção escrita do autor, que serviram como referência para elaboração da narrativa. A primeira, *Esqueleto na Lagoa Verde*, pode ser considerada o ponto inicial para a criação do romance e é um dos mais fascinantes relatos jornalísticos. Em *Esqueleto na Lagoa Verde*, Callado escreve sobre uma expedição de que participou em busca dos ossos de um inglês que morreu entre os índios. O fato que envolve o coronel britânico Percy Harrison Fawcett aconteceu em 1925 e se trata da busca, no interior do Brasil, por uma cidade perdida no sertão. Não era a primeira vez que tal busca acontecia, mas foi a derradeira, pois Fawcett e seus companheiros de expedição desapareceram na mata. Em 1952, após vinte e sete anos do fato acontecido, Callado foi ao Xingu em uma viagem organizada pelos Diários Associados de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, um dos homens públicos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 e 1960, destacando-se como jornalista, empresário, mecenas e político.

Chateaubriand foi também advogado, professor de direito, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Um magnata das comunicações no Brasil entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1960, dono dos Diários e Emissoras Associados, o maior conglomerado de mídia da América Latina, que em seu auge contou com mais de cem jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agência telegráfica.

Além de Chateaubriand, Callado cercou-se também da colaboração do sertanista Orlando Villas Boas e do filho do coronel, Brain Fawcett e todos juntos chegaram ao local onde supostamente encontrava-se a cova com os ossos de Fawcett. Para Callado essa experiência serviu de inspiração e preparou o caminho para a construção da narrativa que o consagrou, evidenciando o uso, em seu texto, da ligação entre realidade e ficção. Cabe registrar que não foi essa a sua primeira viagem à Amazônia. Em 1947, Callado já havia percorrido o rio Amazonas de Belém a Manaus em uma gaiola.

Quanto à ligação entre realidade e ficção, nota-se em *Quarup* essa recorrente relação, pois, além dos fatos históricos, tem-se a presença de personagens reais que foram retiradas de suas reportagens e inseridas à sua ficção. Como por exemplo, o índio Anta. No romance, o autor apresenta a personagem Anta como um *homem desencrenado* e que possui um comportamento semelhante ao Anta real da reportagem que deu origem ao livro *Esqueleto na Lagoa Verde*. No livro, tem-se o capítulo “Retrato do artista como um índio jovem”, e o trecho abaixo, retirado do mesmo capítulo, exemplifica a semelhança do comportamento de ambos, embora se refira ao Anta real, com quem Callado conversou para escrever a reportagem.

O Anta, em suma, em toda a tribo, parecia o mais próximo de ser aquilo a que damos o nome de artista, esse que nasce com a missão de nem cavar a terra e nem lutar, que busca o ócio como a planta busca o Sol, como a flecha busca o pássaro. Quando ele me apareceu um dia no terreiro tocando uma flauta confirmaram-se as minhas suspeitas.

- Você fez a flauta, Anta?

- Não, pai da noiva fez.

Mas ele tocava a flauta e era ele o que mais parecia sonhar, quando se deitava nas redes armadas pelos caraíbas ou parava à porta da cozinha na hora da nossa comida. Nele começava a se redimir a “selvageria” da tribo.³¹

No romance, é com um índio capaz de redimir a “selvageria” da tribo, com quem a personagem Sônia foge, caracterizando o repúdio à civilização machista dos homens que a cercavam, conforme explícita o trecho abaixo:

(...) Sonia saiu andando na frente, sozinha, puta da vida, não tanto porque se fosse o ministro ou viesse o Falua e ficasse o Ramiro, mas com o sexo masculino em geral. O troço enche. Homem enche. Sem homem naturalmente o mundo era uma droga. Mas por que é que homem não havia de ser surdo-mudo (...).³²

³¹ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 103.

³² CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 198.

Outra semelhança no comportamento, que ilustra o entrelaçamento de história e ficção sobre a personagem Anta, refere-se à alma de artista dos dois índios, pois é o Anta da narrativa ficcional o responsável em aprontar *o quarup da festa, Uranaco, e não o quarup dos mortos menores*. (CALLADO. 2006, p. 225). Segue a observação feita por Nando que explicita o esmero da personagem:

(...) quem mais se esmerava em compor o canitar com penas de arara e de gavião era o Anta, único que usava como medida sua flauta de cana. (...) Canato, Apucaiaça, Sariruaá, pintavam o peito de seus quarups mergulhando os dedos nas panelas de urucum, de fuligem, jenipapo, mas o Anta, que a polira antes esfregando-a com galhos tenros, molhava nas tintas a vareta com chumaço de algodão. O próprio cinturão de algodão tinto em muitas cores e que se amarrava na cintura do quarup saiu da mão do Anta como se o Anta passasse a vida fazendo cinturões para tuxaua morto quando na realidade todos sabiam que passava a vida tocando flauta na beira do rio.³³

É esse índio *desencrencado* e artista que resolve o problema da dançarina. É com ela que Anta foge para longe, muito longe, permitindo à Sônia uma vida distante dos homens “civilizados”. Conforme o texto de Callado: Sônia (...) *tirou o vestido que largou ali mesmo sem pena nenhuma na beira do caminho e foi nua em pelo na trilha do seu homem, que se embrenhou mais e mais na mata* (...). Ao longo da narrativa, Sônia é apenas citada por outras personagens e o leitor não tem mais nenhuma informação sobre o casal que *cada vez entraram mais na mata ele e ela como um fiinho de Tuatuarizinho de nada se perdendo para todo o sempre no marzão verdão do matagal* (...).³⁴ A cena de fuga das duas personagens relembra o tema já abordado anteriormente por escritores brasileiros, Anta e Sônia, como Peri e Ceci, do romance *O Guarani*, de José de Alencar, juntos partem.

Além de todas as já citadas contribuições das reportagens feitas por Callado, têm-se outras informações consideradas relevantes para compreender questões abordadas no romance *Quarup*, como por exemplo, situações que envolviam as Ligas Camponesas, sob o governo de Arraes e que caracterizavam as mudanças ocorridas neste período. Callado aborda, nesses textos jornalísticos, as forças políticas, especialmente do líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião, cujo objetivo era lutar pela distribuição de terras e pelos direitos dos camponeses.

Ao ler o romance, percebe-se que algumas cenas foram *transplantadas quase em estado bruto do texto jornalístico para o texto literário*. Como aconteceu com a transferência

³³ CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 225.

³⁴ Idem, ibidem, p. 243.

da personagem Anta para a ficção, o autor inspirando-se na trajetória de vida do pernambucano Francisco Julião, advogado formado em Recife e que foi líder das Ligas Camponesas em 1955, cria a personagem Januário, que no romance *Quarup*, é também líder das Ligas Camponesas. Outro exemplo é padre Hosana, personagem criada a partir de um padre que possuía o mesmo nome, padre Hosana de Siqueira e Silva, que era pároco da cidade de Quipapá, e que disparou três tiros no bispo Dom Francisco Expedito Lopes. O crime que abalou Pernambuco é motivado pelo mesmo conflito abordado por Callado em sua narrativa: um romance proibido entre o padre Hosana e sua prima.

Com esses exemplos, ilustram-se, no decorrer da narrativa, as frequentes recorrências à realidade para a construção de sua ficção. Tal postura do escritor, no que diz respeito a essa confluência entre ficção e realidade e do uso de pessoas reais que faziam parte da história do país, condiz com a colocação feita por Carlos Heitor na “orelha” da 2ª edição do livro de Callado *“Madona de Cedro”*, publicada em 1968, que aborda da seguinte forma a obra do escritor:

Callado foi um homem que, depois de passar alguns anos no estrangeiro, voltou ao Brasil e quis comer e beber o Brasil. Tanto em sua ficção como em seus artigos de jornal, optou por aquilo que de mais genuíno encontrou em sua terra: índios, camponeses, favelados, Aleijadinho, Portinari, Arraes e Julião, Nando (...).

Com o passar dos anos, Callado tornou-se cada vez mais descrente com a situação política do país. O retorno ao Brasil deu-lhe otimismo e esperança, mas diante da política injusta e revoltante que presenciava, seu otimismo foi substituído por total desesperança. Mesmo inconformado com a política vigente e os rumos do Brasil, Callado mantinha-se coerente com seus ideais e se conservou presente na militância dos movimentos de resistência pela democracia. Considerava-se um *homem de esquerda* e mesmo nunca tendo filiado-se a nenhum partido, demonstrava sempre firmeza em suas convicções e se comprometia com a criação de produções cujo engajamento político estivesse sempre aliado à transformação social. É com esse ideal de literatura, associando viagens e jornalismo, que nasce *Quarup*, um dos romances mais engajados da literatura de esquerda do Brasil.

Em uma entrevista à Lígia Chiappini, Callado explica que sua relação com o jornalismo e a literatura não são *fatores necessariamente contrários* e justifica dizendo que:

(...) viagem e jornalismo andam sempre juntos, mas eu diria que viagem e literatura também. (...) Na Inglaterra, no início, não sentia muitas saudades do Brasil. Mas, depois, bateu uma saudade enorme e, voltando, logo que eu pude, dei um jeito,

*como jornalista, de viajar. Fui ao Xingu conhecer os índios, e me deu uma paixão pelo Brasil, e um desejo de ver essas coisas que o brasileiro raramente vê.. (...) Quarup, para mim, era a organização deste país que eu tive diante de mim quando voltei. Estava voltando para um Brasil muito promissor: Constituição de 1946 novinha, cheirando bem, o país parecendo caminhar em direção aos frutos bons da guerra que eu havia presenciado tão de pertinho.*³⁵

Cabe citar que, como diz Callado, *o negócio de índio é uma espécie de parte da minha infância (...)*. O autor faz essa afirmação devido ao fato de que seu avô materno ter trabalhado no Instituto Histórico e Geográfico e gostava muito de índio. Tal influência comprova-se quando Callado, ainda funcionário do *Correio da Manhã*, já podia escolher os assuntos que lhe agradavam e uma de suas escolhas foi uma viagem que fez ao Xingu e que futuramente lhe rendeu material para escrever *Quarup*. A seguir tem-se uma explicação do autor:

*Quarup é fruto de um contato jornalístico que eu pude fazer por escolha própria. (...) quando resolvi conhecer os índios selvagens. Fiz uma série de reportagens e a impressão que aquilo me causou foi tão forte, tão profunda, que guardei esse material para depois elaborar um romance.*³⁶

É fato que o romance foi um marco na produção de Callado, sendo considerado o início de sua fase engajada. Se, anteriormente ao golpe militar de 1964, sua postura política era percebida em suas atividades jornalísticas, a partir de *Quarup*, sua ficção tornou-se muito mais significativa. O romance foi considerado o retrato do Brasil que Callado viu desfazer-se sob o domínio de um governo autoritário.

Aliado ao desejo de lutar pelos seus ideais, havia uma particularidade que se mantinha inabalada e que lhe rendeu muitos comentários. Seu jeito elegante era sempre lembrado e pode ser resumidamente explicado pela colocação de sua segunda esposa, a jornalista Ana Arruda Callado, na seguinte observação na décima nova impressão de *Quarup*: *Antônio Callado sempre fez tudo assim, muito suavemente, sem estardalhaço. Quebrava pedras sem fazer barulho*. Se essa era a fama do escritor, não havia motivo para o Governo Militar se preocupar com ele. Mas, o contrário acontecia. Por ser um intelectual de esquerda, denunciar as opressões sofridas e o que considerava injusto no Brasil foi preso, mais de uma vez, durante o regime militar. Usava como ferramenta de denúncia seus textos jornalísticos e romances ficcionais que expunham sua posição ideológica. Criticava duramente os rumos do

³⁵ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Antônio Callado”, São Paulo: Editora Abril, 1982. p. 5

³⁶ Idem, ibidem, p.4.

país, conforme declarou, em 1976, à Revista *Veja*: *infelizmente o Brasil é um país desmemoriado demais para meu gosto*.

Uma das situações imposta pelos militares que o incomodou e desencadeou a sua primeira prisão, ainda no governo militar, ficou conhecida como o caso dos “oito do Glória”. Nessa época, 1964, estava desempregado, pois havia pedido demissão em solidariedade a alguns amigos que foram obrigados, por pressão política e econômica, a abandonar o jornal *Correio da Manhã*. Como cidadão sentia-se mais livre e sem a responsabilidade exigida pela função de jornalista podia assumir posições políticas mais engajadas. Foi o que aconteceu em novembro de 1965. Os militares organizaram uma reunião com a Organização dos Estados Americanos e tinham o objetivo de se firmarem internacionalmente e convencerem a opinião internacional de que a política no Brasil não tinha opositores e que aqui se vivia em perfeita harmonia com o regime vigente. Callado, inconformado com a situação, organizou um protesto em frente ao hotel Glória para impedir que os militares concretizassem seus propósitos. Durante a manifestação foram detidas oito pessoas, sendo eles Antônio Callado, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Flávio Rangel, Carlos Heitor Cony, Jaime Azevedo Rodrigues, Márcio Moreira Alves e Mário Carneiro. A prisão aconteceu para a satisfação do organizador do protesto, pois o que havia deixado Callado ansioso era a possibilidade de não serem presos, pois a prisão seria fundamental para que a repercussão alcançasse a imprensa e fosse divulgado que, no Brasil, havia sim oposição ao regime militar, contrariando o que havia sido afirmado pelos militares. Caso contrário, o protesto teria sido um fracasso. Tem-se a colocação de Callado sobre a sua primeira prisão em uma entrevista concedida à Lígia Chiappini:

Bom, a primeira vez foi ali no largo São Francisco, logo depois de 64. E logo fui solto. Nós tínhamos uma reunião da OEA no Rio e a própria Organização dos Estados Americanos anunciou ao governo Castelo Branco que ia fazer a reunião em Washington; achamos mais prudente fazer lá. Mas o governo não quis saber e disse que não, que estava tudo muito calmo, o povo todo muito calmo. Então eu achei aquilo um desaforo. Aquilo tudo parado. E, com mais outros intelectuais, fomos para a porta do local da reunião e fizemos uma manifestação. (...) gritávamos “abaixo a ditadura”, e a polícia veio.³⁷

Em 1969 teve seus direitos políticos cassados por dez anos e ficou proibido de trabalhar como jornalista durante dois meses. O pessimismo que se abateu sobre o escritor, somado à descrença no país, foram significativos para alguém que, como ele, havia dedicado

³⁷ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado”. In: *Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982, p. 238.

toda a vida lutando e acreditando na utopia de uma transformação social para o Brasil.

Como jornalista, Callado ocupava um lugar privilegiado. Tal prestígio permitiu que, através de inúmeras viagens, conhecesse o Brasil e se dedicasse a escrever reportagens de cunho social. Sobre o Nordeste escreveu as seguintes reportagens: *Industriais da Seca e os Galileus Pernambucanos* (1959) e *Tempos de Arraes: a revolução sem revolta* (1963-1964) que evidencia como uma sociedade verdadeiramente democrática estava começando a se formar em Pernambuco no início dos anos sessenta. Ambas tornaram-se fonte de pesquisa obrigatória para estudos que envolvessem os movimentos políticos e socioculturais em Pernambuco durante aquele período. Esse engajamento político é explicado pelo próprio autor, na entrevista que concedeu à revista *Veja*:³⁸

(...) Não acho que seja absolutamente obrigatório o autor fazer uma obra de cunho político. O que me choca é a tendência crescente de nossos grupos intelectuais se alienarem da vida do país. Quanto a mim, ainda que pudesse ou sentisse possibilidade de fazer uma obra literária inteiramente abstrata, jamais conseguiria ir contra minha natureza: preciso, sempre, exprimir alguma coisa.

Como escritor de ficção, Callado é reconhecido a partir da publicação dos primeiros romances: em 1954 escreve *Assunção de Salviano* e, em 1957, *Madona de Cedro*. Nessas duas narrativas destacam-se, não apenas a questão política, mas outro elemento marcante em suas obras, a religiosidade. Como já mencionado, anteriormente, também se nota presente em *Quarup* essa questão, conforme o próprio autor explica:

*“Eu tinha uma preocupação religiosa – muito menor hoje, infelizmente. Eu fui (...) absolutamente criado dentro de uma família (católica). Meu pai, por exemplo, era livre pensador, que era mais chique. Minha mãe também não era muito da igreja, mas tinha tias católicas e tinha o colégio. E, no colégio, se não passasse em História Sagrada, também levava pau no fim do ano. Fui educado naquilo. Li muito sobre santos, os sacrifícios, a própria história dos jesuítas na colonização, tudo me marcou de uma maneira indelével. Então, em *Quarup*, eu tive muito a ideia do que estava acontecendo comigo, quer dizer, eu estava largando aquilo, mas em nome de um marxismo que em grande parte herdava a coisa religiosa.”³⁹*

Em *Quarup* tem-se como protagonista o Padre Nando, que planeja ir ao Xingu não apenas para catequizar os índios, mas com o objetivo maior de dar continuidade ao projeto dos jesuítas do século XVII que teve fundamental importância para o Brasil. Padre Nando,

³⁸ COELHO, João Marcos. Em nome da consciência. *Veja*, Jul. 1976, p. 3.

³⁹ RIDENTI, Marcelo. “A guerrilha de Antonio Callado. Entrevista de Antonio Callado a Marcelo Ridenti”, p.26 (In: KUSHNIR, Beatriz (org.). **Perfis Cruzados. Trajetórias e militância política no Brasil**. Rio de Janeiro, Imago, 2001.p.p. 23 a 53).

para realizar seu intento, almeja fundar uma nova República Guarani, baseando-se nos modelos dos jesuítas no Sul do Brasil e que serviria para o mundo como referência de organização cristã e comunista. Na narrativa, Padre Nando explica para o casal de ingleses recém-chegados, o que significou o trabalho dos jesuítas:

*- Uma República cristã e comunista que durou século e meio, minha senhora. Incrível a displicência de historiadores diante da maior experiência social que se fez sem dúvida na América e que possivelmente foi a maior do mundo desde o Império Romano – continuou Nando. (...) Hoje só restam ruínas, dignas ruínas, mas ali se provou durante cento e cinquenta anos, que com índios se poderia retomar, refazer o império sem fim e criar na América uma República teocrática e comunista, na base do cristianismo dos Atos dos Apóstolos. Com seres novinhos ainda da Criação dava-se o salto definitivo para uma nova sociedade mundial (...)*⁴⁰

Callado evidencia em seu romance, principalmente na postura do protagonista, as mudanças ocorridas no discurso da Igreja Católica. Tais transformações comprovam-se nas atitudes de alguns religiosos que demonstraram que a fé havia deixado de ser a única possibilidade de se alcançar a Deus, pois a busca pela justiça social e a humanização da sociedade são, na década de 60 e 70, caminhos distintos para seguir os ensinamentos da igreja. O fato que desencadeou a nova postura da igreja originou-se devido à sensibilidade de alguns padres diante da miséria do povo, e a forma que encontraram para contribuir foi aliando-se à mobilização popular de luta contra os latifundiários e contra a ditadura militar brasileira. Na narrativa, o autor deixa clara a postura autoritária do coronel Ibiratinga e se percebe, através do diálogo entre padre Nando e o coronel, a opinião de ambos em relação aos novos rumos da igreja.

- (...) O importante é saber como é que o senhor papa hóstias manda torturar seus semelhantes. Como é que se arroga o direito de atormentar as criaturas?
(...)
-Arrogo! Assumo e abraço os deveres inquisitoriais. Nós somos ungidos e sagrados agora. A Igreja transformou-se nisto que o senhor está vendo: o senhor mesmo, Hosana, André, Gonçalo. A Igreja acabou em 1961. O que existe no mundo de santo e de grave passou do Vaticano para nós, para o Exército. O Brasil começa conosco, começa agora.⁴¹

Nesse momento conturbado da história do país e de transição da Igreja Católica, o autor situa a personagem Padre Nando e faz dele o herói comemorado pela esquerda do Brasil. No decorrer da narrativa percebe-se a tomada de consciência do protagonista diante da

⁴⁰ CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 21.

⁴¹ Idem, ibidem, p. 438.

realidade e da miséria do povo brasileiro. Entende-se que a arte de Callado exercia a função político-social de resistência e denúncia e é com esse perfil revolucionário que em 1967, o escritor publica *Quarup*, romance que o consagrou e que apresenta a revolução como uma possibilidade para resolver os problemas vividos no país.

Entre viagens, prisões e reportagens, Callado, em 1975, com aproximadamente 60 anos de idade, finaliza sua carreira jornalística e se aposenta para se dedicar aos romances. Com o objetivo de conseguir um dinheiro extra, continua com serviços esporádicos e ainda colabora com a imprensa. Mas, sobra-lhe tempo para se dedicar às artes literárias. Seu primeiro romance depois da aposentadoria foi *Reflexos do baile*. Várias vezes enfrentou críticas quanto à influência do seu estilo jornalístico na estrutura de seus romances. Não se sabe ao certo o motivo verdadeiro, mas quando se aposenta dedica-se a escrever de forma diferente: abandona a máquina de datilografar e passa a escrever seus textos à mão. Fica a dúvida quanto à influência que a mudança ocorrida na forma de escrever pode ou não interferir na sua produção romanesca.

Somente na década de 80, Callado é reconhecido no meio acadêmico como um autor de resistência ao regime militar. Durante o período de redemocratização do país, Callado, em 1985, recebe o Prêmio Brasília de Literatura, pelo conjunto de sua obra. Em 1986, no governo de Leonel Brizola, recebe o Prêmio Golfinho de Ouro. Em 1988, na categoria romance, recebe o prêmio Nestlé. Em seguida, por ter sido o intelectual do ano, recebe o troféu Juca Pato. E em 1994 resolve aceitar o convite da Academia Brasileira de Letras.

Aos 80 anos de idade, em 1997, Callado é vítima de um câncer.

2. APRESENTAÇÃO DO ROMANCE

Desde a sua publicação, *Quarup* causa divergências sobre sua qualidade. No ensaio de Lígia Chiappini *Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado* encontram-se depoimentos de vários críticos literários posicionando-se de forma divergente quanto ao romance. Os críticos que mais fizeram restrições ao livro foram Nelson Werneck Sodré e Paulo Hecker Filho. Para Nelson ... *A dificuldade em analisar o romance de Antônio Callado está ligada ao fato de que se trata de um livro gordo, abundante, que se multiplica em aspectos menores, que perde em unidade por isso, e não pela extensão em si. Podado,*

reduzido, teria resultado sem dúvida mais forte, mais denso (...). Para Paulo Hecker Filho a crítica negativa à narrativa de Callado resume-se na seguinte colocação: *é o romance de um jornalista.*

Tais comentários destoam das colocações favoráveis do cineasta Glauber Rocha, Helio Pellegrino e Ferreira Gullar que receberam de forma elogiosa o romance e compreendem que:

(...) *Quarup* seria expressão do novo momento político e econômico do Brasil do pós-guerra e o questionamento radical das nossas instituições patriarcais. Apesar do retrocesso político que o país sofreu em 64, *Quarup* seria um livro otimista e esperançoso porque vê as “forças revolucionárias do progresso” que fervilham sob a ditadura recém-instalada. (...) ⁴²

Diante de críticas favoráveis e desfavoráveis, *Quarup* ocupa lugar de destaque na literatura brasileira como o romance de esquerda que, a partir da ação das personagens, consegue resgatar situações vividas no Brasil e que foram manipuladas ou omitidas pela história. Para compreender a relação existente entre o autor e o contexto social conturbado da época, cabe lembrar a sua coletânea de reportagens sobre o governo de Miguel Arraes e o prefácio escrito pelo próprio Callado, depois de acontecido o Golpe de 1964, para perceber a profunda distopia que se abateu sobre a esquerda nacional.

“Até os últimos dias de março de 1964 o livro que vão ler agora era, de acordo com o chavão, de uma ‘palpitante atualidade’. Hoje, é uma evocação histórica. Com fulminante rapidez o movimento militar de 1º abril transmutou em passado a mais viva experiência social já tentada no Brasil. Estas reportagens, tão recentes, não se referem a mais nada que exista. Nada. Os fatos aqui narrados deixaram de ser. Uma severa intervenção militar torna difícil até mesmo saber o que está acontecendo a alguns dos principais criadores da revolução social que se realizava em Pernambuco: seus vultos andam esfumados e vagos como se a poeira dos séculos tivesse caído sobre eles em meses.” ⁴³

É nesse clima de distopia que o autor constrói sua narrativa, internaliza os impasses político-sociais da sua época e consegue uma escrita coerente com o momento histórico vivido, permitindo que o protagonista Nando adquira consciência do mundo e possa agir de forma que contribua para a transformação da sua história pessoal aliada aos sonhos coletivos de todo um período. Entende-se que *Quarup* enquadra como “romance de formação”, pois se trata de uma narrativa que busca evidenciar o processo de formação da personagem padre Nando por meio do convívio social.

⁴² LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado*. In: *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 133.

⁴³ CALLADO, Antônio. *Tempo de Arraes – a revolução sem violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 33.

O autor narra a ação em terceira pessoa e o narrador é onisciente, pois é capaz de invadir a intimidade das demais personagens e revelar, ao leitor, seus pensamentos mais íntimos. Essa forma que se apresenta a voz narrativa, muitas vezes permite confusão da voz do narrador com a voz do protagonista, pois o narrador abre mão da sua neutralidade no momento em que se envolve emocionalmente com a personagem Nando.

O tempo da narrativa é cronológico e as ações têm a duração de dez anos, sendo seu início na década de 50, com o Governo de Getúlio Vargas e o término em 1964, logo após João Goulart ser deposto, culminando com o início das torturas sob o comando da Junta Militar que antecedeu ao governo de Castelo Branco.

O romance, através da trajetória do protagonista, tem início no mosteiro em Recife, segue para o Rio de Janeiro, onde Nando tem o objetivo de captar recursos para a sua ida ao Xingu. Quando chega ao seu sonhado destino, Nando depara-se com o Xingu completamente abandonado pelas autoridades. A narrativa retorna a Pernambuco, culminando com a sua partida para a guerrilha. Na sequência dos sete capítulos que compõem a narrativa “O Ossuário”, “O Éter”, “A Maça”, “A Orquídea”, “A palavra”, “A Praia” e “O Mundo de Francisca” e dos deslocamentos do protagonista percebe-se a ligação existente entre a reeducação pessoal de Nando com as transformações sociais e políticas que aconteceram no país. Paralelamente, o autor expõe aos leitores situações diversas da realidade brasileira e diferentes tipos sociais que assumem ideais distintos. Alimentando-se de toda a experiência vivida nos espaços do romance, Nando vai acumulando informações que contribuirão para a sua transformação pessoal e culminarão com o desfecho do ex-padre que se transforma em herói e guerrilheiro.

No início do romance, “O Ossuário”, tem-se o contraste da vida eclesiástica do padre Nando com a conduta militante de Levindo, revolucionário que trabalhava para a organização das Ligas Camponesas. O capítulo tem início no mosteiro, quando estavam *Vivos ali só Nando com a lamparina de querosene e Cristo na luz da sua glória* (CALLADO, 2006, p. 11) e, em contraste com a “santa” cena tem-se o momento em que as preces do padre foram interrompidas e (...) *Nando não chegou a se apagar na meditação da morte porque foi ferida por um tom vermelho. Que podia ser? Que vermelho era aquele entre as cores sujas do ossuário?(...)*. (CALLADO, 2006, p. 12). Era Levindo, com a mão ensanguentada, depois de levar um tiro por participar da luta dos camponeses contra o usineiro Zé Quincas, da usina Estrela. Na sua conversa com Nando, Levindo, explica o motivo do tiro: defendia os direitos

dos camponeses e lutava contra as condições de trabalho impostas aos trabalhadores pelos latifundiários.

O recurso do narrador onisciente permite conhecer os mais íntimos pensamentos de Nando, como, por exemplo, no diálogo entre o padre e Levindo. Diante da postura do padre percebe-se a sua alienação no que diz respeito à violência que acontecia além dos muros do mosteiro.

Levindo continuou desafiando a história da chegada da polícia, das arrogâncias de Zé Quincas e das condições de trabalho escravo que impunha aos lavradores, mas Nando fitava com desalento a mancha de sangue no marfim ilustre da caveira franciscana. Uma profanação, o episódio de loucura e violência vindo desaguar no ossuário. O sangue de um jovem desmiolado a manchar quem só aguardava o sangue da Ressurreição. Que tinha Levindo a fazer ali, santo Deus? (CALLADO, 2006 p. 13).

Outras personagens são introduzidas na narrativa – Francisca, noiva de Levindo, por quem Nando nutre um amor platônico e o casal de ingleses, Leslie e Winifred. Conforme Nando vai se relacionando com as personagens que compõem esse capítulo, sua fragilidade fica exposta e se percebe que, a partir dessa convivência, tem-se início a transformação de Nando, que se apresenta confuso diante das experiências vividas. Confuso, porém ainda inabalado na sua fé, pois está preso aos preconceitos que o impedem de visualizar a realidade que o cerca. Outra situação que favorece para desestruturar o padre é a sua aproximação com a realidade e com a violência instaurada em Pernambuco, ocasionada pelo constante confronto entre os latifundiários e as Ligas Camponesas.

Ainda alheio aos problemas sociais de Pernambuco, Nando alimenta o sonho de criar uma sociedade utópica com os índios no Alto Xingu. O que o impede de realizar o seu sonho é o medo que possui de pecar contra a castidade e não resistir à nudez das índias. Tal dificuldade do protagonista resume-se ao pecado do sexo. Após conhecer o prazer carnal, por iniciativa de Winifred que o seduz, Nando sente-se fortalecido e preparado para partir ao encontro dos índios e cumprir com a sua missão. Comunica a D. Anselmo que se encontra pronto para deixar o mosteiro e enfrentar o mundo.

No segundo capítulo, “O Éter”, tem-se o protagonista geograficamente localizado na cidade do Rio de Janeiro. Antes de partir para o Xingu, Nando convive uma temporada com novas personagens. Tem-se um novo núcleo na narrativa e se percebe que, de forma mais acentuada que no primeiro capítulo, os projetos das novas personagens são confusos e distantes da preocupação com o coletivo. Cada personagem, focada no seu próprio interesse,

confunde-se com os problemas vividos nas grandes cidades: drogas, política e corrupção. Para ilustrar, cabe citar alguns nomes desse capítulo e apresentar o equívoco que era a forma de pensar de algumas personagens com suas respectivas ocupações sociais. O primeiro deles é Ramiro, chefe do SPI – Serviço de Proteção aos Índios. Abaixo, tem-se um trecho de Francisco Venceslau dos Santos que explicita a “verdadeira afinidade” do chefe do SPI com os índios.

A visão de Ramiro Castanho, que “*nasceu no Catete, mora no Catete e do Brasil, além do Rio, conhece apenas São Paulo*”, coincide com o ponto de vista da elite que dirige o Estado nacional. Ramiro, encarregado do setor que cuida da política dos índios, alimenta um ódio mortal por eles: “*Eu aceitei esse abacaxi dos índios por amizade ao Ministro Gouveia (Q.283)*. O diretor do SPI reclama da intransigência de Fontoura, e detesta o mato, pois suas vistas voltam-se para o litoral e a Europa. O vocabulário utilizado por ele “*bugres*”, “*porco fedorento de índio*” (Q.207), revela o seu desdém pelo indígena, além da defesa da tese etnocentrista: “*nós aqui somos os europeus*”.⁴⁴

Em contrapartida às ideias de Ramiro, tem-se o bem intencionado Fontoura, chefe do Posto Capitão Vasconcelos, no Xingu, que conduz o leitor a uma sequência de ações questionadoras quanto à discrepância existente entre a boa vontade e a falta de incentivo das iniciativas governamentais. Ainda aparecem em cena, outros representantes da elite: Vanda, sobrinha, secretária de Ramiro e representante do nepotismo existente nos cargos públicos, a dançarina Sônia, e Otávio, pertencente ao partido comunista. Todas as personagens voltadas para seus próprios interesses e em busca de soluções para suas crises pessoais. Nesse emaranhado de situações urbanas o padre descobre os prazeres do éter e amplia seus conhecimentos sexuais. Com as experiências vividas, constrói novos conceitos que o ajudarão na interpretação da realidade, mas mantém-se fiel ao seu projeto missionário de construção de uma sociedade utópica entre os índios do Xingu.

No capítulo “A Maçã”, o padre chega ao Xingu e se torna missionário. Porém, logo percebe que o ideário utópico que perseguia não seria realizado, pois o Xingu encontra-se abandonado pelas autoridades e os índios distantes do *estado puro* que idealizou encontrá-los. Fontoura, a personagem que *conhece os índios com o coração*, (CALLADO, 2006, p.151) tem como objetivo fundar o Parque Indígena e demarcar um espaço somente para as tribos, pois acredita ser essa a forma de protegê-los e mantê-los distantes dos brancos. Em contraste com o ideário de Nando, Fontoura apresenta-lhe outra realidade no que diz respeito à

⁴⁴ SANTOS, Francisco Venceslau. *Callado no lugar das idéias. Quarup: um romance de tese*. Rio de Janeiro: Caetés, 1999, p. 226.

A edição do romance *Quarup* usada por Francisco Venceslau Santos é de 1980 e a edição usada para a elaboração da dissertação é de 2006. Portanto, as citações acima, retiradas do livro *Callado no lugar das idéias. Quarup: um romance de tese*, encontram-se, respectivamente nas páginas 101, 99 e 100 da edição de 2006.

sobrevivência e necessidade dos indígenas. No decorrer da narrativa, fica explícita a sua real preocupação com os índios e o quanto essa realidade choca-se com o imaginário do paraíso idealizado pelo novo missionário. Nas citações a seguir, têm-se alguns exemplos da realidade vivida na tribo e o quanto Fontoura estava descrente da política vigente e das promessas de apoio. Nos diálogos de Nando e Fontoura, observa-se essa descrença e a amargura de Fontoura:

- Os índios estão quase mortos – disse Fontoura. – O importante é que não morram todos. A única coisa que importa é dar a eles os meios para sobreviver. (CALLADO, 2006, p. 151).

Ou quando se refere à *corja do Rio de Janeiro* aliada aos latifundiários. E diz:

- O ministro Gouveia, o dr. Ramiro, toda a corja lá do Rio, estão ligados ao fazendeiro Gonçalo, às companhias de terras, até a japoneses que avançam em terras de índios. (...)
Os índios dentro de pouco tempo não têm mais nem uma horta neste país que era deles. Estamos matando os selvagens de fome. (CALLADO, 2006, p. 151).

Fontoura refere-se também à possível extinção dos índios trumai e como a menina de 12 anos, Ritó, tornou-se a esperança para a tribo.

- Ritó – disse Fontoura – é uma esperança para os índios trumai. A tribo está bruxuleando, quase extinta.
Nando sentia, no fundo do peito, uma vontade confusa de chorar.
- Extinta por quê? Alguma epidemia?
- A epidemia nossa – disse Fontoura – do homem branco.
(...). (CALLADO, 2006, p. 153).

Em contraste com a alegria que sentira quando chegou ao Xingu e viu diante de si o seu primeiro casal de índios nus, percebeu que, após a conversa com Fontoura e a constatação da realidade vivida pelos indígenas, sua alegria transformara em uma profunda tristeza. Nando compreendera que o seu sonho utópico, cultivado por tantos anos, estava longe de ser concretizado e que no lugar do Paraíso idealizado, havia um mundo de sofrimentos e doenças. Essa decepção diante da existência encontrada no Xingu foi o início do seu afastamento dos ensinamentos religiosos construídos durante o tempo que vivera no mosteiro e a abertura que o iniciou, efetivamente, no mundo real.

Em “A orquídea”, o capítulo seguinte, tem-se a narrativa em 1961. Depois de alguns anos, todos retornam ao Xingu em busca do Centro Geográfico do Brasil. A expedição conta

com a presença de Francisca, que voltou recentemente da Europa. Nesse ponto do enredo, Nando já não é mais padre e são muitos os fatos marcantes que delineiam a sua trajetória. Durante a expedição ao Centro Geográfico têm-se diversas cenas marcantes para o desenvolvimento da narrativa. São elas: a consumação do amor de Nando e Francisca num local paradisíaco e cercado por orquídeas, o horror vivido pela tribo dos cren-acárore que coletivamente é atingida por diarreias causadas por doenças do homem branco e a morte de Fontoura com a cara em um formigueiro gigante, fazendo alusão ao fato de as formigas estarem destruindo o coração do país.

Os dois capítulos seguintes “*A palavra*” e “*A praia*” retomam o espaço de Recife. Depois da empreitada ao Centro Geográfico do Brasil, Nando e Francisca retornam a Pernambuco para o trabalho de alfabetização dos camponeses. No capítulo “*A palavra*”, o tempo explorado pelo autor corresponde aos anos que antecederam ao golpe militar sob os governos do presidente João Goulart e do governador de Pernambuco, Miguel Arraes. No início dos anos de 1960 a preocupação com os trabalhadores do campo destacava-se no cenário nacional e o método de alfabetização do célebre educador brasileiro Paulo Freire fizeram de Pernambuco o ponto de partida para a chamada “Revolução Pacífica”. Pelo método de alfabetização de adultos que leva o seu nome, Paulo Freire ficou conhecido internacionalmente. O educador desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação, ou seja, ensinar o aluno a ler “o mundo” para poder transformá-lo. O principal livro de Freire se intitula justamente *Pedagogia do Oprimido* e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra.

O autor situa o enredo num momento de grande riqueza cultural e politização das massas. O entusiasmo desse momento histórico é percebido no início desse capítulo e apresenta a personagem Francisca em uma sala de alfabetização para adultos. Para aprendizagem dos alunos, Francisca utiliza palavras pertencentes ao universo dos trabalhadores, buscando com isso não apenas alfabetizar os camponeses, mas também conscientizá-los e politizá-los.

Simultaneamente a esse movimento, acontece o Golpe de 64 pondo fim aos sonhos coletivos de toda uma geração. Nesse momento inicia-se o capítulo “*A praia*”, cuja narrativa aborda o período após o Golpe.

O que parecia ser uma revolução pacífica transforma-se de acordo com os interesses do novo governo. Acabam-se as aulas, Nando e outros companheiros são presos e Francisca retorna para a Europa. A narrativa expõe os desmandos da Junta Militar e a tortura do protagonista e de outras personagens. Quando Nando sai da cadeia, resta-lhe, vivendo na casinha da praia, dedicar-se a uma vida de “apóstolo do amor”. Nesse penúltimo capítulo, Nando relaciona-se com várias mulheres e ensina aos pescadores a sua mais nova diversão: a arte de amar.

Nando manifesta o desejo de realizar um jantar em memória aos dez anos da morte de Levindo. Apesar dos muitos avisos que recebeu dos amigos advertindo-o quanto aos perigos que corria, ele, disposto a comemorar a data, ignora todos os conselhos e realiza o jantar. No mesmo dia e hora do jantar organizado por Nando, acontecia também a Marcha da Família, movimento organizado pela elite e pela ala conservadora da Igreja como resposta ao comício de João Goulart.

Na noite do jantar, Nando é espancado violentamente.

O último capítulo, “O mundo de Francisca”, tem início com a lenta recuperação de Nando na Quinta dos Frades, local onde vive o ex-padre Hosana. Após a sua total convalescência, Nando é convidado a participar da luta armada no interior do país. Aceita o convite, mas antes de partir tem o desejo de passar na sua casa de praia para verificar se existem cartas enviadas por Francisca. Na casa, enquanto pega as cartas, Nando é surpreendido pelos soldados que estavam de tocaia. Com a chegada de Manuel Tropeiro, *Nando tirou da costura do gibão o punhal de Campina Grande (...) e Foi quando Nando enterrou até os cabos o punhal de Campina Grande nas costas do soldado Quirino (...)* (CALLADO, 2006, p. 552). Em seguida foge com Manuel Tropeiro para se agregarem ao Movimento Guerrilheiro de oposição à ditadura. *Sua deseducação estava completa.* (CALLADO, 2006, p. 552).

3. PLANO IDEOLÓGICO EM *QUARUP*

Considerando que, além da atividade de romancista, Callado exercia também a função de dramaturgo e jornalista, evidencia-se de forma mais clara a variedade de temas que o romance *Quarup*, publicado em plena ditadura militar, aborda e como o autor retrata a imagem de um Brasil ainda em construção.

Nessa pluralidade temática, percebem-se as variações que compunham a discussão político-social da época e que foram vivenciadas pelo autor. Entre os temas, Callado discutiu a politização de setores da Igreja Católica, a organização do Partido Comunista, a criação das Ligas Camponesas e dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, os desmandos ditatoriais, as perseguições e torturas aos guerrilheiros, o método de ensino de Paulo Freire, o feminismo, a revolução sexual, as drogas e a intenção de parte da sociedade em proteger os índios. Para ponderar sobre o Brasil daquela época, o romancista cria uma variedade de personagens e, através dessas diversas vozes o leitor identifica utopias e ideias distintas sobre o Brasil e também sobre a forma de pensar política e socialmente de alguns setores que representavam o pensamento do povo brasileiro no período de 1954 a 1964. Cabe ressaltar que a observação feita vale também para o protagonista Nando, mas deve-se esclarecer que há uma diferença entre ele e as demais personagens que Lúcia Chiappini explica com a seguinte colocação:

Se em quase todas as personagens podemos constatar uma “teoria” do Brasil e identificar suas utopias, isso também acontece com Nando, personagem central. Com uma diferença: ele é o único que evolui e que, portanto, transforma, aperfeiçoa e reinventa a cada momento o seu Brasil do passado, do presente e do futuro, aproveitando para isso um pouco de cada uma das pessoas com quem convive, cujas ideias filtra à luz da sua experiência, da sua formação e dos seus conflitos pessoais.

⁴⁵

Outro recurso utilizado pelo autor, refere-se aos deslocamentos de padre Nando, ora explorando os momentos alucinógenos vividos no Rio, ora circulando pelo ambiente de Pernambuco onde aconteciam os engajamentos políticos dos trabalhadores rurais ou circulando pela exuberância natural da floresta do Xingu. Tais movimentos permitem analisar, através da ficção, a identidade nacional e a forma literária, como um mundo à parte, inserida na ação social.

Quanto a esse assunto, Antonio Candido entende que:

(...) embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal. (...) e que (...) a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo. Ver criticamente a obra é escolher um dos momentos deste processo como plataforma de observação.⁴⁶

⁴⁵ LEITE, Lúcia Chiappini Moraes. “Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado”. In: *Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

⁴⁶ CANDIDO, Antonio. *De cortiço a cortiço*. In: *Novos Estudos. CEBRAP* (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), Nº 30, p. 111. Julho de 1991.

Para ilustrar a colocação feita por Candido, o estudo propõe-se à análise desse mundo desnudado por Callado e, por meio das vozes dissonantes das personagens, cabe perceber criticamente o romance e buscar, segundo Cândido, uma reflexão sobre o Brasil num conturbado momento político. Observando a década de 50 e 60, tem-se um período de desestabilização que se inicia com a eleição de Getúlio Vargas pelo voto direto (1951 a 1954), pelos cinco anos de mandato de Juscelino Kubitschek (1956 a 1961), pelos sete meses de governo de Jânio Quadros e culmina com o golpe militar de 1964 que depôs o então presidente João Goulart (1961 a 1964), sendo substituído por uma junta militar presidida por Castelo Branco, cujo compromisso foi agir de forma arbitrária e violenta, deixando marcas que se seguiram ao golpe: perseguições políticas, torturas, destituição de governos eleitos pelo povo, prisões, censura, exílio, dissolução truculenta de organizações de estudantes.

Cabe ressaltar que a circulação das personagens e a abordagem dos episódios históricos permitem compreender de forma crítica a realidade e perceber o tom de veracidade do romance, porque mesmo não existindo preocupação com a temporalidade progressiva linear, a efabulação não é independente do tempo, pois se encontra vinculada ao tempo histórico e aos momentos e situações decisivos daquele período.

A seguir, o estudo dedica-se a algumas das múltiplas vozes do romance de Callado que conduziram os leitores às mais diversas interpretações do Brasil.

3.1- AS MÚLTIPLAS VOZES EM QUARUP

Desde o início da narrativa, quando a ação centralizava-se no “o ossuário”, ainda em Pernambuco, já se percebiam as distintas vozes das personagens que habitavam o mosteiro. O movimento narrativo do romance prioriza seguir a personagem central Nando e o leitor pode analisar o enredo observando, inicialmente, a subjetividade do padre, o seu trajeto para a coletividade e, paralelamente, a realidade do contexto nacional brasileiro. Entre essas duas situações, constrói-se uma narrativa dialética que permite desvendar a posição engajada do intelectual Callado que buscava, por meio da literatura, a conscientização e politização

daqueles que se encontravam mergulhados na individualidade e na total alienação diante dos problemas do país. O autor afirma que (...) *um intelectual, sobretudo num país como o Brasil, não tem o direito de se eximir como pessoa, e como intelectual, de opinar sobre a situação do país.*⁴⁷

Voltando-se para as personagens que compõem o núcleo do mosteiro, percebe-se que o escritor confere para cada uma delas um compromisso ideológico. Para o leitor atento fica evidente o toque pessoal do autor quando se refere às questões ideológicas, pois conhecendo o engajamento político de Callado é clara sua visão política nas vozes que o representam. Booth afirma que *embora o autor possa, em certa medida, escolher os seus disfarces, não pode nunca optar por desaparecer.*⁴⁸

Analisando essa questão ideológica das personagens, têm-se, nos dois primeiros espaços da narrativa, Pernambuco e Rio, personagens que agem mergulhadas na subjetividade e outras que, de forma contrária, buscam a conscientização histórica e política para se libertarem. Se o protagonista age como porta-voz do escritor, cabe seguir o itinerário de Nando, que tem muito do próprio itinerário do escritor como jornalista, e perceber que a reeducação do padre pode ser acompanhada pelo leitor, pois acontece *nesse mundo de palavras, nessa combinação de signos* (BRAIT, p. 66). Desta forma percebe-se um dos objetivos do projeto literário de Callado que é proporcionar ao leitor a possibilidade de poder *se alfabetizar, ler o mundo e decifrar a sua existência* (BRAIT, p. 66) e, a partir dessas ações, consequentemente o intelectual poderá conduzir o leitor à necessidade da postura ideológica e da conscientização política.

No desenvolvimento de *Quarup*, tem-se um autor comprometido em libertar Nando da subjetividade em que vive dentro do mosteiro. Tal preocupação pode ser analisada como uma característica inerente de Callado, pois como visto anteriormente, a sua postura engajada torna-o um escritor *que pretende cavar túneis entre o sagrado e o profano, ser o mediador (...) entre a sociedade brasileira que ainda vive nas trevas e às luzes do cosmopolitismo.* (MARTINELLI, 2006, p. 217).

Para Callado, escrever sobre o Brasil sempre foi motivador. Cabe registrar que mesmo antes da ditadura militar, o tema Brasil era uma marca na criação do autor. Nas ficções, reportagens e peças que escreveu, o desejo de investigar e fazer os leitores refletirem sobre a política nacional demonstra o viés ideológico do escritor. Dessa forma, Callado concebe

⁴⁷ CALLADO, ANTONIO: *Intelectual não tem o direito de se eximir*. In: *O Nacional e o Popular*, São Paulo, 1982, p. 152.

⁴⁸ BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Editora Arcádia, 1980, p. 38.

alternativas para a revolução social do Brasil e por meio da narrativa faz uma reflexão sobre a ideologia e expõe várias interpretações do país que podem ser percebidas nas vozes das personagens que por vezes se completam ou se destoam.

As ações ambientadas em Pernambuco evidenciam um protagonista acomodado em suas meditações no ossuário do mosteiro, completamente alienado dos problemas enfrentados pelos trabalhadores e dos movimentos que começavam a surgir contra a exploração dos latifundiários. Em contrapartida tem-se Levindo, um trabalhador que possui a violência como parte do seu dia-a-dia e que luta pela transformação social e pelo fim da exploração aos camponeses. Por influência de Levindo e do casal de ingleses, o padre tem conhecimento de que existe, além do espaço “sagrado” em que vivia, um Brasil abandonado pelo Estado e pela Igreja. Nesse espaço conhecerá as lutas diárias dos trabalhadores que viviam sem qualquer apoio social, sob a exploração dos grandes proprietários e senhores de usinas e diante da total omissão da igreja. Tem-se, no diálogo abaixo, a exposição do problema abordado na narrativa de *Quarup*:

Cedo, uma manhã, Leslie e Winifred vieram buscar Nando na camioneta que haviam alugado.

- É indispensável – disse Leslie – que você venha visitar conosco o Engenho de Nossa Senhora do O. É uma coisa que você não conhece. Vocês, aliás, aí do mosteiro. Não sei como d. Anselmo pode despendar tanta e tão boa energia desobstruindo túneis quando nos campos em torno nasce um mundo inteiro sem qualquer intervenção da Santa Madre Igreja. (CALLADO, 2006, p. 37).

Na sequência do enredo, lê-se uma colocação de Leslie, valorizando o trabalho de Januário como o responsável pela luta em favor dos trabalhadores, evidenciando a omissão daqueles que poderiam ajudar, como é o caso de Nando, representante da Igreja, mas se mantinha alienado e se mostrava despreparado e imaturo para agir em favor dos camponeses.

“Essa gente a quem nem o estado nem a igreja jamais deram alguma coisa, está sendo trabalhada pela Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores, que é em grande parte obra de Januário”. (CALLADO, 2006, p. 37).

Retrato de um Brasil que não contava com a ajuda do Estado para a melhoria dos problemas sociais, pois esse representava a elite dominante.

Ainda em Pernambuco, convivendo com o protagonista, tem-se Padre Hosana contrapondo-se à religiosidade de Nando, pois é ele a personagem que questiona o celibato e mantém um caso de amor com a prima Deolinda. Hosana era carente de fé e desrespeitava a Igreja. Apesar de viver em conflito, até mesmo com a personagem principal, é ele que, em

1964, cuida do protagonista depois das torturas impostas pelo governo militar. O autor apresenta Hosana como um padre revoltado com a igreja e aos olhos de Nando cometia blasfêmias, como, por exemplo, quando diz que o Brasil está digerindo o *Deus decomposto*. Para Hosana esse Deus veio nos porões dos navios, como vieram os negros, e suas *carnes de adorar* estavam tão podres quanto às *carnes de comer*, que também vinham nos porões dos navios. Portanto, para saborear as *carnes de comer* era preciso esfregá-las com *canela, pimenta e açafrão*. Ele ainda acrescenta que, no tempo atual, o *método permanece* o mesmo. Através do pensamento de Hosana, tem-se a transferência de um Deus europeu para a América. O padre rebelde defendia a ideia de um Deus sincretizado, assim como os deuses africanos e coloca que: (...) *Como Deus hoje começa a estrebuchar nas salas de visita, volta agora pelas cozinhas, fedendo alho: Oxum, Ogã, Iansã*. (CALLADO, 2006, p. 35).

Ainda no espaço do mosteiro, tem-se uma personagem inusitada, Padre André. Seu discurso destoava dos demais, pois através de sua loucura pregava que o Messias era Fidel Castro. Seu desequilíbrio não permitiu que prosseguisse na vida religiosa e *teve de deixar de ser padre por ter enlouquecido* (CALLADO, 2006, p.431). Porém, tem-se a seguinte observação quanto à postura do padre:

O pobre André era laboriosamente evitado quando entrava em crise exaltada demais a propósito da Segunda Vinda, mas, fora de sua obsessão era homem de temperamento manso e cordato, amigo de ajudar os outros. (CALLADO, 2006, p.34).

A boa índole de padre André não o privou de ser preso e torturado pelo coronel Ibiratinga, uma personagem julgada por D. Anselmo como um *homem muito bom católico! Vem à missa todos os dias e aos domingos vem de uniforme completo e condecorações*. (CALLADO, 2006, p. 70). Fora do mosteiro, era o coronel Ibiratinga o representante da ascensão do militarismo no Brasil e responsável pela prisão e tortura de Nando em 1964. Compactuava das ações da Santa Inquisição e do nazismo. Denominava de *demônio* do comunismo aqueles que discordavam de suas ideias. Agia por meios ilícitos e tentou persuadir D. Anselmo para que o segredo do confessionário fosse violado e pudesse conseguir nomes de pessoas ligadas ao comunismo. Na prisão, tem-se o questionamento de Nando diante da atitude desumana do coronel Ibiratinga quanto à tortura imposta ao padre *doido*. Na resposta dada a Nando percebe-se a atitude truculenta que reinava nas prisões no período da ditadura militar. Para justificar a tortura imposta ao padre André, o coronel responde a Nando o

seguinte: *Às vezes a gente tortura quem pode, quem não tem imprensa nem habeas corpus.* (CALLADO, 2006, p. 433).

Diante dessas injustiças, de objetivos utópicos distintos e de conflitos ocasionados pela falta de uma ideologia coletiva voltada para o bem social, inicia-se um período de conscientização dos padres nas décadas de 60 e 70. Na narrativa, o autor aborda sobre esse determinado momento vivido pela Igreja conservadora em que a pressão das ideias socialistas e a formação de grupos internos, seguindo os ensinamentos do Concílio Vaticano II, buscavam engajamento político e mudanças na sociedade para promover a igualdade social e a valorização do ser humano.

O Concílio Vaticano II foi fundamental para a conscientização de uma parte da Igreja e teve como meta a busca por um papel mais participativo dentro da sociedade, voltando-se para os problemas sociais e econômicos. Foi um Concílio Ecumênico da Igreja Católica convocado pelo Papa João XXIII e realizado em quatro sessões para discutir temas da Igreja Católica. O Papa ordenou que o Concílio não fosse dedicado a condenar heresias nem proclamar nenhum dogma novo, mas a procurar a atualização da doutrina da Igreja face à sociedade contemporânea, pois não visava condenar heresias nem proclamar nenhum dogma novo. Em resumo o Papa queria que a Igreja mudasse de mentalidade, para poder melhor enfrentar e acompanhar as transformações do mundo moderno.

Com essa mentalidade, parte da igreja aproxima-se dos discursos sociais e o misticismo perde espaço para o desejo de lutar pela igualdade social no mundo.

Quanto à religiosidade presente em seus romances, Callado reconhece que se deve à sua formação católica e que em *Quarup* tem-se esse momento de virada da igreja. O autor acompanhou de perto a transformação dessa parte da igreja e o seu engajamento nos movimentos sociais. Quanto a isso faz a seguinte colocação:

Em *Quarup* aprofundei também questões religiosas já presentes nos dois primeiros romances.⁴⁹ Mas aqui acho que consegui algo até profético. Estava me impressionando muito, naquele tempo, a ideia do ingresso do padre num tipo de vida no Brasil, porque isso foi-se acentuando cada vez mais.

(...)

Diziam que o clero ia se esvaziar... nada disso. Hoje em dia eles têm um papel muito maior, de luta contra as desigualdades e grandes injustiças sociais, para onde canalizaram toda a energia antes reprimida.⁵⁰

⁴⁹ Os dois primeiros romances citados são *Assunção de Salviano*, 1954 e *A Madona de Cedro*, 1957.

⁵⁰ LEITE, Lígia Chiappini Moraes, “Antônio Callado”, São Paulo: Editora Abril, 1982. p. 6.

Destaca-se fora do ambiente do mosteiro a personagem Levindo, que ao contrário do que simbolizava o coronel Ibiratinga, apresenta-se na narrativa com a função de situar o leitor e esclarecê-los sobre os movimentos e transformações sociais que aconteciam em Pernambuco. O estudante era defensor do projeto em busca de um Brasil novo e livre de qualquer interferência externa, mesmo sendo essa interferência caridade às classes menos favorecidas. Ao contrário da postura inicial de Nando, Levindo, desde o início da narrativa, sempre possuiu atitudes ativas dentro do contexto social em que vivia. É ele quem em constante ação revolucionária legitima a ideologia da narrativa e mesmo após a sua morte continua afirmando seus ideais, por meio das atitudes de Nando e Francisca, permanecendo no romance como exemplo de luta contra um Brasil atrasado que ainda mantém a prática dos grandes proprietários de terra subjugando e fazendo uso de ações opressivas. Para exemplificar tais ações opressivas têm-se o sofrimento da menina Maria do Egito e de seus pais que depois de terem a filha desonrada à força pelo capataz, são mandados embora da fazenda onde viviam e segundo a ordem do padrão, dizia Neguinho, pai de Maria do Egito “*A gente tem que sair que ele tem precisão da casa*”. Para Neguinho, conformado com a situação, tudo já estava resolvido. Como se pode perceber na fala de Levindo:

- O patrão indenizou Neguinho – disse Levindo. – Deu uns cobres a ele. Isso quer dizer que se Neguinho não for embora por bem, some aí numa tocaia. Como bom cristão, Neguinho já se resignou. Ele vai embora e o capataz volta. (CALLADO, 2006, p. 67).

Para a maior vítima, Maria do Egito, seu destino também já estava traçado:

- Maria do Egito tem me pedido para ir a casa dela, buscar uns lençóis e umas pecinhas de enxoval que estava colecionando aos poucos – disse Winifred. – Ela conhece uma moça lá do Engenho que entrou para uma pensão de mulheres onde a madama cobra menos pelo quarto quando a mulher leva sua roupa de cama. Maria do Egito parece que tem três lençóis e resolveu tomar o mesmo caminho da outra. (CALLADO, 2006, p. 69).

A narrativa de *Quarup* desenvolve-se em um tempo e espaços definidos e neles circulam as personagens. Nando, inicialmente, representava o espaço da Igreja conservadora e possuía uma postura totalmente passiva diante da realidade em que vivia. Ao longo da narrativa, o movimento que permite a transformação do protagonista é a percepção de que há uma grande distância existente entre a sua fé e a realidade. A partir disso, adquire posturas que podem ser consideradas o prenúncio da transformação de parte da igreja católica. Na

sequência, Nando parte para o Rio e inicia uma nova experiência. Seus contatos com o mundo da burguesia, no Rio, contrários, na perspectiva social e ideológica às personagens do núcleo de Pernambuco, forneceram dados para novas teorizações sobre o país. A burguesia vivia entediada com as facilidades e privilégios que os afastam cada vez mais da realidade do Brasil. As personagens demonstram total alienação diante das injustiças sociais e são muitas as festas, álcool e éter.

Situando a narrativa no Rio de Janeiro, o autor apresenta ao leitor uma substituição no foco narrativo. Percebe-se que o foco narrativo desloca-se para as demais personagens que compõem o núcleo urbano. Apesar de Nando continuar sendo o centro do enredo, as personagens desenvolvem-se, independentemente do protagonista, e o leitor tem conhecimento dos pensamentos, sentimentos e da forma de agir das demais personagens, sem necessariamente passar pela “interpretação” de Nando. Segundo Lígia Chiappini essa mudança de foco é chamada de onisciência seletiva múltipla ou multisseletiva. Nesse caso o que se perde é o “alguém” que narra. *Não há propriamente narrador. A história vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas. Há um predomínio quase que absoluto da cena.*⁵¹ Por meio da onisciência seletiva múltipla o autor expõe o processo mental das personagens e para isso faz uso do discurso indireto livre o que permite, apesar da ligação com a voz do narrador, um espaço independente para a voz individual. O uso do discurso indireto livre autoriza Callado a fazer um questionamento do momento histórico brasileiro abordado na sua narrativa. Desta forma o autor conduz o seu leitor a buscar no passado explicações para o entendimento do mundo moderno e para compreender a situação político-social vivida no presente.

Quanto à mudança de foco narrativo, cabe citar algumas personagens que adquiriram vozes próprias e independentes do narrador e exemplificam a colocação acima. Como exemplo, temos Otávio Cisneiros, *ex-comunista (...). Foi da Coluna Prestes. Andou até metido na Intentona de 1935. (...) Gosta do mato, adora se afundar no Xingu e esses homens são poucos.* (CALLADO, 2006, p. 100). O personagem Otávio, na sua austeridade, contribuiu positivamente com situações conflitantes vividas por Nando no Rio de Janeiro. Em alguns momentos da narrativa, presenciando a prática do protagonista no que se referia ao consumo de éter, Otávio assume o papel de conselheiro e o adverte da necessidade de repensar sua

⁵¹ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “O foco narrativo”. São Paulo: Editora Ática, 1987.

postura. Otávio havia *muito bem sugerido* a Nando que, *por pouco ele não se desmoralizava de forma irremediável na véspera*. Apesar de achar que o Brasil era o país do porre, pode-se, ideologicamente, considerar Otávio como um aliado de Nando, porém não era Otávio quem tinha acesso à classe dirigente do país. Nando precisava de Ramiro Castanho, diretor do Serviço de Proteção aos Índios, para viabilizar a sua ida ao Xingu. E Ramiro que aceitara o cargo por conveniência, opunha-se ao pensamento de Otávio e Nando, chegando a dizer que: *Eu aceitei esse abacaxi dos índios por amizade ao ministro Gouveia (...)*. (CALLADO, 2006, p. 99). E ainda desrespeitava os índios, chamando-os de *bugres* e *porcos fedorentos*.

Para Ramiro, o Brasil era o país da doença. Na descrição física do médico, o narrador apresenta, ao leitor, um Ramiro que possuía, além de *um cheiro forte de colônia lavanda mas de remédio também* (CALLADO, 2006. p. 96), e *Era gordo, pálido, bigodinho negro cuidadosamente aparado e mãos manicuradas. Vestia ternos de tropical reluzente e camisa de palha de seda e tinha sempre um ar entediado, tendendo ao triste*. (CALLADO, 2006. p. 97).

Nascido no Catete, desconhecia a vida do povo e dos grupos étnicos que formavam o Brasil. Nunca havia visitado o Xingu e além do Rio, conhecia apenas São Paulo. Acreditava que o Brasil era litorâneo e o interior era outro país. O autor apresenta a personagem Ramiro como aquela que busca na cultura europeia as suas raízes e possui uma forma de pensar tipicamente pertencente à elite brasileira desse período, ou seja, valoriza a tese do eurocentrismo. Para ele, viajar com prazer, somente para a França. O diretor do SPI, com tal postura, contrapõe-se a outros grupos de intelectuais, como por exemplo, àqueles que buscavam a libertação do Brasil de toda a influência da Europa e que tinham como objetivo a construção de uma nação culturalmente independente. Fato esse ilustrado, no enredo, pelo discurso do protagonista e de sua utopia de construção de uma sociedade brasileira a partir da cultura dos índios. Padre Nando pode ser considerado o representante do pensamento desse grupo que buscava uma identidade nacional.

Outra personagem que, apesar de pontos divergentes, compactua com a mesma ideologia de Nando e de Otávio é o chefe do SPI no Posto Capitão Vasconcelos, Fontoura. Perseguindo os caminhos traçados pelo autor, tem-se em Fontoura, como aquele que... *levou uma ocasião oito anos sem vir sequer a Cuiabá ou mesmo a uma aldeia como Xavantina! Isso se crê?* (CALLADO, 2006, p. 100). Percebe-se que o discurso de Otávio e Fontoura difere quanto ao destino dos índios. Para Otávio não havia a necessidade de proteção aos índios moribundos. O ideal seria uma revolução que distribuísse todas as riquezas do país entre os

segregados socialmente. O contrário, dizia Fontoura, pois desejava a proteção dos índios e da cultura indígena longe do homem branco.

A narrativa, no que diz respeito à questão indígena, reflete um panorama histórico que evidencia uma política descompromissada com as causas indígenas e um chefe do SPI que, por ter vivido muitos anos em companhia dos índios, possui conhecimento das necessidades para manter salvos os que ainda sobrevivem no Xingu. Devido ao desrespeito e desinteresse das autoridades em relação ao referido assunto, a personagem assume a postura de descrença com a política de proteção aos índios, representando parte dos intelectuais brasileiros que também se mostravam descrentes com o destino da política do Brasil.

A forma encontrada por Fontoura para manifestar sua insatisfação quanto aos problemas dos indígenas é evidenciada no descumprimento das regras sociais, pois a personagem mostra-se amargurado e bebe muito. O Brasil, para Fontoura, é refutação. A personagem refuta a interferência da civilização na cultura indígena, refuta o desejo do padre Nando em transformar os índios em cristãos e a integração dos índios à civilização. Segue só na sua utopia e possuiu apenas o objetivo de salvar e isolar os índios. A ausência de conhecimento histórico e político condenam Fontoura a acreditar e confiar que a vinda de Getúlio Vargas ao Xingu concretizaria o seu desejo maior - a criação de uma área destinada aos índios -, porém Getúlio morre e com ele também o sonho de Fontoura. A única possibilidade de a personagem libertar-se seria a conscientização política, mas isso não acontece. Fontoura, juntamente com a expedição, chega ao Centro Geográfico e entende-se que essa expedição simbolizava a perda de sua utopia, pois o Centro encontrava-se arruinado pelas saúvas. Ali morre Fontoura, entre tribos indígenas ainda não pacificadas e entre saúvas que consomem o centro do país. Lê-se, abaixo, o momento da morte da personagem:

Fontoura caiu sem sentidos e Francisca o agarrou pelos sovacos, arrastou-o por cima de milhões de formigas, arrastou-o com um esforço bruto até não saber mais se o arrastava ou se eram seus próprios braços que alguém puxava pelas mãos, se não eram as saúvas que chupavam com seu fardo para dentro do caldeirão borbulhante. Depois o tranco nas costas, a escuridão. Nando encontrou Francisca sem sentidos contra um tronco de árvore, sentada. Entre suas pernas, aninhado no seu ventre, Fontoura como se tivesse acabado de nascer dela. Só que estava morto. (CALLADO, 2006, p. 351).

Entende-se que a morte de Fontoura simboliza o fim da proteção que ainda havia para os indígenas. Cabe destacar que Nando, assim como Fontoura, ainda dependia de um representante do poder público para concretizar seus ideais utópicos. Porém, o cargo era ocupado por quem não demonstrava nenhum interesse humanitário e ideologicamente

encontrava-se em desacordo com os interesses daqueles que queriam proteger os índios, pois como dito anteriormente, Ramiro e os demais representantes do núcleo de personagens do Rio estavam perdidos em sua subjetividade e desinteressados do sofrimento dos *bugres*.

Para exemplificar o abandono a que estavam submetidos, índios e humanitaristas, tem-se o episódio do cren-acárore, no capítulo “A orquídea”, em que é retratada uma tribo faminta e contaminada pelo sarampo:

Os cren não esboçaram um gesto de agressão. Adiantaram-se pelo acampamento adentro cambaleantes e foram aos jiraus de peixe e aos panelões de perto do fogo dos caraíbas enfiando na boca a comida e a farinha e o arroz que encontravam (...).
- Famintos! – disse Fontoura.
- Mas não é só isso – disse Vilaverde. – Estão morrendo de alguma outra coisa também.
Outros cren-acárore chegaram, arcos arriados, e os que haviam comido afastavam rápidos para a mata em sombra total e do acampamento se ouviam os ruídos intestinais de um concerto comum de disenteria.
- Doentes – disse Fontoura – todos doentes.
(...)
- É sarampo, não é?
- Sarampo – disse Fontoura. – E quase todos vão morrer de febre e disenteria.
(CALLADO, 2006, p.331).

E assim, a ficção de Callado expõe o problema do extermínio do indígena, reproduzindo os acontecimentos da história do Brasil e o fracasso da política oficial de proteção aos índios. Cabe esclarecer que esse fracasso não se alude ao trabalho dos sertanistas Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Bôas, que serviram de referência para a criação da personagem Fontoura. Callado teve como inspiração os humanitaristas irmãos Villas Bôas, nascidos no interior de São Paulo, que se dedicaram à proteção dos índios e à criação do Parque Indígena do Xingu.

Para situar a relevância dos irmãos sertanistas faz-se necessário retomar o final dos anos de 1930, quando o presidente Getúlio Vargas lançou a Marcha para o Oeste. Em 1943, teve início a primeira expedição do projeto, a Roncador-Xingu, um projeto para estender a presença do estado para o interior do Brasil. Os irmãos Villas-Bôas decidiram participar como sertanejos, mas foram barrados por terem um "alto nível de conhecimento" para um sertanejo. Voltaram tempos depois com barbas por fazer, mal vestidos e fingindo-se de analfabetos. Os irmãos foram recrutados e incorporaram a Expedição Roncador-Xingu. Cláudio e Leonardo trabalhavam na enxada. Orlando, de auxiliar de pedreiro. Entretanto, com o tempo os irmãos alcançaram postos de comando na expedição. Em 1945, os irmãos Villas-Bôas assumem a chefia da expedição e o caráter da Marcha para o Oeste, que tinha tudo para

ser uma expedição violenta, tornou-se uma expedição de contato baseado no ideal do Marechal Cândido Rondon: "*Morrer se preciso, matar nunca*". Os irmãos Villas-Bôas passaram cerca de trinta e cinco anos no Brasil Central e contribuíram de maneira expressiva para o conhecimento da região e para a preservação do local. Catalogaram cerca de cinco mil indígenas e várias tribos. Em 1949, a expedição atinge o Alto Xingu, sob o comando de Orlando Villas-Bôas, e contata com dezessete tribos da região. É nesse encontro que os Villas-Bôas decidem mudar o rumo do projeto, que inicialmente propunha a ocupação das terras pelas populações excedentes da Europa e decidem preservar a integridade dos territórios indígenas.

Sobre esse assunto tem-se abaixo a colocação do antropólogo, escritor e político brasileiro, Darcy Ribeiro, que foi funcionário do SPI e redator do projeto de fundação do Parque Indígena do Xingu:

Os Villas Bôas dedicaram todas as suas vidas a conduzir os índios xinguanos do isolamento original em que os encontraram até o choque com as fronteiras da civilização. Aprenderam a respeitá-los e perceberam a necessidade imperiosa de lhes assegurar algum isolamento para que sobrevivessem. Tinham uma consciência aguda de que, se os fazendeiros penetrassem naquele imenso território, isolando os grupos indígenas uns dos outros, acabariam com eles em pouco tempo. Não só matando, mas liquidando as suas condições ecológicas de sobrevivência.⁵²

Retomando a narrativa de Callado, percebe-se que Padre Nando tinha em comum com Fontoura a preocupação com os índios, porém possuía a utopia da construção de uma sociedade perfeita com princípios morais e religiosos tendo como exemplo a República dos Guaranis, fundada pelos Jesuítas no Rio Grande do Sul. No decorrer do enredo o leitor compreende que era também objetivo de Nando encontrar-se a si mesmo e essa busca pode ser acompanhada, desde o início do romance, quando Nando ainda estava preso aos dogmas da sua fé. Diante da realidade que gradativamente vai sendo exposta ao protagonista, Nando abandona seus antigos ideais e num processo ininterrupto de amadurecimento, que pode ser comparado à tomada de consciência nacional, transforma-se, no final do romance, em guerrilheiro, encontrando na coletividade a sua verdadeira identidade.

Assim como nos capítulos iniciais, seguem-se as diversas teorizações sobre o Brasil e na voz das personagens tem-se conhecimento das distintas utopias e pensamentos. No capítulo "A maçã" novos contatos são firmados e o protagonista aproveita-se do convívio com

⁵² RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 19.

todos eles e filtra as experiências que, somadas as que já possui, poderão engrandecê-lo e transformá-lo em um novo homem.

Imbuído de espírito cristão padre Nando chega ao Xingu para, em breve, descobrir que o paraíso tão sonhado e a construção de um novo mundo estavam distantes da realidade vivida pelos índios. Há a desconstrução ideológica do padre, pois o...

Paraíso está muito próximo do inferno, a descoberta de que não há muito sentido no projeto civilizador, a revelação de que o índio não é um animal sem conflitos e consciência, mas que tem suas convenções, suas injustiças, e que, sobretudo, tem consciência do sofrimento, da doença e do prazer. (LEITE, 1982, p. 156).

Nando começa a compreender, com clareza, a prática vivida pelos índios, conforme lê-se abaixo:

O missionário começa a trabalhar com os dados da realidade, e ainda não perde o impulso para a mudança, pois sua imaginação utópica permanece. Seu projeto desdobra-se na linha pedagógica. Manifesta a pretensão de educar os índios, para que possam sobreviver, caso não se integrem nas populações do interior: "... o que se pode fazer é educá-los de modo a que contribuam para o seu sustento com a pesca, a caça, a lavoura, as artes plumárias continuando a se desenvolver como índios". (Q, 128). E sonha em ensinar sistematicamente a língua portuguesa aos silvícolas, apesar da oposição irônica dos sertanistas e mazombos⁵³. Nesta fase de missionário, sua tese indigenista entra em choque com a dos sertanistas. Isto, porque enquanto permanecem as marcas de sua visão passadista, ele olha o habitante da selva de fora. Com o passar do tempo no Xingu, o protagonista vai adquirindo experiências e começa a compreender o universo dos índios. (SANTOS, 1999, p. 245).

Nando, diante do insucesso vivido, abandona antigos conceitos e adquire novas utopias. O foco narrativo abre-se para outras personagens e Nando é introduzido numa tristeza que o conduz a ausências frequentes do Posto e a longas caminhadas dentro da mata:

(...) Nando começou, aos poucos, a sair pela floresta, ir para longe do Posto. (...) Durante meses e anos só se detivera de quando em quando no Posto e no convívio do Fontoura para justificar o emprego que Ramiro afinal lhe arranjara ao passar por ali e pedir seu auxílio numa das buscas de Sônia. (CALLADO, 2006, p. 253).

Cabe ressaltar que Francisco Venceslau dos Santos destacou, no seu livro *Callado no lugar das ideias*, a relação estabelecida pelo autor entre Cristo e Maivotsinim e a postura do protagonista:

⁵³ Mazombo era o nome dado aos filhos de portugueses nascidos no Brasil até o início do século XVIII. Ninguém queria pertencer a esta categoria social, e tudo fazia para contornar o apelido, que soava como a própria onomatopeia do ridículo. (SANTOS, 1999, p. 164).

O desligamento do mosteiro imprimiu uma mudança dialética no projeto messiânico de Fernando, que abandona o hábito cristão, para tornar-se um pastor de arco, flecha e embornal, embrenhado na selva bruta, a pacificar índios brabos (as ovelhas). A homologia que o autor estabelece entre o cristianismo e o mundo da floresta (Cristo e Maivotsinim; “mesa da comunhão” x “presente da terra”) põe os eventos romanescos ainda em um cosmo sagrado, pois os atos de passagem são ritualizados, e está presente a idéia de redenção. O romance como simulação de mundo exemplifica, no evento da pacificação dos índios brabos, o messianismo cristão: “*Dias depois três Txikão chegaram ao Posto Capitão Vasconcelos atrás de Nando como ovelhas seguindo o pastor. Cristo vencera*”. (Q, 223). (SANTOS, 1999, p. 246).

Ainda nesse capítulo, um elemento novo é introduzido no texto literário e representa o ideal de modernidade da personagem Rolando Vilar – a rodovia Belém-Brasília. Na composição dos diálogos têm-se Fontoura *ensinando os índios a se manterem selvagens* (CALLADO, 2006, p. 176) e Otávio ironizando a postura de Fontoura e contrapondo-se à ilusão de Nando quando esse se referia aos indígenas como *reserva de pureza*. Otávio não possuía ligações partidárias e muito menos religiosas, portanto circulava entre as demais personagens livremente e se posicionava ora contra Nando, ora contra Fontoura e também se opunha aos ideais de Vilar. Percebem-se, no texto abaixo, as colocações de Otávio e certa apreensão entre as personagens:

- Mas você sabe que eu acredito em estradas – disse Vilar.
- Mas estradas para quê? – disse Otávio. – Isto é que você deve perguntar para você mesmo.
- Ué – disse Vilar -, para os brasileiros andarem. Para se conhecerem.
- A única estrada que teria podido trazer esse encontro dos brasileiros foi a que abriu a Coluna Prestes – disse Otávio.
- [...]
- Vilar – disse Otávio irritado - é uma espécie de máquina de desbravar.
- É preciso que alguém desbrave, velhinho. – disse Vilar -, depois outros verão o que vão fazer com o roçado.
- Vão deixar crescer o capim outra vez – disse Otávio. – Para eles próprios pastarem.
- Ah, Otávio – disse Vilar -, se me derem tudo que preciso calço a Transbrasiliana de um jeito que nunca mais crescem nem pó em cima. Os brasileiros vão poder patinar do Oiapoque ao Chuí! (CALLADO, 2006, p. 177.)

Enquanto Vilar preocupava-se com as obras e estradas que poderiam favorecer o interior do país com infraestrutura a todos, Otávio preocupa-se com a revolução social. Vilar representa a ideologia de modernização capitalista e de forma positiva vislumbrava soluções para o Brasil. Otávio era negativo e pessimista, mas concordava com Fontoura no que dizia respeito à abertura de estradas e a contribuição que isso traria para o arruinamento da cultura indígena.

Nesse momento da narrativa, a ficção de Callado reflete um fato da história do Brasil marcado pelo desencontro da esquerda brasileira e os diversos discursos que, ao invés de buscar um pensamento voltado para a coletividade, segregavam-se, impossibilitando o diálogo e reforçando o esfacelamento da possibilidade de luta nacional.

Na sequência, têm-se os capítulos “A palavra”, “A praia” e “O mundo de Francisca”, todos ambientados em Pernambuco. O primeiro deles iniciou-se com o entusiasmo daquele tempo e o último com o golpe de 1964, pondo fim a utopia de uma geração. Abaixo, seguindo a trajetória do protagonista acompanha-se esse período da história.

Depois do fracasso que viveu entre os índios, Nando retornou a Pernambuco e juntamente com Francisca dedicou-se à alfabetização dos camponeses. O quinto capítulo do romance inicia com uma aula para adultos através do revolucionário método de Paulo Freire. A educação de adultos era uma iniciativa do MCP, Movimento Cultural Popular, fundado por Miguel Arraes em 1960. O projeto tinha como objetivo central trazer para a população menos favorecida acesso aos meios de comunicação e, conseqüentemente, à educação.

Considera-se que o MCP dedicou-se não apenas à alfabetização, mas atuou no teatro, cinema, artesanato local, música e dança. Porém, foi a alfabetização dos camponeses e o método criado por Paulo Freire o alvo de maior destaque. Através da aprendizagem o aluno tornava-se capaz não apenas de identificar o alfabeto, mas reconhecer o mundo que o cercava e o contexto social das palavras que estudava. Callado reuniu várias reportagens jornalísticas realizadas em Pernambuco no livro *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*. O autor cita experiências vividas pelos camponeses, durante o processo de aprendizagem, que deixavam claras as intenções do governo de Arraes em primeiramente inserir o aluno no contexto social e ampliar a sua percepção para depois transformar o cidadão já alfabetizado em eleitor. Aprendendo desta forma o aluno de forma consciente seria preparado para participar efetivamente da história nacional e com isso conquistar o seu poder de voto.

Pernambuco estava construindo um projeto ideal de democracia e Callado havia ficado profundamente entusiasmado com o que presenciara. Para comunicar aos leitores a impressão que a mobilização lhe causara, o autor inicia seu texto, na reportagem intitulada “Laboratório de Experiências Sociais”, com a seguinte colocação: *Pernambuco é, neste momento, o maior laboratório de experiências sociais e o maior produtor de ideias do Brasil (...).*⁵⁴

⁵⁴ CALLADO, Antônio. *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1979. p. 129-130.

Para abordar esse período da história vivido em Pernambuco e que tanto impressionou Callado, o estudo, neste momento, dedica-se, especificamente, à compreensão do quinto capítulo do romance, “A Palavra”. Envolvida em toda essa mobilização histórica, estava a ala progressista da Igreja Católica que contribuía para a organização dos Sindicatos Rurais. O envolvimento de parte da Igreja brasileira teve como ponto de partida o Concílio do Vaticano II que proporcionou uma abertura para que houvesse a aproximação da Igreja com os setores populares e preocupação com os problemas político-sociais. Desta forma, dividiu-se a Igreja Católica em duas alas: a primeira, dos progressistas que condenavam o capitalismo e defendiam a criação dos sindicatos, a organização das massas populares e a construção de uma nova ordem política. A segunda, os tradicionalistas que se opunham às transformações e buscavam a conservação do sistema vigente e se mobilizavam contra as lutas populares.

Também por motivos distintos, houve preocupação com a alfabetização no Brasil. Para o governo o objetivo era alfabetizar adultos para minimizar os problemas da educação e conquistar eleitores. A Igreja (ou parte dela) buscava mais que a alfabetização. Em 1961 foi fundado a MEB – Movimento de Educação de Base pela CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, cuja preocupação maior era a precariedade da educação. Com o tempo o MEB teve, além do objetivo de alfabetizar, preocupação com a consciência política e social. O Partido Comunista Brasileiro – PCB aliou-se à ala progressista da Igreja Católica para atuar junto aos sindicatos rurais para que os camponeses se filiassem aos sindicatos e se conscientizassem da importância da sindicalização para a vida social.

Desta forma, o Nordeste destacou-se como uma região pré-revolucionária, pois foram nos sindicatos rurais que os jovens católicos encontram espaço para trabalhar. Com toda essa mobilização, a presença do Partido Comunista no campo tornou-se cada vez mais atuante e as paralisações reivindicando melhores salários tiveram êxito.

O capítulo “A Palavra” é dividido em dois momentos distintos: o primeiro refere-se à alfabetização e politização dos camponeses e o segundo à prisão e à tortura do protagonista e de outras personagens. No primeiro momento, a educação fazia parte da mobilização que acontecia em Pernambuco e (...) *Com apoio de setores progressistas da Igreja Católica, expandiu-se o Movimento de Educação de Base, atuante nos bairros pobres. O método de alfabetização de adultos do educador Paulo Freire teve aplicação em Pernambuco e daí se difundiu pelo País.*(...).⁵⁵

⁵⁵ GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira. Das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo. Ática. 1990. p. 48 e 49.

No início do capítulo, tem-se Francisca, em uma sala de alfabetização, ensinando aos camponeses, por meio do método de Paulo Freire, palavras pertencentes ao universo vocabular dos alunos e que não se restringiam apenas aos processos de codificação e decodificação, mas possuíam real significado para os camponeses e permitiam promover a conscientização e compreensão do mundo e da realidade social. Acompanhando os movimentos históricos, tal compreensão é percebida na práxis revolucionária dos camponeses durante o confronto com os soldados, momento em que Callado faz referência ao conturbado contexto político-social antes do golpe de 64.

Os camponeses do grupo do Hermógenes e os que estavam mais por perto tremeram de raiva e bem que quiseram dizer alguma coisa e um deles se lembrou da frase inteira da Lição 74, a qual disse em voz alta:

- Isto não é democracia, governo do povo?

- Que é que tu está falando aí? – berrou um soldado na cara dele.

Feito menino que assobia no escuro o camponês saiu com o resto da lição:

- Cra, cre, cri, CRO, cri. Escravo (...)⁵⁶

Contrariando a denominação do movimento em Pernambuco - “revolução pacífica”, evidencia-se, neste episódio, a truculenta ação dos militares cujas armas simbolizavam a incoerência diante da ação dos camponeses, que para se defenderem usavam apenas as palavras aprendidas nas aulas com Francisca.

No segundo momento do capítulo “A palavra”, o autor apresenta o protagonista marcado pela distopia. O confronto com os policiais e a prisão foram contrastantes diante da realidade vivida junto aos integrantes das Ligas Camponesas. A “revolução pacífica” que efetuava-se por meio da palavra e que poderia ter resultado na emancipação do povo, soava, diante das torturas presenciadas na prisão, como o fim de mais uma esperança revolucionária para o Brasil.

Callado demonstra todo o sentimento distópico que tomou conta da esquerda brasileira no prefácio escrito para a sua coletânea de reportagens sobre o governo de Miguel Arraes que foi lançada posteriormente à ação dos militares. O autor escreve que após o novo rumo político do país *transmutou para o passado a mais viva experiência social já tentada no Brasil*. E acrescenta que:

Estas reportagens, tão recentes, não se referem a mais nada que exista. Nada. Os fatos aqui narrados deixaram de ser. Uma severa intervenção militar torna difícil até mesmo saber o que está acontecendo a alguns dos principais criadores da

⁵⁶ CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 412 e 413.

*revolução social que se realizava em Pernambuco: seus vultos andam esfumados e vagos como se a poeira dos séculos tivesse caído sobre eles em meses.*⁵⁷

A derrota da esquerda foi decretada com a efetivação do golpe de 64 e implantação da ditadura e do fracasso da revolução social. A narrativa volta-se para a tortura nas prisões federais. Nando e outras personagens são interrogados e através dos diálogos com o coronel Ibiratinga pode-se conhecer a personalidade do seu inquisidor que acredita ser o exército o grande herdeiro do sagrado da Igreja. O coronel defende a tortura como um instrumento legítimo para aqueles que *queriam subverter a ordem no Brasil*.

Em cada momento da narrativa, têm-se novas teorizações sobre o país e o leitor é convidado a refletir sobre a experiência social brasileira. Tais reflexões conduzem o autor de *Quarup* a uma colocação de destaque no cenário da literatura do Brasil. Como diz Antonio Candido, Callado *renovou a “literatura participante” com destemor e perícia, tornando-se o primeiro cronista de qualidade do golpe militar em Quarup (1967)*.

4. REEDUCAÇÃO DO PROTAGONISTA

4.1 - EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Tem-se como objetivo, nesse capítulo, analisar a construção e a trajetória do protagonista do romance. No primeiro capítulo “O Ossuário” o leitor conhece a vida eclesiástica de padre Nando. No ambiente do mosteiro, evidenciam-se duas experiências simultâneas para o padre: a relação existente entre ele e os padres André, Anselmo e Hosana e a amizade com as personagens Levindo, Francisca e o casal de ingleses. Cabe destacar que essas personagens contribuíram de forma decisiva para a transformação pessoal do protagonista, pois foram os responsáveis pela introdução de Nando na realidade, até então desconhecida, e o conduziram ao questionamento do misticismo católico que o cercava. Ainda nesse capítulo, evidencia-se a paixão de Nando por Francisca, noiva de Levindo, revolucionário que trabalha para a organização das Ligas Camponesas.

⁵⁷ CALLADO, Antônio. *Tempo de Arraes – A revolução sem violência*, Rio de Janeiro, 1979, p. 33.

Registra-se que são várias as personagens consideradas intelectuais e é relevante a contribuição de todas elas para que acontecesse a reeducação de Nando. O aprendizado adquirido pelo padre, em contato com outras personagens e nas viagens feitas pelo Brasil, é referencial para aquisição de novos conceitos e de transformação interior.

No romance, a trajetória do protagonista está intrinsecamente ligada aos capítulos que compõem a narrativa. Considerando que o caminho percorrido pelo padre teve início quando ele se confrontou com o que realmente acontecia nos arredores do mosteiro e quando pode presenciar a luta por terras, o início da organização das Ligas Camponesas, a exploração do trabalho e os desmandos dos latifundiários, torna-se compreensível que os capítulos iniciais “*O ossuário*”, “*O éter*”, “*A maçã*”, “*A orquídea*”, sejam momentos de preparação para que Padre Nando inicie a sua efetiva transformação. A transformação concretizou-se a partir do capítulo “*A palavra*”, parte da narrativa que apresenta o momento em que Nando encontra-se a si mesmo e passa a viver para a coletividade. A assimilação dos novos conceitos adquiridos em cada um dos capítulos iniciais transforma o protagonista e ele assimila novas formas que o influenciaram na práxis do intelectual comprometido com os desfavorecidos. É o entendimento do “dever ser” que acontece quando há a conscientização. Desta forma, o protagonista, ao adquirir consciência política, volta-se para o coletivo apropriando-se da postura de *herói problemático*, e troca a sua subjetividade pela transformação em “homem novo”. Nesse momento, inicia-se a compreensão do mundo real e não utópico.

Para compreender o herói problemático, Lukács explica que há nos romances duas naturezas: a individual e a coletiva, essa última representada pela sociedade. Com a constante problemática existente entre as duas naturezas, o herói, alienado e perdido, já não encontra espaço para viver no mundo, pois este se encontra em desacordo com a sua realidade. Esse conflito vivido pelo herói enquadra-o, no que Lukács denomina, *herói problemático* e representa a essência do herói romanesco.

No início da narrativa, tem-se um protagonista que se apresentava como um padre inseguro e ingênuo e durante o desenvolvimento de sua trajetória, pode ser enquadrado nessa categoria de *herói problemático*, pois se descobre capaz de se dedicar a uma causa coletiva. Desta forma, o romance de Callado evidencia ao leitor a alma do herói Nando que por meio de diferentes contatos e experiências ao longo da narrativa, coloca a si próprio em busca da sua essência e ao encontrá-la, torna-se capaz de transformar sua existência em benefício da coletividade.

Existem outras personagens representativas no romance e a abordagem delas é relevante para o entendimento do contexto histórico e para a análise do protagonista, pois a transformação identitária do herói acontece em comunhão com essas personagens. Dentre elas, cabe destacar Levindo e Francisca. O primeiro, revolucionário que participava dos Movimentos das Ligas Camponesas e que exerceu sob Nando grande influência. A outra é a estudante de pintura, Francisca, noiva de Levindo, e por quem Nando apaixona-se e nutre elevada consideração. Para ele: *Francisca era o carreiro de estrelas entre mundos. (...) Nando só tinha encontrado uma paz séria e tranquila em Francisca.* (CALLADO, 2006, p. 14). Na sequência narrativa, seguem-se os capítulos “A Praia” e “O mundo de Francisca”.

Para compreensão de todo o processo que desencadeou a formação de um novo Nando, o estudo percorre, nesse subtítulo, o itinerário do protagonista desde quando ele vivia no mosteiro, abordando as possíveis ações individuais e coletivas que tiveram sob a personagem poder de transformação.

No primeiro capítulo, “*O ossuário*”, tem-se como cenário um mosteiro em Pernambuco. Padre Nando trabalha como guia e professor dos seminaristas em uma congregação religiosa católica. A postura da igreja não envolve preocupação com as pessoas que habitam o povoado próximo ao mosteiro e diante de tal atitude, Padre Nando age com a mesma indiferença e alienação. Ele temia a Deus, frequentava com regularidade o ossuário, onde se dedicava à sua espiritualidade e obedecia às ordens do seu superior, D. Anselmo. O perfil que se tem do protagonista é de um padre indeciso, alienado e inocente. Encontrava-se de tal forma absorvido pelas ideias religiosas que não conseguia prosseguir com o seu grande intento, aquele que iria conduzi-lo durante toda a narrativa – o sonho de ser missionário no Xingu e construir uma sociedade ideal com os índios, como disse a D. Anselmo: *Quero ir em busca dos índios ferozes e trazê-los ao contato da civilização por meio de Cristo.* (CALLADO, 2006, p. 26). O que o impossibilita de realizar o seu intento é o seu voto de castidade que pode ser ameaçado quando se deparar com a nudez das índias. Até ser pressionado por D. Anselmo para seguir com sua missão, o mosteiro representava a segurança e o protegia da realidade.

Com a chegada do casal de jornalistas ingleses ao mosteiro, Leslie e Winifred, inicia-se, de fato, a inserção de Padre Nando na realidade que o cercava. Tornaram-se amigos e o convite inicial feito ao padre para visitar a casa do casal partiu de Winifred – *O senhor precisa vir nos visitar. Tomamos uma casinha na praia.* (CALLADO, 2006, p. 22). Os diálogos frequentes na casa dos ingleses e a proximidade com Francisca, que também se

tornara amiga do casal, foram motivos para que Padre Nando tivesse a sua “segurança” ameaçada. Distante da proteção e segregação dos muros da vida eclesiástica e em contato com a nova realidade apresentada por Leslie e Winifred, evidencia-se um Nando em conflitos existenciais e religiosos. O plano sexual é fator complexo que impede que Padre Nando assuma a sua missão utópica entre os índios. Exemplifica-se tal conflito quando ele mesmo se “confessa” a Leslie:

- Escute, Leslie – disse Nando falando de um jato. – Você vai ter a honra duvidosa de ser a única pessoa a saber por que não segui ainda para o Xingu. Nem D. Anselmo sabe. Só você e o meu confessor. Tenho medo de me defrontar com as índias nuas.
- Medo de quê? – disse Leslie.
- Da nudez das índias. Das índias sem roupa. (...)
- Medo como? – disse Leslie sorvendo o vinho.
- Medo. Certeza de que perco os sentidos. Ou me atiro a elas. Medo. Medo. (...) mas a nudez feminina me persegue. Acordo com a maior frequência molhado de sêmen (...)
- Nando! – disse Leslie. – Que horror. Que Loucura. (...)
- Ou a castidade jurada ou a missão entre os índios. Nesse dilema risível vou passar a vida inteira ficando aqui, como um dos coqueiros. Um coqueiro cheio de aflição. “É a única diferença.” (CALLADO, 2006, p. 77).

Outro conflito do protagonista, desta vez não ouvido em “confissão”, mas percebido por Winifred, é o fato de que a sua subjetividade, proveniente da vida eclesiástica e reclusa aos muros do mosteiro alienou-o de tal forma que o impedem de enfrentar os problemas reais do país e tão pouco partir para o Xingu. Tem-se abaixo uma colocação da personagem Winifred sobre o assunto:

Acho que você se habituou de tal maneira a justificar sua vida em nome desse sonho de transformar os índios não sei lá em quê, que não vai para o Xingu de medo de falhar e ficar depois sem assunto. Você nem sabe o que há de fazer com eles. (CALLADO, 2006, p. 56).

São as novas experiências acrescentadas à sua identidade, neste caso, experiência sexual, que o impulsionam a começar a agir. No excerto abaixo se percebe o desconforto de Nando diante de tantos fatos inusitados vividos a partir da chegada do casal inglês e do convívio mais próximo com Francisca:

Mas agora, com os ingleses e com Francisca a lhe darem tanto trabalho mental Nando precisava de todas as suas forças para si próprio. ... Leslie e Winifred eram às vezes pequenos abalos subterrâneos e Francisca um cardume a remexer o tempo todo o fundo de limo e noite. (CALLADO, 2006, p. 35).

Ou mesmo, diante de situações, antes nunca presenciadas, que conduzem o protagonista a refletir sobre a postura da igreja em relação à comunidade. Abaixo, Nando é convidado para acompanhar o casal de jornalistas para irem juntos à casa de Maria do Egito que havia sido estuprada e enfrentava sérios problemas com o pai.

- Venha comigo, Nando. O desamparo não é apenas social. É religioso também. Você não encontra um padre aqui, preocupado com essa gente. Os doentes em geral morrem sem extrema-unção. (...)
- Mas o engenho tem sua capela. – disse Nando apontando-a.
- Há três anos sem padre – disse Leslie. – E sem nenhuma lei. Essa gente, a quem nem o Estado nem a Igreja jamais deram coisa alguma (...). (CALLADO, 2006, p. 37).

Por meio dessas interferências externas e uma nova visão da realidade focada no oprimido, tão próxima e ao mesmo tempo tão distante do mundo eclesiástico, o protagonista tem contato com questões representativas do Brasil que principiam uma trajetória que extrai dele toda a subjetividade para projetá-lo num caminho de entendimento do coletivo. Tal decisão acontece, efetivamente, devido à interferência da personagem Winifred. Quando soube, por intermédio do marido, do medo que Nando possuía *da nudez das índias* e como isso afastava o padre do seu intento de viver ao lado dos índios no Xingu, Winifred resolve ajudá-lo e o seduz, pondo fim a um dos seus conflitos mais complexos: a castidade. A solução desse conflito sexual impele Padre Nando a agir e ele comunica a D. Anselmo que está pronto para a viagem ao Xingu. Inicia-se uma nova trajetória.

No capítulo “*O éter*”, Padre Nando vai para o Rio de Janeiro com o objetivo de conseguir verbas para ir ao Xingu. No centro urbano, ele tem contato com um novo quadro de personagens que reproduzem, na sua maioria, representantes da hegemonia vigente no país – o médico Ramiro, diretor do SPI – Serviço de Proteção aos Índios que se auto intitula “*um homem urbano confesso*”. Por intermédio de Ramiro, Nando conhece outras personagens e por meio dessas novas personagens que são introduzidas na narrativa, percebe-se a crítica feita pelo autor quanto às ações decorrentes da falta de seriedade com que os assuntos do país eram conduzidos. Esse segundo capítulo contrapõe-se ao primeiro, pela ausência total de comprometimento com a sociedade. O que se percebia na voz, inclusive dos estrangeiros Leslie e Winifred, Januário e Levindo opõem-se, nesse capítulo, à voz de Ramiro.

Cabe citar a personagem Vanda, segunda amante de Nando, que também era funcionária do SPI e conquistou o seu emprego, bem como outros membros da sua família, pelo fato de serem parentes de Ramiro. Durante o período que Nando esteve no Rio de Janeiro

o apartamento de Vanda, no flamengo, era regularmente visitado por ele para os encontros amorosos dos dois. A vida de Nando, no Rio de Janeiro, tornou-se uma rotina de festas, éter e debates envolvendo a política nacional. Apesar de todos os devaneios causados pelo éter e a aquisição de novos conceitos, que somados aos anteriores, contribuíram para a nova formação do protagonista, Nando chega ao Posto Capitão Vasconcelos no Xingu. Estava isolado e agora sua única forma de obter informações do mundo “civilizado” era através de um rádio.

Livre do celibato, “sobreviveu” à nudez das índias, pois se encontrava “*apaziguado na carne e no espírito, podia olhá-las como homem de Deus e do espírito*”. (CALLADO, 2006, p. 147).

Para a recepção de Nando, Fontoura e Lúcia prepararam uma brincadeira reproduzindo a cena do paraíso com Adão e Eva, representados no Xingu com dois índios nus. Essa cena sugeriu o nome para o terceiro capítulo do romance “*A maçã*”. A peça pregada em Nando consistia na encenação de uma índia nua oferecendo ao índio uma maçã. Após a recusa do índio, ela morde a maçã e oferece a Nando, que *confuso, pôs a mala no chão, estirou a mão*. (CALLADO, 2006, p. 145).

Em seguida, Nando chega a casa onde Fontoura estava *cozinhando uma camueca* (CALLADO, 2006, p. 148) e tem início a interferência do pensamento de Fontoura sobre Nando. Neste momento, evidencia-se, diante das palavras de Fontoura, a descrença que ele depositava no governo do país: - *Eu não conto com nada nesta bosta de país*. (CALLADO, 2006, p.149). Tal postura da personagem e a convivência com ele, durante o tempo que Nando viveu no Xingu, é esclarecedora para o padre compreender a real situação do indígena. Fontoura, como Ramiro, era funcionário do SPI, mas trabalhava com o coração pela causa indígena. Defendia que a necessidade maior dos índios não era a catequização, mas a proteção. Desacreditava no governo e na *corja* que trabalhava no SPI, conforme lê-se abaixo:

- O ministro Gouveia, o dr. Ramiro, toda a corja lá do Rio estão ligados ao fazendeiro Gonçalo, às companhias de terras, até a japoneses que avançam em terra de índio – disse Fontoura. – Só de dez mil hectares para cima é que o Senado tem que aprovar vendas de terra aqui. As companhias sempre adquirem 9.900 hectares. Os índios dentro de pouco tempo não tem mais nem uma horta neste país que era deles. Estamos matando os selvagens de fome. (CALLADO, 2006, p. 152).

Fontoura acreditava que a interferência do homem branco na vida dos índios havia trazido muitos problemas e um deles era as doenças - sífilis, gonorreia, sarampo e outras. E o melhor que poderia acontecer para a proteção dos índios seria a distância do branco. Fontoura acreditava que para acontecer a preservação dos índios e da sua cultura seria necessário cercar

o parque com arame farpado e eletrificado. A proximidade de Nando com os reais problemas vividos pelos índios e com as ideias de Fontoura representavam a aquisição de novas experiências e a conclusão de que teria que reformular o seu sonho utópico de sociedade perfeita.

Um fato novo movimenta a vida de Nando e Fontoura. Chega a notícia da vinda de Getúlio Vargas ao Xingu para assinar o decreto para a fundação do Parque Nacional no dia da festa do quarup. A excitação de Fontoura em relação à vinda de Getúlio Vargas era enorme, porém muitos eram os problemas que envolviam o Parque do Xingu. Um deles, que diretamente afetaria os ideais de Padre Nando, é religioso, ou seja, a Igreja só se preocupa com a salvação da alma dos indígenas, mas não se preocupa com o fato dos índios terem suas terras invadidas e ficarem sem as terras que lhes garante o sustento. Quanto à política, percebe-se o mesmo abandono por parte dos governantes - Estado e Igreja agem com os índios da mesma forma que agiam com os camponeses de Pernambuco – com total descaso.

Na narrativa de Callado tem-se o deslocamento do protagonista para distintas regiões. Tanto em Pernambuco quanto no Xingu, percebe-se o mesmo problema – grandes propriedades de terra sendo indevidamente tomadas pelos latifundiários que recebiam para isso permissão do poder público. Apossavam de terras de outrem, pois eram proprietários protegidos pelo Estado e como tais agiam sem se preocuparem com os verdadeiros donos dessas terras. A única preocupação voltava-se para o acúmulo próprio de riquezas.

Diante do descaso do Estado, prosseguia, no Xingu, a preparação para a festa do quarup. Chegam para a festa as personagens pertencentes ao núcleo do Rio de Janeiro. A situação colocada pelo autor, na narrativa, é bastante singular, pois ao situar no mesmo espaço dois mundos tão distintos e voltados para interesses tão diversos – homem branco e uialapitis – evidencia-se a diversidade e complexidade do Brasil. Enquanto o homem branco preocupava-se com a política nacional e o poder que usufruiriam dele, os uialapitis preparavam-se para o quarup.

Entre essas duas realidades, circula a personagem Fontoura e mesmo com a presença do núcleo urbano, ele continua no seu intento: *ensina os índios a se manterem índios*. No momento, sua preocupação é não descaracterizar o quarup. Deseja que a festa seja preparada pelos índios por meio da caça e da pesca, sem interferência do homem branco. A interferência seria um desrespeito cultural aos índios e (...) *não introduzimos na pesca e na caça dos índios elementos que não sejam da sua cultura*. (CALLADO, 2006, p. 213).

Sem interferir, Nando assistia a tudo. Percebia que atingir seus ideais parecia cada dia mais distante, mas perseguia a ideia de catequizar os índios, pensamento já enraizado na sua formação. A festa do quarup se aproximava e com ela a suposta chegada de Getúlio. Neste capítulo, especificamente, acontece a fusão do plano histórico e ficcional. Enquanto, no Rio de Janeiro, a situação da política nacional tornava-se insustentável, no Xingu, a atenção dos índios voltava-se para a preparação da festa do Quarup. Com a chegada do ministro Gouveia ao centro do Brasil, vários fatos são relatados e as personagens ficcionais ficam alerta diante da situação do Brasil.

Neste momento, uma reflexão à situação de Fontoura merece destaque, pois se percebe que com a embaraçosa situação política do país, a inauguração do parque estava ameaçada. Como de fato aconteceu: *Getúlio não vem mais ao Xingu: volta para Itu.* (CALLADO, 2006, p. 219).

O momento de maior conflito histórico da narrativa acontece simultaneamente à cerimônia funeral do Quarup. Chega pelo rádio a notícia do suicídio de Getúlio.

Os índios da huka-huka e do moitará e javari só ouviram porque conheciam muito bem a voz do Fontoura mas ligar não ligaram o grito dele não, porque não queria dizer nada que índio soubesse e viram logo que só podia ser coisa entre caraíba o Fontoura berrando o velho se suicidou, o velho se matou, o velho morreu e nem interessava também que o Cícero berrasse junto dizendo meteu uma bala no coração e morreu, Getúlio morreu. Otávio saiu correndo como um doido do campo de pouso e encontrou diante da casa do Posto Cícero aos soluços e Fontoura repetindo Getúlio morreu e Nando e Vanda e Lídia de caras transtornadas também (...). (CALLADO, 2006, p. 242).

Enquanto isso os índios alienados a todos os gritos, desfaziam de seus quarups.

(...) quarups que vinham rolando, rolando pelo declive tocados pelos pajés e plaf plaf palf um atrás do outro foram entrando n'água e o maior de Uranaco mergulhou um pouco, emergiu, saiu boiando (...) (CALLADO, 2006, p. 242).

No capítulo “*A orquídea*”, aconteceram vários fatos significativos que influenciaram a transformação da conduta de Nando. A caminho de Pernambuco, a bordo do Catalina, sem saber do fato sucedido no mosteiro, (...) *bloco de papel nos joelhos, tinha rascunhado a d. Anselmo a carta que encontraria d. Anselmo morto.* (CALLADO, 2006, p. 246). Padre Hosana havia assassinado a tiro D. Anselmo e estava preso. Nando, ao visitá-lo, se culpa pelo ocorrido, pois sabia que Padre Hosana possuía uma arma de fogo e ficara calado.

- Meu Nandinho – disse Hosana – isto de você se dizer tão culpado quanto eu me irrita de pagode.

- Eu nunca disse tal coisa. Só disse a d. Ambrósio que podia e devia ter tomado o seu revólver ou denunciado a existência dele e da sua tentação de eliminar d. Anselmo. Fui omissos. Só estava pensando no meu próprio problema. (CALLADO, 2006, p. 250).

Em seu diálogo com Padre Hosana ele descobre sobre o assassinato de Levindo, que foi morto a tiro depois de invadir com um grupo de camponeses um engenho para reivindicarem os salários atrasados. E que, após a morte do noivo, Francisca havia partido para a Europa.

D. Ambrósio, substituto de d. Anselmo deixa claro a Nando que sua presença era malquista e que depois de seu depoimento sobre o assassinato de d. Anselmo e da vida libertina que levava a melhor opção era que ele fosse embora, pois era *seu exemplo indesejável e sua presença nefasta*. (CALLADO, 2006, p. 252). A alternativa encontrada e o desejo de Nando era o retorno ao Xingu. O ex-padre volta ao encontro dos índios no Posto Capitão Vasconcelos, torna-se funcionário do SPI e se isola no mato a procura de tribos para serem pacificadas. Seu companheiro Fontoura perde a chefia do Posto Capitão Vasconcelos e se embriaga cada vez mais.

Nando começou, aos poucos, a sair pela floresta, ir para longe do Posto. Tinha aprendido a usar arco e flecha, levava presentes para índio bravo. O embornal cheio de carne seca de veado ou capivara entrava na brenha, longe dos cursos d'água, colhendo piqui nas árvores, chupando coquinho. Via gostosamente a comida acabar no embornal para depender do acaso de ave, cobra, macaco, formiga. Durante meses e anos só se detivera de quando em quando no Posto e no convívio do Fontoura para justificar o emprego que Ramiro afinal lhe arranjava (...). (CALLADO, 2006, p. 253).

Ainda em *A orquídea*, a narrativa apresenta, ao leitor, que durante anos, Nando agiu como um *lébrego do Senhor*. Sua trajetória na selva mistura-se com gorotire, txikão, mato bulindo, facão, machadinhas, doce, arco, clareiras na selva bruta, coração alvoroçado e sinais-da-cruz. Andara atrás de tribos e finalmente conseguira seu intento: *Dias depois três txikão chegaram ao Posto Capitão Vasconcelos atrás de Nando como ovelhas seguindo o pastor. Cristo vencera*. (CALLADO, 2006, p. 254). Nando vencera.

Apesar das mudanças ocorridas com a classe dirigente do Brasil, Ramiro conseguiu manter-se no posto do Serviço de Proteção aos Índios e organizou uma expedição em busca do Centro Geográfico do Brasil. Mas Ramiro sabia que o seu objetivo maior era encontrar a dançarina Sônia.

Entre os integrantes da expedição e com a função de documentar a viagem e cumprir uma promessa feita a Levindo, Francisca parte com a expedição para o Alto Xingu.

Já fazia aproximadamente dez anos que o líder sindicalista Levindo levava um tiro da polícia. Sua família nunca soube do acontecido, pois o enterrou como se ele tivesse sido vítima de atropelamento. Francisca, inconformada com a falta de reconhecimento à memória de quem sempre lutou em defesa dos camponeses de Pernambuco, buscava resgatar essa memória e mantê-la viva. Queria apanhar a terra com as próprias mãos e levá-la ao Sindicato de Palmares para cumprir uma promessa que havia feito a Levindo. Seu empenho em manter viva a memória do ex-noivo também a conduziu à alfabetização dos camponeses. Francisca havia se tornado *noiva da luta de Levindo* e buscava realizar o trabalho que ele idealizara. Este fato pode ser compreendido conforme a colocação de Francisca:

- A única coisa que eu tenho feito que de longe possa parecer um serviço de amor prestado à memória de Levindo tem sido ensinar camponeses a ler e escrever. (CALLADO, 2006, p. 265).

Além de Francisca, cabe citar o novo integrante da narrativa que também havia chegado junto com a expedição, a personagem Vilaverde, substituto de Fontoura no Posto Capitão Vasconcelos. Assim como Fontoura ele tem respeito pela cultura dos índios e seu desejo é preservá-los sem interferência do homem branco.

Cada elemento da expedição que seguia em sentido ao centro do Brasil tinha um propósito distinto. Para Nando, Francisca era o centro. O capítulo *A orquídea* foi para ele um novo e significativo momento de transformação. Desde a chegada da expedição, mas especificamente de Francisca, Nando “caminhava” para concretizar o sonho de se aproximar da amada. Durante o percurso em busca do centro geográfico, mais especificamente na foz do Rio Jarina e da Cachoeira de Von Martius acontece a concretização do desejo de ambos. De dentro de uma ubá,

Remava Nando perdido em sonho de Francisca, a capacidade de visão tomada pela imagem muito viva daquela com quem acabava de estar, quando a viu realmente transferida para o mundo. É que por trás da ilha entrara quase insensivelmente por um furo estreito e alastrado de orquídeas dos dois lados. Mata fendida pelo fio d’água, fio d’água tornado lilás pela contemplação de tantas orquídeas. (CALLADO, 2006, p. 296).

Nesse ambiente paradisíaco, cercado por uma vereda de orquídeas,⁵⁸

⁵⁸ Na dissertação de mestrado de Cláudia Helena da Cruz há uma citação de Lígia Chiappini que explica a palavra que dá título ao capítulo de *Quarup*. Segundo Chiappini, a orquídea tem um conteúdo simbólico: *a palavra* (orchidion, do grego = testículo) símbolo da fertilidade, aparece no centro da floresta tropical, com muita água e muita cor, no momento do encontro de Nando e Francisca, e no centro do livro. (...) A integração

Nando e Francisca não falaram. Apenas se voltaram um para o outro, braços abertos, e o breve instante em que se separaram foi para deixarem cair no chão as roupas sobre as quais se deitaram debaixo de orquídeas pálidas, separados do rio por um cortinado de orquídeas coloridas. (CALLADO, 2006, p. 297).

O tempo da narrativa é o ano de 1961 e o dia da ação é indicado pelo eclipse da lua que aconteceu na data de 25 de agosto. Um fato lastimável acontece nesse mesmo dia. Os índios *cren-acárore* atacam a expedição. O agravante era que todos estão sem alimento e doentes, vítimas de doenças trazidas pelos seringueiros. Como já havia previsto Vilaverde e Nando:

Vilaverde tinha a testa enrugada (...)
- Sabem o que é que eu vi, furando a floresta com as copas altas; subindo para o norte a perder de vista? Seringueiras.
- Você imagina portanto que deve haver também muitos seringueiros – disse Nando. Vilaverde assentiu com a cabeça. (...)
(...) - mas vizinhança de seringueiros nunca é bom sinal para índios. (CALLADO), 2006, p. 327).

Apesar de inúmeras dificuldades, a expedição chega ao coração do país. O fato é marcado pela morte de Fontoura no maior *panelão de formigas do Brasil*. O protetor dos índios joelha-se no *Centro Geográfico do Brasil, latitude dez graus e vinte minutos sul, longitude cinquenta e três graus e doze minutos oeste de Greenwich*. (Callado, 2006, p. 350) e com os ouvidos colados a terra morre ouvindo o coração do Brasil bater lentamente.

Em meio à confusão política que se encontrava o Brasil, diante da renúncia de Jânio, chega o hidroplano de resgate, conseguido com a Missão Militar Americana. O americano que acompanhou o resgate, Major Norry, *que fotografava tudo e todos com sua Leica* (...), fotografou (...) *um close do padrão e da cruz de Fontoura*. (CALLADO), 2006, p. 352). O Brasil fora invadido por todos os lados.

Devido ao esquecimento dos membros da expedição, no mastro fincado no centro do Brasil, não havia bandeira. *Tremulava ao vento, no pau da bandeira, um pano cor-de-rosa com flores brancos*. (CALLADO, 2006, p. 353), colocado por Ramiro.

Neste capítulo que se encerra, têm-se vários fatos que favoreceram para as transformações ocorridas com o protagonista e que foram decisivos na sua nova formação identitária – o abandono da vida eclesiástica e do objetivo de catequizar os índios do Xingu, o

dos amantes com a natureza é completa, a mulher se funde com as flores e a cena reatualiza o mito de Adão e Eva, inocentes, a descobrir o amor no paraíso.

contato com pessoas que possuíam distintos pensamentos e atitudes, os anos vividos em companhia de Fontoura e dos índios no Xingu e principalmente o encontro com Francisca. Como ele mesmo dizia: *Estou me sentindo feito um disco de cera numa gravação, sei lá.* (CALLADO, 2006, p. 173). Em toda sua trajetória evidencia-se a evolução do perfil identitário que se formava e no capítulo seguinte tem-se o enquadramento de um novo Nando. Aquele que deixa de idealizar a sociedade utópica vivida com os índios e torna-se um herói real que luta pelos menos favorecidos do nordeste.

4.2- A DESTRUIÇÃO DO MUNDO DE LEVINDO

Após o período que durou entre 1954 e 1961, Nando deixa o Xingu e, sempre motivado pelas personagens femininas, desloca-se para outro lugar. No capítulo “A Palavra”, Nando e Francisca estão de volta a Pernambuco. O protagonista cumpre o que prometera no capítulo anterior e acompanha Francisca, pois para ele era impossível deixá-la partir. Tem-se início uma nova trajetória na vida das personagens.

Quando chegaram a Pernambuco, o governador era Miguel Arraes e no seu plano de governo havia o projeto “educação popular” que visava à educação dos camponeses. Nando e Francisca ocuparam-se desse projeto que tinha como objetivo central ensinar a ler a realidade e não apenas as palavras. Cabe destacar que o método utilizado por Francisca para alfabetizar os camponeses era de Paulo Freire e consistia na aprendizagem através de palavras que eram relacionadas à realidade do aluno e concomitantemente tinham a função de conscientizá-los politicamente e torná-los conhecedores das tendências autoritárias e castradoras da liberdade individual. Como se pode perceber o enxerto abaixo:

(...)

- Pensem em classe e clamor – disse Francisca (...)

- Eu re – disse um camponês

- Eu remo! disse outro.

- Eu clamo – disse outro.

- Eu sei professora, eu sei dona Francisca. Eu RECLAMO!

(...)

- Reclamar vocês todos sabem o que é – disse Francisca.

Os camponeses riram.

-Só que precisam reclamar cada vez mais. Reclamar tudo a que vocês têm direito. Direito também vocês sabem o que é. Direito todo homem tem de comer, de ganhar dinheiro pelo trabalho que faz, de votar em quem quiser em dia de eleição.

- O voto é do povo – disse um camponês.

- O pão é do povo – disse outro.

- O pão dá vida e saúde ao povo. – disse outro. (CALLADO, 2006, p. 356).

O título do capítulo justifica-se pela importância da palavra para a alfabetização e conscientização do povo. Em “*A Palavra*”, tem-se o povo como novas personagens, representadas pelos jangadeiros, camponeses, Manoel Tropeiro, Otávio e Januário. Percebe-se uma mobilização única desse povo e o resultado é a criação dos sindicatos, das Ligas Camponesas, dos movimentos de esquerda que tinham como objetivo comum à busca pela dignidade e igualdade social para aqueles que estavam sob o jugo dos coronéis.

Em Nando a transformação é evidente. Inserido nos movimentos de esquerda faz da sua casa um local para reuniões com camponeses e estudantes a fim de discutirem sobre os movimentos e trocarem ideias. Sua ideologia tornou-se consistente e Nando aborda as questões sociais com segurança e decisão. Pode-se perceber tal atitude quando Padre Gonçalo pergunta sobre o fato dele estar ou não aliciando pessoas para o partido e ele responde:

Eu não alicio – disse Nando. – Encaminho as pessoas para o fervor que as atrai. É claro que só conheço pessoas bem formadas, isto é, que vivem de costas para a direita. (CALLADO, 2006, p. 368).

Ou quando Nando, conversando com Lídia, faz a seguinte colocação a respeito do momento político animador que estão vivendo e da expectativa de ter definitivamente Francisca ao seu lado.

– Meu reino de Deus foi adiado – disse Nando. – Por pouco. Em nenhum lugar do mundo o mundo está sendo tão rapidamente alterado e tornado melhor como aqui, neste ponto do Brasil, neste momento. E eu estou dentro do turbilhão. Sou uma faísca do raio. Quando além disto eu tiver Francisca vou viver ao mesmo tempo nesse turbilhão e na eternidade. Entendeu? (CALLADO, 2006, p.370).

Mas, os ideais de Nando entraram em conflito com a realidade do país. E aconteceram, inevitavelmente, os desmandos de uma elite violenta que buscava manter o *status quo* vigente no país, sem se importar com os desvalidos. Em resumo, nesse capítulo, tem-se o início de um sonho utópico de igualdade e justiça social, mas os fatos comprovaram que ainda não havia possibilidade de nenhuma ação humana que vencesse as injustiças da sociedade e do governo autoritário.

A política do país agravou-se e a narrativa que antes era de otimismo e confiança, torna-se o retrato do pessimismo. Havia a perspectiva de ruína do mundo que haviam começado a criar em Pernambuco. Diante dos acontecimentos nas principais cidades do

Brasil, estava claro que a elite brasileira queria lutar contra o governo democrático de João Goulart.

O Governador do Estado envia uma carta aos Governadores do Nordeste alertando a todos do perigo eminente: *se nós todos não nos unirmos, amanhã estamos com o país debaixo de uma ditadura de milico e gringo*. (CALLADO, 2006, p. 404).

Em meio a esse turbilhão político, Januário organiza uma marcha em defesa do Engenho Auxiliadora, mas o propósito da marcha acaba sendo em defesa do Governador. Enquanto isso, o palácio do Governador já havia sido cercado e o Governador deposto. A confusão continua durante a manifestação e Nando e Januário são presos. Os camponeses que participavam do Projeto “Educação Popular” começam a manifestar e gritam frases das lições que aprenderam.

(...)

- Isto não é democracia, governo do povo?

- Que é que tu está falando aí? – berrou um soldado na cara dele.

Feito menino que assobia no escuro o camponês saiu com o resto da lição.

- Cra, cre, cri, cro, cru. Escravo.

Os outros acompanharam diante dos soldados bestificados.

(...)

Foram tocados para dentro dos carros aos empurrões por soldados pálidos que por desconhecerem a lição 74 acreditavam na súbita loucura daqueles homens um momento atrás tão silenciosos e mansos.

(...)

- ESCRAVO, ESCRAVO, ESCRAVO! DEMOCRACIA! CRISE! CRA!CRU!

(CALLADO, 2006, P. 412).

Reaparece na narrativa o coronel Ibiratinga, um católico devoto que comungava todos os dias. O problema do coronel com a Igreja é o fato de ele considerar que a instituição religiosa não era mais a mesma desde 1961. Acreditava na existência de uma relação entre a tortura e a inquisição e se considerava no direito de assumir os “deveres inquisitoriais” e fazer uso da tortura em nome da causa que defendia. Em uma conversa com Nando percebe-se a intransigência do coronel e a sua loucura.

- (...) Assumo e abraço os deveres inquisitoriais. Nós somos ungidos e sagrados agora. A igreja transformou-se nisto que o senhor está vendo: o senhor mesmo, Hosana, André, Gonçalo. A Igreja acabou em 1961. O que existe no mundo de santo e de grave passou do Vaticano para nós, para o Exército. O Brasil começa conosco. Começa agora. (CALLADO, 2006, p. 438).

A ideia de construção de um país democrático foi substituída por tempos de tortura. O objetivo do coronel Ibiratinga era a confissão forçada de todos os presos políticos e a confirmação de que a Revolução Comunista estava em marcha no Brasil.

No porão, onde aconteciam as torturas, Nando encontrou Manoel Tropeiro, Libânio e o ex-padre André que havia sido preso, pois gritava que Fidel era Jesus Cristo de volta a terra. Todos sabiam da demência do ex-padre, mas mesmo assim ele foi preso e torturado. Nando solidariamente manifestou-se contra a tortura de André:

Ainda abraçado a André, Nando disse:
- Tenente, é ignóbil torturar um louco, um homem que não sabe o que faz ou o que diz. (CALLADO, 2006, p. 434).

Em resumo, não importava quem era a vítima, desde que as visitas ao porão “arrancassem” dos torturados exatamente o que o coronel queria ouvir. O coronel dizia que: *a tortura para ele não faz ninguém inventar, inteiramente. No máximo as pessoas exageram.* (...). (CALLADO, 2006, p. 471).

Após sair da prisão, em 1964, Nando descobre que o “mundo de Levindo” que ele e Francisca estavam construindo já não existia mais. Descobre também que sua amada havia voltado para a Europa.

O quinto capítulo encerra com a recusa de Nando diante do convite de fugir com Gonçalo. Em “A Palavra”, o protagonista volta-se para a coletividade, envolve-se com os líderes de esquerda e com o Movimento de Cultura Popular. Em contato com o povo acreditava no ideal democrático e na luta pela transformação social, mas diante da luta perdida, Nando, novamente, readapta-se. No capítulo seguinte, *A praia*, o protagonista faz o caminho inverso daquele que havia feito no capítulo anterior. Volta-se novamente para si e se recusa a participar de qualquer movimento.

4.3 - MORTE DE HERÓI A GENTE FESTEJA, NÃO CHORA

No início do penúltimo capítulo, “A Praia”, Nando convive com as pessoas humildes como os jangadeiros e as prostitutas. Sua vida resume-se em amar e a ensinar o amor. Sua missão com as prostitutas era aconselhá-las na arte do amor. Possuía como objetivo único amar as mulheres feias e solitárias. Durante a noite caminhava pela praia para atrair aquelas

que estavam sós e amá-las sem o compromisso de se prender a elas. Defendia o amor sem compromisso. Nando passava suas noites em casa com qualquer uma que o procurasse em busca do amor ou *dormia noites a fio nas pensões de mulheres*.

Muitos não compreendiam a atitude de Nando, pois enquanto sua preocupação voltava-se apenas para o sexo, o Brasil estava sob o domínio dos militares e sob forte repressão. Nando ignorava o fato e quando era convidado para rearticular alguma reação em favor do país, ele totalmente descrente da situação política, dizia: - *Não conte comigo não – disse Nando. – Não vejo nada de reorganizável do ponto de vista político*. (Callado, 2006, p. 465). Muitos visitavam Nando, para atualizá-lo sobre os acontecimentos com os companheiros que foram soltos e já se mobilizavam para a organização de uma revolta. E muitos o advertiam do perigo que corria vivendo à mercê dos militares. Ao invés de se preocupar com a questão da sua segurança, resolve colocar um plano em prática que *há muito Nando tinha na cabeça (...). (...) a idéia do jantar à memória de Levindo*. (CALLADO, 2006, p. 482). Posteriormente, o estudo faz uma relação entre o jantar em homenagem a Levindo e o *Quarup* vivido por Nando no Alto Xingu.

Um dos companheiros soltos é Manoel Tropeiro e na visita surpresa que Nando recebe do amigo, o protagonista comentou sobre a ideia do jantar em memória a Levindo:

- Para o jantar a gente não tem que pedir licença nem nada – disse Nando. - Eu boto uma mesa que não tem mais tamanho aqui no quintal, a gente convida todo o mundo, todo o mundo pesca peixe e todo o mundo festeja a morte do Levindo porque morte de herói a gente festeja, não chora. (CALLADO, 2006, p. 485).

E assim se fez. O jantar programado para celebrar Levindo *foi crescendo, crescendo e está virando festa do povo*. Ao adquirir grandes proporções, tornou-se motivo de preocupação para o Partido, pois havia perigo para Nando. Jorge tentou dissuadi-lo, mas Nando não aceitou:

- Você não ignora que o momento é no máximo para articulações discretas e não para atos públicos. Todo o partido é unânime. Não há condições objetivas para um jantar como o que você planeja. (CALLADO, 2006, p. 501).

Encara o desafio e diz que, apesar de ter licença para viajar, só sai do país *jantado*. O jantar tem um valor simbólico, pois representa o aniversário da morte de Levindo e é ao mesmo tempo o ritual de ressurreição de Nando. Para o jantar, Nando preparou a casa *transformando-a em uma réplica da escola*. A palavra geradora era *LEVINDO e VIVA LEVINDO*.

Destaca-se nesse momento a intenção do autor em mesclar novamente a história e a ficção na narrativa. A *Marcha da Família com Deus pela liberdade* foi uma sequência de manifestações públicas que ocorreram entre 19 de março a 08 de junho de 1964. Era uma resposta ao que a elite considerava uma “ameaça comunista” – o comício de João Goulart que prometia realizar as chamadas reformas de base. As reformas seriam administrativas, agrárias, financeiras e tributárias e consequentemente os interesses das classes dirigentes seriam atingidos, visto que haveria a distribuição de terras e bens. Tais ideias foram vistas como o início da implantação do socialismo. Diante dessa “ameaça”, vários grupos sociais, incluindo o clero, o empresariado e setores políticos diversos se organizaram em marchas, levando às ruas pessoas que queriam derrubar o governo de João Goulart.

É uma dessas marchas que caminha para o local onde acontecia o jantar organizado por Levindo. Durante a festa, Djamil avisa a Nando sobre a proximidade do grupo e que não haveria para eles um percurso diferente. Desta forma aconteceu, pois estava premeditado o confronto e era uma forma de acabar com a insubordinação de Nando ao organizar um jantar que relembresse a morte de Levindo.

Aconteceu o inevitável, Nando foi espancado violentamente. Depois de passar meses em recuperação na casa de Deolinda e Hosana, Nando abre os olhos e:

Ao seu redor reconheceu os amigos. Cara a cara. Olhos úmidos, azuis de Cristina, garços de Amaro, negros. Nando esboçou um sorriso, levantou um pouco a mão direita. Mal viu, porém, como todos se precipitaram para beijá-la e como todos choravam de alegria. Mergulhou no seu primeiro sonho tranquilo. (CALLADO, 2006, p. 525).

4.4 - RENASCE LEVINDO

Nando, ainda em recuperação na casa dos amigos, decide que o novo rumo que dará a sua vida será acompanhar Manoel Tropeiro que em breve partiria para o sertão. Antes de seguir viagem com Tropeiro resolve passar em casa para pegar as cartas que, provavelmente, Francisca havia escrito. Quando percebe que o povo estava feliz comemorando o carnaval resolve mudar os planos e decide partir para encontrar Francisca. Mas, dentro da casa havia dois soldados aguardando por ele em tocaia. Para se defenderem Manoel Tropeiro apunhala um soldado e Nando o outro. Ambos, depois de certificarem que não havia nenhum perigo, que tudo estava em paz, partem. Nando *não sentiu remorso nenhum*.

Nando já a cavalo mal ouvia Manoel Tropeiro. Sentia que vinha vindo a grande visão. Sua deseducação estava completa. O ar da noite era um escuro éter. A sela do cavalo um alto pico. Da sela Nando abrangia a Mata, o Agreste e sentia na cara o sopro do fim da terra saindo das furnas de rocha quente. E viu: aquele mundo todo com sua cana, suas gentes e seus gados era Francisca molhando os pés na praia e de cabelos ardendo no Sertão.

(...)

Estava descontínuo, leve, vivendo de minuto a minuto. Só tinha como sensação de continuidade o fio de ouro de Francisca, assim mesmo porque era um fio fiado com astúcia na trama do mundo a vir. Não vinha propriamente do passado (...). (CALLADO, 2006, p. 552).

E Nando continua a sua trajetória. Desloca-se novamente. Desta vez, fortalecido por uma nova existência.

(...)

- E seu nome qual vai ser? Já pensou?

- Já – disse Nando. – Meu nome será Levindo. (CALLADO, 2006, p. 553).

A última parte é a redenção do protagonista. Ao longo da narrativa percebe-se a sua efetiva transformação. O ex-padre deixa de ser alienado e individualista para se tornar um “homem novo”, aquele que por meio da convivência com seus pares apreendeu o significado da conscientização política. A simbologia do jantar, quando Nando “nutriu-se” de Levindo, no capítulo anterior, pode ser percebida no desfecho da narrativa a partir do momento que Nando faz a sua decisiva escolha. Sendo Levindo, o seu exemplo de vida, torna-se ele o caminho a ser seguido.

Para situar a última decisão do protagonista cabe ainda um comentário sobre a experiência vivida por Nando no Xingu e como o ritual do quarup indígena influenciou-o a ponto de transportar os acontecimentos da cultura xinguana para a realidade de Pernambuco, fato que contribuiu para o seu despojamento e maturidade.

Retomando o quarup do Xingu, tem-se que o jantar acontece de forma festiva e homenageia uma pessoa ilustre e já falecida. O objetivo era reunir várias tribos vizinhas e a tribo anfitriã seria responsável pela distribuição da comida aos convidados. Cabe aos anfitriões, coletivamente, gerar a alimentação para todos. O objetivo do ritual é a comemoração e a ressurreição dos ancestrais. Apesar das descaracterizações já sofridas no quarup original, fato destacado no romance, Callado, ao trazer para a cultura dos brancos o ritual do Alto Xingu e adaptá-lo às necessidades da narrativa, promove uma releitura do quarup, porém com significações semelhantes. O jantar proposto por Nando pode ser comparado com o ritual, pois preserva a mesma sequência na elaboração e possui o objetivo de reviver a lembrança de Levindo no seu aniversário de morte. Substituindo as tribos

vizinhas, presentes como convidados no quarup xinguano, têm-se os convidados de Nando que representam os indivíduos que vivem à margem da sociedade, como pescadores e prostitutas. Nando mantém a mesma tradição do quarup original no que diz respeito aos preparativos da festa, quer que, coletivamente, todos preparem o grande banquete. Substituindo a alimentação tradicional dos indígenas. O jantar acontece e o brinde é para Levindo, símbolo da luta pela igualdade social. Tem-se, no início do jantar, a seguinte colocação de Nando para todos os convidados:

— Estamos aqui reunidos em espírito de festa para relembrar o único brasileiro morto em luta por uma ideia. Brasilidade e o encontro marcado com o câncer. Brasilidade e a espera paciente da tuberculose.

Brasilidade e morrer na cama. A frente de um grupo de camponeses, morrendo pelo salário dos camponeses, Levindo morreu uma bela morte estrangeira. Estamos hoje aqui para comer o sacrifício de Levindo, comer sua coragem e beber seu vivo sangue de brasileiro novo.

Nando levantou o copo no ar e disse:

— Levindo.

E toda aquela multidão levantou os copos, cálices e canecos ribombando em resposta como se os grandes cartazes se tivessem posto a gritar:

— LEVINDO! VIVA LEVINDO!

— E é só — disse Nando — Agora é beber e comer. (CALLADO, 2006, p. 511).

“Nutrir” e “beber” o herói assassinado em defesa dos camponeses foi a forma encontrada para que a coragem e integridade de Levindo fosse incorporada, não só em Nando, mas por todos aqueles que sempre estiveram numa posição social desfavorável e deveriam, através de Levindo, adquirir a consciência da importância da luta. Desta forma, o herói renasceria em todos.

E Levindo renasce em Nando. Fato que se consolida no instante em que assume também o seu nome. Neste momento, torna-se um herói que busca transformar a realidade e mudar o percurso da história. Junto com o amigo, Manoel Tropeiro, e após cometer um ato de violência, Nando rompe com as amarras do passado e segue para o sertão disposto a sacrificar pela causa coletiva.

III - CAPÍTULO II – A GERAÇÃO DA UTOPIA

*Quem dá dinheiro para o patrão comprar máquinas, carros, senhoras e cabeças de gado para os motores?
Quem faz o branco prosperar, ter barriga grande – ter dinheiro?
- Quem?*

JACINTO, António, *Monangamba*. In: *Dos jornais às Armas – Trajectórias da Contestação Angolana*, 1999.

1. MOVIMENTOS DE LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

Não me parece possível o escritor separar a sua ideologia da sua prática de escritor. É claro que se pode pôr na boca das personagens tudo o que se queira e a literatura em parte é isso mesmo, uma discussão/confronto entre personagens de ideologias diferentes, mesmo se elas não sabem o que isso quer dizer (...).⁵⁹

Com o objetivo de situar o romance *A geração da utopia* e conhecer a origem do movimento que acendeu a esperança e os ideais utópicos de um grupo que desejava uma sociedade sem desigualdades e que lutava pela independência, optou-se por fazer um estudo sobre a formação e atuação dos movimentos de luta pela independência de Angola. Como Pepetela participou ativamente do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o estudo centraliza-se mais especificamente na história deste movimento que se tornou partido político e governa Angola desde sua independência de Portugal em 1975. Para compreender sua importância na história de Angola, tem-se uma breve retrospectiva histórica sobre a formação do MPLA.

Cabe situar que novas formas mobilizadoras surgiram e foram significativas para a conscientização do povo. Marcelo Bittencourt comenta que, nesse período de reivindicações,

É fundamental chamarmos a atenção para o facto de que todo esse contexto é marcado pela mudança no padrão de reivindicação (...). Parte dessa camada intermediária formada por crioulos e novos assimilados romperá com a postura de luta quase exclusiva por um reconhecimento especial por parte quer dos colonos quer das autoridades governamentais, limitada, portanto do ponto de vista social. A disposição agora é procurar a arregimentação dos demais angolanos e ampliar o processo de conscientização política. Nesse período surge a revista “Mensagem”, editada pela Anangola, e o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola. Tem-se, então, novo período de reivindicações urbanas, nem sempre toleradas, que se baseia na ideia da valorização da cultura africana. Nem a Revista, nem o movimento possuíam um programa político de luta contra as autoridades coloniais, mas foram importantes como elementos mobilizadores e de consciencialização daqueles que futuramente iriam encabeçar a luta anticolonial. (BITTENCOURT, 1999, p. 122).

O Movimento dos Novos Intelectuais foi uma organização cultural nacionalista de Angola, formada em 1948 e se caracterizava pela sua expressão literária e cultural. Foi relevante para que pequenos grupos políticos se organizassem clandestinamente. Podia-se perceber o perfil contestatório do Movimento por meio das publicações da Revista Mensagem, que evidenciavam as difíceis condições sociais dos musseques, os bairros

⁵⁹ Entrevista com Pepetela por Jane Tutikian. In: **Nau Literária** da UFRGS, v. 07, p. 01, JAN/JUN 2011.

degradados de Luanda e também as implícitas reivindicações nacionalistas. Tinha, ainda, como objetivo a criação de uma literatura própria, de origem angolana, rompendo com as imposições colonialistas de Portugal. Foi um dos movimentos que originou o MPLA e teve a participação de Viriato da Cruz, Agostinho Neto e Antônio Jacinto.

A partir da leitura de revistas, romances e panfletos em que predominava a influência do pensamento marxista, formou-se uma juventude engajada que contribuiu para o surgimento de organizações responsáveis pelo trabalho de base em algumas comunidades de Luanda e pela distribuição de *panfletos reivindicando a independência e alertando para a necessidade de mobilização do povo angolano*. (BITTENCOURT, 1999, p.128). Diante de toda a agitação e da repressão portuguesa, algumas siglas surgiram em Luanda, simultaneamente aos movimentos do Norte de Angola. Uma delas, considerada vertente do MPLA, foi o PLUA (Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola), tendo como dirigentes, Antônio Jacinto e Viriato da Cruz. Em seguida, o PCA (Partido Comunista de Angola). Ambos os grupos fundiram-se para formar o MPLA.

Observa-se que, além do movimento nacionalista, a formação do MPLA originou-se também devido à insatisfação de vários grupos anticoloniais que se reuniram para determinar ações contra a dominação portuguesa. O grupo era formado por estudantes, trabalhadores e pessoas representativas do nacionalismo angolano e por aqueles que lutavam contra o colonialismo. O primeiro dirigente do MPLA foi Antônio Agostinho Neto que teve como secretário Viriato da Cruz, ambos frequentares da CEI - Casa dos Estudantes do Império, localizada em Lisboa. A casa também foi frequentada por Pepetela e posteriormente, reportando-se a esse espaço, Pepetela titularia de, *A Casa*, o primeiro capítulo do seu livro *A geração da utopia*.

Abaixo se lê um trecho do romance estudado de Pepetela, no qual Aníbal faz um comentário sobre o MPLA e evidencia que logo após a independência das primeiras colônias africanas, surge entre os grupos nacionalistas a necessidade de oposição ao sistema colonial.

- O Mário de Andrade e o Viriato da Cruz é que estão à frente, pelo menos no exterior. Dizem que foram eles que organizaram os ataques às prisões de Luanda. Chama-se Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA. (PEPETELA, 2013, p. 20).⁶⁰

⁶⁰ Marcelo Bittencourt Em *“Estamos juntos” o MPLA e a Luta anti-colonial (1961-1974)* coloca que: Em Luanda, na madrugada de 4 de fevereiro, grupos de homens armados de catanas, com apenas uma arma de fogo, vestidos de roupa escura, atacam a esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP), a cadeia de São Paulo e a Casa de Reclusão, numa ousada tentativa de resgatar os presos políticos detidos nas ações policiais de 1959 e 1960. (BITTENCOURT, 2008, p.78).

Na sequência desse mesmo diálogo há a citação dos dois movimentos, MPLA e UPA, que serão abordados a seguir, e Aníbal evidencia a Sara a sua posição política. Lê-se a seguinte colocação de Aníbal:

- Que raio de nome! Eme-pê-éle-i-á. UPA é muito mais sonoro e fácil.
- Deixa lá o nome, isso não interessa. O programa é que conta.
- E qual é?
- Vão mandar-me. Mas o que me escreveu diz para avisar a malta sobre a UPA, é um movimento tribalista do Norte e racista ainda por cima. Nada de bom vem daí. Para já, o Mário e o Viriato são conhecidos, dois grandes intelectuais, oferecem muito mais garantias de seriedade. (PEPETELA, 2013, p. 20).

O MPLA, desde a sua criação, teve como base de apoio a etnia umbundo, mas sempre houve a adesão de outros grupos tribais, operários e da pequena burguesia negra e mestiça. A sua ideologia baseava-se na teoria marxista. No período de 1959 e 1960 o Movimento quase não cresceu, pois muitos dos integrantes foram incriminados no *Processo dos 50*, dentre eles Agostinho Neto. Esse Processo teve início em 29 de março e terminou em 24 de agosto de 1959. Nesse período, vários nacionalistas angolanos foram presos. Devido à divulgação internacional de um folheto denunciando a prisão de 50 pessoas, o mundo pode conhecer o que realmente acontecia em Angola. A PIDE (Polícia Internacional e Defesa do Estado) foi desmascarada e se podem conhecer suas reais intenções, inclusive o intenção de ocultar sobre as prisões, pois caso fossem de conhecimento internacional, surgiriam comentários desfavoráveis sobre o governo de Salazar. O conhecimento das prisões dos 50 nacionalistas alertou várias pessoas ligadas ao movimento pela independência para a necessidade de agir e iniciando as bases para o início da Luta Armada no dia 4 de Fevereiro de 1961, quando um grupo de patriotas angolanos tomou de assalto às cadeias onde estavam os presos políticos, conforme citado acima.

Nesse período, o presidente era Mário de Andrade e o secretário Viriato da Cruz. Ambos, diante da situação política, transferiram a direção do Movimento para Conacri e de lá reivindicaram a ação do dia 04 de Fevereiro de 1961, assinalando para os integrantes do movimento a necessidade de continuar com a luta. As divergências internas do MPLA agravam-se com a chegada, em 1962, de Agostinho Neto. Após fugir de Portugal, ele retorna ao Movimento, como presidente honorário, fato acontecido depois da sua detenção em 1960.

Suas ideias não agradaram a direção do partido e Mário de Andrade, então presidente, é demitido.

O MPLA foi decisivo na organização da luta pela libertação de Angola, mas antes que acontecesse efetivamente a independência, o movimento viveu graves conflitos internos. Em 1970, o MPLA dividiu-se em três frentes: duas frentes posicionavam-se contra o governo de Agostinho Neto - A Revolta Activa, liderada por Mário de Andrade e a Revolta do Leste, liderada por Daniel Chipenda.

A terceira frente, a Ala Presidencial, era partidária de Agostinho Neto. A divisão do MPLA teve fim em 1974 através de uma conferência de unificação realizada na Zâmbia.

Cabe situar, sucintamente, os líderes das três frentes: Liderando a Revolta Activa, Mário de Andrade, ensaísta, ativista político e primeiro presidente do MPLA nos anos de 1959 a 1962. Sua trajetória política começou em Portugal, quando em 1948 foi cursar Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1951, fundou o Centro de Estudos Africanos com o objetivo de discutir os problemas vividos em África.

Na universidade teve contato com outros estudantes, dentre eles Agostinho Neto e Amílcar Cabral, esse último foi responsável pela fundação o PAIGC – Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde e trabalhou para a libertação do seu povo e contra o colonialismo de Portugal. Por questões políticas foi obrigado a emigrar para Angola, onde se filiou ao MPLA. Cabral é assassinado e após a sua morte intensifica-se a luta armada pela independência de Guiné-Bissau que aconteceu em 24 de setembro de 1973.

A frente Revolta do Leste foi liderada pelo combatente angolano, Daniel Chipenda, mas antes de sua criação, cabe citar a importância de Chipenda na luta pela independência de Angola e sua participação como comandante da Frente Leste. Posteriormente, quando deixa o MPLA, opondo-se a sua liderança, ele cria a Revolta Leste, uma frente dissidente do MPLA.

A terceira frente, A Ala Presidencial, foi liderada pelo médico angolano Agostinho Neto. Sua trajetória política estava ligada aos estudantes africanos residentes em Lisboa que tiveram uma participação decisiva na luta pela independência. Foi preso pela polícia política de Salazar e deportado. Em seguida, foge do exílio e assume a direção do MPLA. O fato de assumir a direção justifica-se, pois há muito tempo já estava vinculado ao movimento. Após a independência, foi eleito o primeiro presidente de Angola e governou pelo MPLA até 1979.

Além do MPLA, têm-se outros movimentos que surgiram para se opor ao sistema colonial. Um deles foi a União dos Povos do Norte de Angola (UPNA), criada em Julho de 1954. A UPNA tinha como foco central a independência do antigo reino do Congo. Diante da

ideia do pan-africanismo foi convencido da urgência de retirar a questão tribal do nome do movimento. Em função disso, em 1958, assumiu o nome de UPA (União das Populações de Angola). A UPA tornou-se o movimento nacionalista melhor sucedido e teve como objetivo estender-se por toda Angola. Em 1961, a UPA e outros grupos anticoloniais formaram o FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola.

O terceiro movimento mais representativo chamava-se UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola. Seu dirigente foi o protestante Jonas Malheiro Savimbi. Suas ideias anticolonialistas e o fato de ser protestante permitiram seu contato com a UPA, ainda nos tempos em que foi estudante em Lisboa. Enquanto esteve exilado em Paris, trabalhou com secretário do FNLA.

Juntamente, os três movimentos angolanos, MPLA, UNITA e FNLA lutaram pela guerra de libertação e participaram do processo de descolonização de Angola (1961 a 1974).

Angola ainda era uma colônia de Portugal, quando no dia 25 de abril de 1974 concretizou-se o objetivo maior da Revolução dos Cravos, movimento que derrubou o regime salazarista - a proclamação do fim da ditadura por Portugal. Tal fato possibilitou perspectivas imediatas para a libertação de Angola em 11 de novembro de 1975. Os movimentos nacionalistas angolanos buscaram assegurar o controle do país. O FNLA chegou ao Norte de Luanda e foi impedido por forças do MPLA apoiadas por tropas de Cuba. Em seguida, o FNLA tenta o acesso pelo centro e sul de Angola e dessa tentativa alia-se com a UNITA.

Diante desse impasse interno, tem-se, com o apoio de Cuba, a declaração de independência do representante do MPLA, Agostinho Neto, que diz: "*diante de África e do mundo proclamo a Independência de Angola*". Simultaneamente, a aliança FNLA e UNITA, com o apoio dos EUA, também declara a independência de Angola em Huambo.

Mas Angola, apesar da independência do domínio português, ainda não conheceria a paz, pois os grupos nacionalistas que juntos haviam combatido o colonialismo lutavam entre si pelo controle do país, mais especificamente pela capital Luanda. Os constantes conflitos e a rivalidade política entre eles não permitiu um acordo e a consequência foi que em 1976, depois de um confronto sangrento, marcou-se o início da Guerra Civil Angolana que durou 27 anos, de 1975 a 2002. A Guerra Civil foi uma luta pelo poder entre os dois antigos movimentos de libertação, o MPLA e a UNITA. O FNLA combateu o MPLA ao lado da UNITA.

Os movimentos buscaram apoio no exterior e houve interferência significativa de Cuba, União Soviética, Estados Unidos e África do Sul, caracterizando o conflito com uma

dimensão muito maior. O MPLA teve apoio de Cuba e da União Soviética e, em 1977, saiu vencedor desse conflito interno e tornou-se partido político.

Cabe destacar a superioridade do MPLA diante da força militar cubana e com isso a aliança dos outros dois movimentos desfez-se rapidamente. A solução encontrada pelo MPLA foi instaurar o regime monopartidário, impedindo a existência legal de qualquer outro partido ou movimento em Angola. Em 1980, o governo do MPLA mudou de monopartidário para um sistema democrático multipartidário e marcou as eleições para 1992. O FNLA constituiu-se em partido, mas perdeu as eleições de forma que a sua credibilidade ficou abalada.

Pepetela, enquanto participante do MPLA, *via nessa organização, mais que um partido, uma representação política de um campo cultural [...] de uma tradição de luta e de pensamento que influenciou decisivamente a cultura angolana atual.*

Após a independência de Angola, Pepetela sinaliza uma postura mais severa quanto às práticas dos partidos políticos, especialmente do MPLA. Em 1980, com a publicação de *Mayombe*, surgiram as críticas feitas por um militante do MPLA. Tais colocações demonstraram que o movimento não estava isento de cometer injustiças:

E eu fugi de Angola com a mãe. [...] Depois vim para o MPLA, chamado pelo meu tio que era dirigente. [...] Hoje não é, foi expulso. O MPLA expulsa os melhores, só porque eles se não deixam dominar pelo kikongos que o invadiam. Pobre MPLA! Só na Primeira Região ele ainda é o mesmo, o movimento de vanguarda. [...] Pobre MPLA, longe da nossa Região, não pode dar nada!⁶¹

Diante da publicação de *Mayombe* e das críticas feitas ao movimento do qual participou ativamente, cabe situar o autor como um intelectual que, na colocação feita por Edward Said, comporta-se de acordo com o que defendeu nas palestras de Reith:

*Os princípios e a moral de um intelectual não deveriam constituir uma espécie de caixa de velocidade selada, que conduz o pensamento e a acção numa direcção e é alimentada por uma máquina com uma única fonte de combustível. O intelectual tem de circular, tem de ter espaço para se posicionar e ripostar à autoridade, uma vez que a subserviência inquestionável à autoridade no mundo actual é uma das maiores ameaças a uma vida intelectual activa e moral. É difícil enfrentar essa ameaça por si só, sendo ainda mais difícil encontrar uma forma de se ser coerente com as suas crenças, e ao mesmo tempo permanecer suficientemente livre para evoluir, mudar de opinião, descobrir coisas novas, ou redescobrir o que outrora se havia posto de parte.*⁶²

⁶¹ PEPETELA, *Mayombe*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

⁶² SAID, Edward W. *Representações do Intelectual*. Lisboa: Edições Colibri, 2000. p. 100.

A importância do autor de *A geração da utopia* soma-se a esse perfil de intelectual apresentado por Said e portanto relevante para o entendimento da história de Angola.

2. PEPETELA E A UTOPIA DE UMA GERAÇÃO

...não há, não pode haver a criação de um país verdadeiramente independente sem uma literatura nacional própria, que mostre ao povo aquilo que o povo sempre soube: isto é, que tem uma identidade própria. (PEPETELA).⁶³

Para compreender a utopia como fator decisivo no romance de Pepetela, nascido em Outubro de 1941, em Benguela, sul litorâneo de Angola, optou-se por uma colocação do próprio escritor que demonstra seu interesse, desde a infância, com a questão social do povo angolano.

Eu tinha oito, nove anos e para mim, era absolutamente normal ter amigos de todas as cores – a minha casa estava na fronteira, aquilo que o Luandino chamou ‘a fronteira do asfalto’ [...] Portanto eu tinha amigos dos dois lados. E na escola – a escola era relativamente liberal – também havia crianças que vinham da senzala, da cidade branca – do centro -, e no nosso largo nós jogávamos, sobretudo futebol, todos em conjunto. Portanto, aí, do ponto de vista humano, houve sempre uma disposição para não ver as cores das pessoas... Até que, num certo momento – doze, treze anos – comecei a aperceber-me de que os meus amigos que moravam de um lado tinham mais facilidades do que os meus amigos que moravam do outro lado. [...] E eu comecei-me a aperceber de que havia diferenças, e sobretudo os meus amigos brancos tinham comportamentos estranhos, para mim, em relação aos meus amigos negros ou mestiços. E não sei porquê, isso sempre me perturbou..⁶⁴

Tal “perturbação” despontou na literatura através da construção de narrativas ideologicamente nacionalistas e geradoras de ideais de reivindicação política e afirmação da cultura de Angola.

Seguindo sua trajetória, sabe-se que com 18 anos (1958), Pepetela vai para Lisboa e descobre que a sua vocação não era estudar engenharia. Matricula-se em História na Faculdade de Letras de Lisboa e se torna frequentador participativo da CEI – Casa dos Estudantes do Império, fato que o insere, definitivamente, na vida literária e política. Nesse espaço, localizado na Avenida Duque D’Ávila, nº 23, criado pelo governo português com o

⁶³ SALGADO, T. e Sepúlveda, M. do C. *África e Brasil: Letras e Laços*. Rio de Janeiro: Atlântica. 2000. p. 303

⁶⁴ LABAN, Michel. Angola – Encontro com escritores. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (Orgs). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.31.

objetivo de manter sob vigilância os estudantes das colônias e de fortalecer a mentalidade imperial, Pepetela conviveu com grupos distintos – diferentes etnias, classes e nacionalidades que possuíam objetivos comuns e que coletivamente buscavam a utopia de libertação. Apesar de existirem diferenças individuais e existenciais entre os frequentadores da Casa, ela era o centro que apoiava e fortalecia a ideia de um sonho utópico de uma sociedade mais justa e livre.

A Casa dos Estudantes do Império possibilitava a união de grupos, a união despertava o sentimento nacionalista e coletivamente buscavam a libertação. Ao contrário do que pretendia o governo português, a Casa tornou-se o principal ponto de encontro de pessoas que antes estavam desagregadas ideologicamente e que encontraram neste local um espaço para agregarem-se em busca de uma identidade nacional. Neste cenário, Pepetela, aos 19 anos, publica seus primeiros contos na revista *Mensagem*, criada em 1951 e que se tornou um importante veículo cultural da CEI. Cabe destacar que a revista e os jornais culturais que surgiram na época eram uma forma de “burlar” a censura da ditadura salazarista. Os intelectuais envolvidos queriam despertar a visão nacionalista por meio da cultura africana que fora, por imposição dos colonizadores, banida ao esquecimento. Esses veículos de informação objetivavam, além da recuperação da cultura local, a discussão política daqueles que almejavam a independência.

A revista *Mensagem* era uma revista literária que se destinava a divulgar o Movimento liderado por Viriato da Cruz “Vamos descobrir Angola”. Os textos publicados foram importantes para a conscientização dos futuros líderes que tomariam frente na luta pela independência. Tem-se a revista *Mensagem*, apesar do pouco tempo de circulação, como um importante ponto de partida para a recuperação dos valores angolanos.

Em relação a esse engajamento cultural, Marcelo Bittencourt, esclarece que:

*(...) com o passar dos anos e a intensificação da repressão colonial o papel da literatura e da imprensa como amplificadores dos questionamentos coloniais passou a ser dividido em maior escala com a música, o teatro e outras manifestações culturais, numa tentativa de diversificação e fuga à repressão.*⁶⁵

Criou-se, a partir dela, uma literatura que se identificava com a diversidade do imaginário social dos grupos que formavam a população de Angola e que desejava a recriação da nação angolana e a luta contra a opressão colonial portuguesa. A citação sobre a revista

⁶⁵ BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas – Trajectórias da Contestação Angolana*. Vega editora, 1999, p.122.

Mensagem explica-se, principalmente, pelo fato de que a ligação entre a atividade cultural e política já se fazia presente na vida de Pepetela que aos dezenove anos de idade já trilhava o estilo literário conhecido na atualidade.

Tem-se, abaixo, um comentário do autor sobre uma redação que fez na escola, indicando o seu perfil literário desde os tempos de menino. Muito antes da publicação dos seus textos na revista *Mensagem*, o autor, aos dez anos de idade, escreveu seu primeiro texto e nesse texto já se percebia que o autor trazia consigo a questão da preocupação social que seria frequente em suas narrativas. Hoje, Pepetela, ainda tem como recordação esse primeiro texto que escreveu e conclui que *é um bocado tarde para mudar*.

[...] realmente, a literatura nasceu muito antes em mim, antes da sociologia... Sei lá, lembro-me que a primeira coisa que eu escrevi, que tenho, que guardei, foi um pequenino conto – uma redação de escola, que foi depois publicada no boletim do colégio – em que havia preocupação social, devia eu ter dez ou onze anos... Era sobre os pescadores de Benguela, a vida difícil dos pescadores, o risco etc. Portanto, a dimensão social já estava presente nessa altura, antes de eu pensar que estava a escrever – eu estava a fazer uma redação para a escola. A literatura e essa preocupação social apareceram ligadas em mim desde o princípio, portanto, agora, é um bocado tarde para mudar..., há é que aperfeiçoar isso.⁶⁶

A Casa dos Estudantes do Império foi fechada em 1965, pois o clima de efervescência cultural e política contribuíram de forma generosa para a conscientização dos jovens que frequentavam o espaço e esse fato estava na contramão do que desejava o governo português.

Em 1962, pouco antes do encerramento das atividades da Casa, para escapar da convocação do exército colonial e da guerra que era iminente, Pepetela deixa Lisboa e parte para Paris. Após seis meses, já como integrante do MPLA (Movimento Popular de libertação de Angola) muda-se para Argel. Argélia era um local sedutor para os angolanos, pois já havia conquistado a sua independência da França. Em Argel, Pepetela dedica-se ao curso de Sociologia.

A partir de 1969, com trinta anos, sua história de luta armada confunde-se com a literatura. O escritor é convocado para a guerrilha pelo MPLA e concomitantemente se fundem dois papéis sociais - o escritor e o guerrilheiro. Em plena guerrilha, escreve *Mayombe* (1971), considerado um de seus melhores romances. Aborda nesse romance questões que refletem sobre as dificuldades, receios e expectativas dos guerrilheiros que passaram pela floresta de Cabinda. O romance divide-se em dois planos – um apresentado pelo narrador em

⁶⁶ LABAN, Michel. Angola – Encontro com escritores. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (Orgs). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.31.

terceira pessoa que reproduz a voz do protagonista Sem Medo e outro em primeira pessoa, quando as personagens passam a ter direito à voz e fazem seus próprios relatos. Tal método utilizado pelo autor evidencia a presença do autor implícito nas vozes do narrador e personagens. A presença do autor implícito é também observada em *A geração da utopia*. Através da voz que narra, percebe-se o objetivo da narrativa. E no decorrer dos capítulos a alternância de vozes, ora dando destaque para Sara, ora para Vítor, Aníbal e Malongo, marca a dimensão polifônica do romance. Assunto que será esmiuçado nos capítulos posteriores.

Não é intenção do estudo relatar toda a trajetória política e literária do escritor, mas cabe evidenciar um fato que fortalece a sua intenção engajada e compromissada com a questão social. Em 1972 dedica-se ao enredo de *As aventuras de Ngunga*, narrativa escrita em plena guerrilha que apresenta aos leitores, declaradamente, uma intenção pedagógica, ou seja, um romance criado para orientar. Conforme colocação abaixo:

Servir de texto às crianças das escolas das zonas libertadas do MPLA e dos alunos recém-alfabetizados (...). Com períodos e parágrafos curtíssimos, orações simples, linguagem corrente e acessível, o livro foi entendido e adorado pelas crianças angolanas que se identificavam com o pequeno-herói e pelos adultos que viam em Ngunga, o Homem Novo há tanto, tanto esperado e que iniciaria uma vida nova, num país novo, também.⁶⁷

Através da leitura de *As aventuras de Ngunga*, percebe-se que Pepetela reforça sua intenção revolucionária e convida a todos os angolanos para aderirem à luta de libertação. Neste romance, Pepetela escreve com a experiência de quem já viveu como integrante da luta armada e usufrui da sua habilidade de escritor para reafirmar sua proposta político-literária. O autor traz para o leitor vinte e nove pequenos capítulos, em que conta a história do órfão Ngunga, personagem que representa o símbolo da luta pela independência angolana. A narrativa retrata as aventuras de Ngunga e o seu percurso em busca da consciência de si mesmo.

Sobre a divulgação, na rádio, de *As aventuras de Ngunga*, comenta Mia Couto que *era óbvia a intenção didáctica do autor. Pepetela estava preocupado e ocupado com a pedagogia dos estudantes da região Leste de Angola, onde ele actuava como combatente do MPLA*.

Deve-se destacar que Pepetela atua como um escritor que compreende o lugar e o tempo em que está inserido e, através da literatura, busca o momento oportuno para a criação artística que conduzirá o leitor ao entendimento da realidade do seu país.

⁶⁷ ANTUNES, Gabriela. Rer Pepetela. In: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (Orgs). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.62.

Depois de mais de uma década e meia da conquista da independência, Pepetela recebe uma bolsa do Serviço Alemão de Intercâmbio Universitário e em Berlim escreve o romance que este estudo dedica-se a analisar, *A geração da utopia*. No romance, o autor aponta para um movimento que é percebido ao longo da narrativa – desloca os anos da utopia, centrada no espaço de *A Casa* (1961) para uma aparente distopia, descrita no último capítulo *O Templo* (1991). Cabe esclarecer que a distopia apresentada em sua narrativa limita-se a determinados momentos do seu romance, porque o autor acredita na possibilidade do processo continuar por meio de outras formas e manifesta seu posicionamento quando finaliza o romance com a esperança depositada nas novas gerações, como se percebe na postura das personagens Orlando e Judite. As novas gerações poderão persistir para conquistar o que a sua geração buscou e atingiu apenas em parte, como disse o próprio Pepetela – *uma geração que fez a independência de Angola e não soube fazer mais*.⁶⁸

É inegável a participação do autor como membro integrante dessa geração utópica e como agente dinâmico em todo o processo relativo à história de Angola. Tal participação tem repercussão decisiva na temática de toda sua obra e a conduz a uma vertente ideológica que acompanha toda a trajetória literária do autor. Seus posicionamentos políticos são apresentados e percebidos através do foco narrativo, mais especificamente na voz dos narradores e do autor implícito.

Pepetela assume o compromisso de dividir com a História todas as implicações resultantes desse processo histórico vivido em Angola, pois dele fez parte ativamente. O escritor, no excerto abaixo, quando se refere ao afastamento dos ideais democráticos e libertários que se abateu sobre Angola, usa a primeira pessoa do plural (grifo meu) fazendo a autocrítica do processo:

Esta geração realizou parte do seu projeto, a independência. Mas nós lutávamos também pela criação de uma sociedade mais justa e mais livre, por oposição à que conhecíamos sob o colonialismo. Por razões várias (constantes interferências externas, desunião interna e erros de governação), este objetivo não foi atingido e hoje Angola ainda é um país que procura a paz e está destruído, economicamente desestruturado e com uma população miserável, enquanto meia dúzia de milionários esbanja e esconde fortunas no estrangeiro.⁶⁹

⁶⁸ BUENO, Wilson. *O escritor pode apoiar uma guerra*. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto Pepetela*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 42.

⁶⁹ Idem, *Ibidem*, p. 43.

Através da narrativa ficcional, Pepetela cria personagens e faz uso das vozes dessas personagens para expressar sua ideologia. No decorrer do romance percebem-se vários fatos semelhantes na vida do autor e do protagonista. A personagem criada por Pepetela, Aníbal, descortina, ao leitor, fatos da existência do escritor que coincidem, na narrativa, com os mesmos vividos pelo próprio protagonista.

Ambos, autor e personagem, fundem-se em ações e comportamentos, conforme se verifica com as seguintes citações: ambos estudaram em Portugal, frequentaram a Casa dos Estudantes do Império, deixaram Portugal rumo a Paris para escapar da convocação do exército colonial, foram recrutados para a luta armada, participaram ativamente da guerrilha e autor e personagem dividem o prazer pelo ato de escrever. Pepetela diz que *Eu escrevi não para publicar. Escrevi porque tinha necessidade de escrever*. E Aníbal: *De repente, levantou-se, foi a casa buscar o bloco de notas e uma caneta. Escreveu febrilmente*.

Além de todas as semelhanças citadas entre autor e personagem, cabe destacar que ambos, como intelectuais, compactuam dos mesmos ideais utópicos, mas também são envolvidos pelo desencantamento perante a nova ordem social que se estabelece.

Para o protagonista não há espaço para a geração da utopia no novo sistema político e diante dessa situação, Aníbal isola-se voluntariamente e se desliga dos movimentos político-sociais de Angola.

Sobre a distopia que se abateu sobre Aníbal, lê-se, abaixo, um excerto no qual Sara questiona Aníbal sobre a sua permanência em Luanda. E ele responde:

- Uma semana. Tenho de gozar ao máximo a minha baía. Porque com esse capitalismo selvagem que se anuncia, vão atulhá-las de hotéis e bares, vão dar cabo dela e da minha solidão doirada. Um dia terei de procurar outra baía mais para sul, sempre mais para sul. Será o sul a minha última utopia?
A fala de Aníbal tinha o relento descrente do inconformismo. (...) Sara sentiu nele a renúncia fatal do guerreiro baixando a arma, o gesto impotente de revolta cedendo à fatalidade.(...) ⁷⁰

Percebe-se na colocação de Aníbal sua posição quanto a fazer parte ou não da nova sociedade que se formava. Após os anos de atividade política que fizeram parte de sua trajetória, desde a Casa dos Estudantes do Império até o seu envolvimento na guerrilha,

⁷⁰ PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 374.

Aníbal assumira a postura de ficar distante, pois desacreditava nas organizações políticas e pregava que *Os partidos são feitos para dividir, não para unir*. (p.372).⁷¹

3. AS MÚLTIPLAS VOZES EM A *GERAÇÃO DA UTOPIA*

Em 1948, aqueles rapazes, negros, brancos e mestiços, que eram filhos do país e se tornavam homens, iniciam em Luanda o movimento cultural “Vamos descobrir Angola!”. Que tinham em mente? Estudar a terra que lhes fora berço, a terra que eles tanto amavam e tão mal conheciam. Eram ex-alunos do liceu que recitavam de cor todos os rios, todas as serras, todas as estações e apeadeiros das linhas férreas de Portugal, mas que mal sabiam os afluentes do Cuanza que corria ao seu lado, as suas serras de picos altaneiros, os seus povos de hábitos [...]

Enquanto estudam o mundo que os rodeia, o mundo angolano de que eles faziam parte, mas que tão mal lhes haviam ensinado, começa a germinar uma literatura que seria a expressão da sua maneira de sentir, o veículo das suas aspirações, uma literatura de combate pelo seu povo (ERVEDOSA, 1979, p. 101-102).

3.1 - A CONCEPÇÃO DA UTOPIA

No início do romance tem-se a voz do autor, explicitamente colocada, para justificar a oração que inicia a narrativa. Em seguida, o autor retira-se de cena e deixa as personagens, porém, mantém-se presente no discurso de cada uma delas e, no decorrer do enredo, percebe-se o constante entrecruzamento da trajetória de Pepetela com os caminhos percorridos pelas personagens. Na ordem dos capítulos têm-se, como sujeitos da narrativa, quatro personagens - Sara, Vítor, Aníbal e Malongo - responsáveis por conduzir o leitor durante o enredo. Todos têm em comum a Angola que viveram no passado e que desejavam ver livre do jugo português. Como divergência tem-se o desafio em construir a Angola do futuro, descobrir como construí-la e quais os caminhos a seguir. Relevante esclarecer que o engajamento de Sara e Aníbal para a libertação de Angola difere bastante dos ideais libertários das outras duas personagens e no decorrer do estudo essa diferença ideológica será esclarecida.

No desenvolvimento do texto, percebe-se a proximidade do narrador onisciente, devidamente apoiado no autor implícito, com as personagens que conduzem cada um dos capítulos.

⁷¹ Idem, ibidem, p. 369.

Em *A Casa* tem-se como voz condutora da narrativa, a personagem Sara. Ela é a primeira personagem apresentada ao leitor e sua introdução na narrativa é feita num

dia particularmente luminoso e quente para um abril lisboeta. Na véspera tinha chovido toda a noite, o que era próprio da estação, mas hoje o sol nascera num céu tão azul que até doía não poder voar. Sara abriu os braços descobertos. Inútil, não nascera pássaro. (PEPETELA, 2013, p. 09).

Cabe destacar que como o autor, Sara era branca, nascida em Benguela e estava residindo em Portugal para concluir os estudos. Era filha de ricos comerciantes portugueses que fixaram residência em Benguela. Nos quase seis anos que permanecera em Lisboa aprendera muito nas

Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda da África. Conferências e palestras sobre a realidade das colônias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. (...) Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. (PEPETELA, 2013, p. 12).

Sara é uma personagem engajada politicamente e que defendia a luta contra a dominação colonial. Demonstrava ser contra qualquer tipo de exploração e injustiça e não omitia sua posição. Na narrativa, enquanto era estudante, apresentou em uma palestra suas reflexões sobre a *política criminosa* vigente e mesmo se expressando de forma contida e escolhendo as palavras não escapou de *uma chamada a PIDE* (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). Depois de concluir através de um *caminho longo e perturbante*, chegara à *conclusão que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português*. (PEPETELA, 2013, p.11), e com a consciência adquirida sobre a realidade vivida nas colônias, Sara teve a certeza de *Que a medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e outros a nada*. (PEPETELA, 2013, p.12). Foi consciente da política atual que expôs na palestra seus pensamentos considerados subversivos.

Neste cenário que antecede à guerra, a trajetória da personagem no primeiro capítulo, acentuada pelas frequentes visitas à CEI, demonstra a gradual conscientização política dos jovens estudantes angolanos e a preocupação com a coletividade. Sara entende que sua permanência em Lisboa será passageira e que em breve retornará para uma Angola liberta onde poderá trabalhar como médica em benefício do seu povo. Sua postura ideológica é voltada para a coletividade e isso fica evidente quando demonstra preferência em trabalhar

como médica na periferia a trabalhar num bairro rico, onde seu pai poderia montar-lhe um consultório luxuoso.

Sim, nos primeiros tempos teria de trabalhar no hospital e depois ver como chegar aos bairros periféricos. Sem apoio do Estado, porque esse só servia os ricos. Sem apoio dos ricos, porque esses só se serviam a si próprios. Não era fácil, não. Só mesmo com a independência. (PEPETELA, 2013, p. 53).

Apesar de não protagonizar a narrativa, a personagem é colocada num lugar privilegiado no romance, pois o narrador propõe, através da voz de Sara, discussões sobre assuntos relevantes do ponto de vista histórico e social. Através dela aborda-se o tema da segregação racial, assunto pertinente para a personagem que se sente excluída até mesmo pelos estudantes que são seus conterrâneos. Fica evidente, na narrativa, que a cor da pele foi responsável pela extinção dos laços de amizade daqueles que pertenciam à mesma terra natal. Questiona-se o fato de que, no exílio, a ordem natural seria que acontecesse a união entre os estudantes oriundos de outras terras, mas o racismo existente desencadeou um movimento inverso - a segregação. Sobre esse assunto, tem-se a colocação do narrador-observador, que sempre apoiado pelo autor implícito, reforça a questão racial:

No entanto, ela (Sara) sentia, havia muito sutilmente uma barreira que começava a desenhar-se, algo ainda indefinido afastando as pessoas, tendendo a empurrar alguns brancos angolanos para os grupos de moçambicanos. A raça a contar mais que a origem geográfica? Oh, já estou a ver fantasmas. Ela própria não notara, ao aproximar-se de grupos angolanos, algumas caras mais fechadas, conversas interrompidas? Sim, havia. Era normal. Em Angola tudo estava a tender para uma guerra racial, havia uma repressão seletiva. Isso provocava reflexos em Lisboa. (PEPETELA, 2013, p. 18).

O narrador-onisciente ainda evidencia ao leitor, através de Sara, a discussão sobre as questões identitárias e apresenta as diferenças culturais que há entre os portugueses e angolanos. No texto abaixo, a personagem compara a tristeza do povo português com a *esfuziante alegria* dos angolanos:

Gente bisonha, que ia para o hospital ou dele vinha. Preocupados com alguma doença, real ou suposta. Se não têm nenhuma, preocupam-se pela que terão no futuro. O português precisa sempre de qualquer coisa para estar melancólico. E se não for a saúde, é a família, ou então é o emprego. Povo triste, pensou Sara. É do regime político ou é a essência da gente? Não vamos também culpar o salazarismo por tudo. O próprio Salazar era tristonho, cinzento, antes de criar o seu cinzento regime. (...). Mas que são tristes, são. Que diferença com a esfuziante alegria dos africanos, o que os faz passar por irresponsáveis. Também não era verdade. (PEPETELA, 2013, p. 10).

No decorrer do primeiro capítulo, as colocações feitas pela personagem são significativas para a narrativa, pois sintetizam os ideais da geração, da qual participou Pepetela. É através da consciência de Sara que o autor situa o leitor em dois momentos decisivos para que efetivamente tivesse início a guerra de libertação. São eles: o dia 4 de fevereiro e o dia 15 de março.

O dia 4 de fevereiro é considerado o marco histórico para a luta pela independência de Angola. Numa sequência de vários acontecimentos contra a opressão de Portugal, esse dia marcou a mobilização de jovens e trabalhadores de Luanda que invadiram cadeias com o intuito de libertar presos políticos angolanos.

Em 15 de Março ocorreu o violento massacre liderado pela UPA no Norte da colônia e evidenciou-se o perfil étnico da revolta.

Tudo começou em 15 de março. Não, antes, 4 de fevereiro, houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem executara as ações, qual o seu objetivo? Depois foi março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas. Era pelo menos essa a propaganda do governo. (PEPETELA, 2013, p. 14).

O envolvimento de Sara com dois personagens tão distintos ideologicamente – Aníbal e Malongo – faz da personagem um tipo de contraponto do qual o narrador aproveita-se para delinear dois planos no enredo: um deles refere-se a Aníbal, símbolo de integridade e da consciência social coletiva e o outro a Malongo, representante do individualismo e do interesse econômico. Por meio desses dois planos, o narrador demonstra o caráter de cada personagem e conduz o leitor a conhecê-los e a identificar quais foram os impedimentos para se atingir à utopia de uma Angola livre e justa. Nessa “discussão” polifônica, que possui a voz de outras personagens, percebe-se a posição do autor implícito em concordância com os ideais utópicos de Aníbal e Sara e ao mesmo tempo contrário aos ideais de Malongo e de outras personagens. Tem-se, sobre o assunto, a seguinte colocação de Booth:

Em qualquer experiência de leitura, há um diálogo implícito entre autor, narrador, as outras personagens e o leitor. Cada um destes quatro pode ir, em relação a cada um dos outros, desde identificação a completa oposição, sobre qualquer eixo de valores morais, intelectuais, estéticos ou mesmo físicos.⁷²

⁷² BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Editora Arcádia, 1980, p. 171.

Relevante considerar que Sara participou de todo o processo da geração que buscava a utopia libertária, mas também viveu o momento de distopia e é a partir dela que surge a personagem símbolo da nova ideologia utópica – Judith. Através da filha renova-se a utopia e a esperança de construir uma Angola, já liberta, porém livre daqueles que foram corrompidos pelo poder.

Na contramão ideológica de Sara e Aníbal, o autor apresenta duas personagens cuja trajetória inicia-se na Casa e que possuem relevante importância, pois cabe a elas fazerem oposição aos ideais do protagonista e conseqüentemente de todo o povo que desejava Angola justa. Vítor e Malongo apresentam perfis explorados pelo autor no romance *Mayombe* (1982), escrito dez anos antes de *A geração da utopia*. Em *Mayombe*, Pepetela antecipa o destino do seu país e daqueles que tinham como objetivo maior usurpar a nação e aproveitar da atual situação política para se beneficiarem.

A abordagem das vozes de Vítor e Malongo melhor se justificaria nos capítulos seguintes, pois o romance traz Vítor como sujeito da narrativa no capítulo II – *A chana*. E como sujeito da narrativa no último capítulo *O templo*, tem-se Malongo. Portanto, cabe nessa parte do estudo um comentário sobre as duas personagens para posteriormente compreendê-los. Conhecer o caráter e o interesse de ambos, diante da participação das lutas sociais e políticas no ano de 1961, contribuirão para o entendimento da postura de cada um deles nos momentos vividos na guerrilha e após a independência.

A primeira aparição de Vítor Ramos no romance acontece na Casa dos Estudantes do Império. Sara chega à cantina para o almoço e se senta com Vítor. São conhecidos, pois ele mora com Malongo, namorado de Sara.

Vítor era de Huambo e estava em Lisboa para concluir seus estudos de medicina veterinária. Era negro e vítima do racismo existente em Portugal.

Apresenta-se como um estudante sem muita dedicação aos estudos, pois logo no primeiro ano foi reprovado no curso. Era alienado quanto às questões políticas e isso o fazia sentir-se inferiorizado diante dos frequentadores da CEI. Com as visitas a Casa foi aprendendo que a solução para os angolanos era a luta contra o colonialismo.

Através do narrador tem-se conhecimento da personalidade de Vítor e do seu companheiro de quarto, Malongo. Percebe-se que os dois possuem um caráter duvidoso e o leitor acompanhará, no desenvolvimento do enredo, situações relacionadas às personagens que comprovarão tais desvios de conduta.

Para melhor compreender a personagem Vítor, cabe retomar o sentimento de inferioridade que o aflige e descobrir, por meio do narrador onisciente, como a personagem sente-se diante da sua ignorância. Durante uma cena em que Vítor faz uma visita a Elias evidencia-se esse fato e o leitor pode acompanhar o constrangimento de Vítor diante de Elias e do quanto ele próprio reconhecia a sua ignorância. Na narrativa, tem-se um fato que ilustra a colocação:

Os mais velhos tinham-lhe encomendado um serviço. E Vítor ficara muito orgulhoso, porque pela primeira vez o faziam participar nalguma coisa. (...) Lá ia Vítor, no comboio de Cascais, cumprir a missão de convidar o Elias para um baile na Casa.(...).
(...) Sentado no sofá, Vítor tentava decifrar os títulos na estante. Havia alguns livros de estudo, uma boa parte em inglês. (...). Elias notou o interesse dele e disse:
- (...) Não são meus, são do lar. Por isso não te posso emprestar.
- Em inglês ainda por cima.
- É uma língua necessária. Também há alguns em francês. De Frantz Fanon. Já ouviste falar?
Para Vítor era novidade completa. Sentiu vergonha de negar, provava a sua ignorância. (PEPETELA, 2013, p. 94).

Nesse primeiro capítulo, Vítor: *Começara a ler umas coisas, a discutir com os mais velhos, mas reconhecia a sua ignorância. Como argumentar contra um tipo que passava a vida a ler e a discutir teóricas de que ele nem sequer ouvira falar?* (PEPETELA, 2013, p. 97). Assim, ele supera o seu desinteresse por política e através da leitura e discussões marxistas tenta interagir-se com os estudantes mais politizados. Vítor apoia as ideias do MPLA, mas não o suficiente para almejar os interesses coletivos, conforme se confirma no segundo capítulo do romance.

Na sequência das personagens desprovidos de ideologia coletiva, tem-se Malongo. Namorado de Sara e jogador de futebol no clube Benfica. Malongo é de Malanje e possui dois prazeres, além das mulheres, gosta de tocar viola e almeja tornar-se jogador de futebol profissional, fato que não acontece por ser indisciplinado nos treinos. A personagem é completamente alienado dos ideais coletivos de independência e centrado apenas nos seus objetivos individuais.

O capítulo termina quando, com a ajuda do movimento da guerrilha, um grupo, dentre eles Sara, já formada e grávida de Malongo, o próprio Malongo e Vítor foge de Portugal rumo à França. Cabe destacar que o próprio autor, para escapar da convocação do exército colonial, também deixa Lisboa e vai para Paris. O mesmo acontece com a personagem Aníbal. Ele é o primeiro a partir, pois prestava serviço militar obrigatório ao exército português e se recusava

em participar da guerra colonial. Para manter a coesão do seu discurso com a sua práxis revolucionária, optou por desertar.

No final do capítulo os fugitivos separam-se e cada um deles segue uma trajetória distinta.

Em 1965, a Polícia Política do Regime Salazarista fecha a Casa que abrigou o sonho de muitos estudantes angolanos. Na ficção, os sonhos de Sara e Aníbal e na vida real, o sonho de Pepetela. Com isso se encerra um “ciclo” do percurso histórico-político de Angola. A partir da fuga dos estudantes de Lisboa, os sonhos utópicos de uma geração transformam-se. É pertinente destacar um trecho de uma entrevista do deputado do MPLA da Assembleia Nacional Júlio de Almeida à Rádio Nacional de Angola no dia 15 de Junho de 1995, no programa “*Foi há vinte anos...*” que ilustra a importância da Casa dos Estudantes do Império para jovens que tinham acesas as chamas da esperança.

Fui estudar em Portugal onde, digamos, não tinha qualquer conhecimento, qualquer apoio familiar ou outro. E então fui-me enquadrando através de outros amigos que já lá estavam, fui-me enquadrando naquele que foi o grande viveiro, creio eu, do nacionalismo angolano na altura, que era a Casa dos Estudantes do Império.(...) Nós éramos todos jovens, era tudo uma juventude à volta dos 20 anos, que ali se encontrava e creio que é nessa altura da formação de uma pessoa que acontecem as grandes opções. E assim foi. Portanto, isto aconteceu quando eu fui para Portugal, foi nos finais de 1957 e, digamos, aqueles 4 anos até 1961 foi de facto o caldear de ideias, de estudo, de vivência, de ver o que se passava no mundo. Assistimos à revolução em Cuba e fomos tomando consciência (...) dos graves problemas que havia não só em Angola, mas em geral em todas as colónias portuguesas. Fomos estudando e fomos adquirindo cada vez mais consciência (...) da afirmação nacional e da identidade cultural etc. etc. e fomos agindo nesse sentido. Por força de diversas circunstâncias, digamos, ali na Casa dos Estudantes do Império, a maior parte das pessoas viria a ter uma ligação com o MPLA e não com qualquer outro dos movimentos nacionalistas da altura.⁷³

3.2 - A CHANA DISSIPANDO IDEOLOGIAS

O povo perdeu a confiança na guerrilha e criou o vazio à volta dela, recuando aos milhares para a Zâmbia.(...) Quando avistava o grupo de guerrilheiros, o povo vinha pedir, deixem-nos ir convosco, precisamos de protecção das vossas armas. Ele não respondia. Mandava o grupo avançar mais depressa. (PEPETELLA, 2013. p. 147).

⁷³ Entrevista concedida In: BITTENCOUT, Marcelo. *Dos jornais às armas – Trajectórias da Contestação Angolana*. Vega editora, 1999, p. 159.

O segundo capítulo inicia-se em 1972 e a voz narrativa de *A Chana* pertence a Vítor Ramos. Após viver quatro anos em Paris usufruindo de uma bolsa de estudos, Vítor ingressa no movimento para participar da luta pela independência. O narrador evidencia que a sua participação na guerrilha não aconteceu por ideologia, mas por sentir-se acuado diante dos comentários alheios, conforme citação abaixo, enquanto ele se encontrava perdido pela chana:

Maldita guerra! (...) Ninguém o tinha obrigado, se nela participava era por sua vontade. Deixa lá disso, sei bem como é isto de ser voluntário: uma pessoa é obrigada, o que dirão os amigos, o que será o futuro? Voluntariado forçado! A esta obrigação chamamos consciência política, nome bonito para nos enganarmos. (PEPETELA, 2013, p. 164).

Vítor incorpora ao movimento na mesma Seção Guerrilheira de Aníbal, que já ocupava o cargo de comandante. A proximidade de ambos reforça a sua inferioridade, já comentada anteriormente, e o momento vivido pela personagem que se encontra perdido na chana, com fome e frio colabora para os frequentes devaneios de Vítor. O medo corrobora para a sua confusão mental e se tornam frequentes as lembranças e contradições do guerrilheiro.

No início do capítulo não se sabe quem é que caminha sozinho nas savanas do Leste de Angola. O leitor percebe o pânico da personagem perdido entre florestas e rios e aos poucos descobre que quem está perdido é Vítor e o narrador onisciente apresenta-o inconformado com os rumos da guerrilha e com total desencanto diante da luta, conforme se vê abaixo:

Tudo uma aldrabice. Aqui estou eu, perdido, a sofrer da fome e do frio, sabendo apenas que a salvação está no Leste. Para quê? Uns tantos no exterior utilizam o meu sacrifício e o de tantos outros para chegarem aos países amigos e receberem dinheiro. Desse dinheiro, metade serve para aguentar a guerra. Esta parte destinada à guerra é o capital investido para apresentarem êxitos aos amigos e receberem mais, não é por estarem interessados em libertar o país. Já fui parvo, já acreditei na boa fé de toda a gente. Agora já não me levam. Foi a última vez que vim combater. Se pensam vou voltar ao interior estão muito enganados. Vão lá eles, os donos da guerra. Vão ver se se pode lutar assim, sem mantimentos, sem povo, (...) (PEPETELA, 2013, p. 164).

Diante da desilusão e das crises internas enfrentadas pelo MPLA, o clima vivido pelos guerrilheiros era de desconfiança, intrigas e acusações. A luta pelo poder dentro do Movimento torna-se tribalista e regionalista e com o passar do tempo, as ações da personagem Vítor evidenciam que ele já não se preocupava com os ideais que defendia enquanto estava em Lisboa, buscava tirar proveito da situação e se beneficiar. Ele não mais criticava a direção

do Movimento e também não se preocupava com a coletividade. Queria para si próprio um pouco do poder e criticava os ideais que havia defendido no passado: *Naqueles tempos longínquos em que perseguia, imbecil que era, um sonho coletivo. Em que a ideologia o fazia tudo enfrentar com fé religiosa de missão.* (PEPETELA, 2013, p. 216).

Vítor ganhou o codinome de Mundial e durante os momentos conflitantes de sua caminhada pela sobrevivência, o narrador onisciente descreve as transformações vividas por ele e revela ao leitor os sentimentos da personagem. Em meio ao medo de ser capturado pelos portugueses e à confusão de seus pensamentos, ocasionada pelo cansaço, fome, sede e frio, Mundial caminha em vão e se aproxima de um posto do inimigo. No seu delírio, Vítor pensa em se entregar e abandonar toda a utopia da revolução. Trava consigo um monólogo que expõe, ao leitor, o passado e o seu caráter duvidoso. Pensa em trair o seu povo e se entregar ao inimigo e com isso desobriga-se da ideologia que defendeu enquanto frequentava a CEI. O embate que vive internamente confunde-o, mas ele já se vê como um traidor:

No posto vão interrogá-lo. Obrigam-no a falar na rádio, a fazer apelos aos camaradas para que sigam o seu exemplo e se rendam. Angola combatente, a rádio do Movimento, vai apodá-lo de traidor. E depois será livre, poderá voltar ao Huambo natal, encontrar os pais de quem se separou há catorze anos. Não vale a pena? Acabar com a fome, o cansaço inútil, o frio, o medo, a troca de um título de traidor concedido por uma organização que já pouco significa e que nunca chegará ao poder. Com a farda e a arma, abandonará o nome de Mundial e retornará o seu verdadeiro de Vítor Ramos, estudante de profissão. (PEPETELA, 2013, p. 185).

A sua fraqueza de caráter é reforçada no momento do seu reencontro com os amigos guerrilheiros. Apesar da ideia de dissertar, o seu comportamento, diante dos seus pares, torna-se o de um revolucionário engajado e que acreditava que *A Vitória é Certa!* (PEPETELA, 2013, p. 203). Mundial narra aos companheiros as suas desventuras pela chana, mas omite a sua real intenção de traí-los. Torna-se cada vez mais dissimulado, fato que o contrapõe a personagem Aníbal, agora Sábio.

Para Mundial, os discursos ideológicos de Sábio são recorrentes e isso gera um drama interno na personagem, pois as suas frustrações, a inveja que sente de Sábio e sua ambição pelo poder são evidenciadas ao leitor. São esses sentimentos íntimos de Mundial que compõem a trama desse capítulo e o transformam numa personagem interessante para estudo.

Um detalhe que contribuiu como agravante para a deformação do caráter de Mundial é o fato de acreditar que Aníbal sempre o havia humilhado e que, mesmo durante a guerra, a marcante presença do protagonista sempre fora incômoda e o fazia sentir-se cada vez mais inferior diante da figura de Sábio. Para Mundial, Aníbal era uma referência de caráter e

determinação. As reflexões feitas por Sábio e as suas experiências vividas são para Mundial objeto de desejo e inveja. Tem-se, abaixo, um trecho para exemplificar a sua fixação em se comparar com o protagonista e se percebe que o desconforto que Mundial sentia diante de Aníbal era recorrente, caracterizando a inferioridade que o atormentava.

O pior era ter perdido a mochila, levada por um guerrilheiro, precisamente para lhe aliviar o sacrifício da caminhada.

Quando o frio apertou à noite, deu razão ao Sábio que nunca permitia que lhe levasse a mochila. Dizia o Sábio, um dia perco-me dos outros e fico sem cobertor. Por isso, o fraquitolas do Sábio lá carregava sempre a sua casa às costas. A contragosto, teve de reconhecer que o Sábio era o mais prudente dos dois. A ele a questão sempre se pusera: levar a mochila era sem dúvida mais seguro, nunca se sabe o que a próxima volta do caminho esconde; mas, além do tormento provocado pelo peso nas costas, também lhe fazia perder prestígio aos olhos do povo, pois é símbolo de importância ter um carregador que leve a mochila do responsável. O Sábio não se importava com isso (...) (PEPETELA, 2013, p.149).

Diante disso, Mundial passava frio e: *O inimigo estava tão perto que não ousou acender o fogo, Não dormiu, tiritando de frio, dando cada vez mais raivosamente razão ao Sábio que mesmo ali o humilhava.* (PEPETELA, 2013, p. 150).

No clima tenso da chana, muitos são os diálogos entre Sábio e Mundial e se percebe que ambos estão inconformados com os rumos da guerrilha. O desencontro dos dois personagens e o que incomodava tanto Mundial era a postura de Sábio em manter suas ações coerentes com os ideais defendidos na CEI. Mundial, apesar de admirar as atitudes do companheiro, não conseguir agir da mesma forma. Apesar de toda a diferença ideológica, havia um fato que os unia, ambos podiam ser considerados as personagens que, no decorrer do romance, mais se transformam diante das experiências vividas.

Sábio, como guerrilheiro do MPLA e dirigente dentro do Movimento, reelaborou seus ideais quanto à revolução e questionava, não a guerrilha contra Portugal, mas a corrupção que se instaurou dentro do MPLA e o conflito existente entre os dois partidos de Angola, conforme evidencia a conversa entre Sábio e Mundial:

– Vês como estás, Sábio? Até já dizes que esta guerra é absurda. Estás completamente desencorajado. E sabes por quê? Porque não queres convencer-te dos erros. Como corrigir as coisas, se não aceitam os erros? Chegou o momento de falar claramente, para que a guerra retome o seu sentido.

– O que dizes, no fundo, é o mesmo que estou a dizer. Não digo que a luta contra o colonialismo é absurda, mas o caminho que a guerra tomou é absurdo. Olha para os guerrilheiros. São hoje uns foragidos, quase mercenários, já nada têm de combatentes revolucionários, nada, absolutamente nada. (...) E quando há qualquer coisa, a desculpa é o tribalismo, o regionalismo. Tudo isso não é absurdo? (PEPETELA, 2013, p. 177).

Diante da posição assumida por ambas as personagens, o autor apresenta ao leitor duas vozes distintas: a voz de Mundial representa a sua postura individualista e o seu desejo de poder. A voz de Aníbal representa a advertência às atitudes de Mundial. Fica evidente que Sábio torna-se para Mundial o seu maior exemplo, e essa admiração é quase doentia, pois Mundial deseja viver as experiências do outro, como no dia em que *o cansaço (...) mergulha-o num torpor próximo ao delírio*. (PEPETELA, 2013, p. 167) e no seu devaneio confundem-se as mulheres que amou com Mussole, a jovem dançarina da xinjanguila, por quem Sábio apaixonara-se, conforme se lê:

E queria agora o Sábio usurpar-lhe o direito de chorar Mussole? Mussole era sua, sua era a saudade dela como o fora o seu corpo, como o fora a renúncia depois da sua perda. Mussole, Mussole, Marilu... Fernanda.

Limpa as lágrimas com as costas da mão suja e recorda que tem de avançar até ver O Posto (PEPETELA, 2013, p. 168).

Por ser Sábio um exemplo dentro do Movimento, Mundial estabelece um conflito com o protagonista e se tem, no desenvolvimento da narrativa do segundo capítulo, uma personagem opondo-se a outro. Tal fato é percebido, pois em *A Chana* as vozes destoam e o sentimento de coletividade é substituído pela descrença política e pelo individualismo, práxis contrária ao que acontecia na CEI, onde as vozes ouvidas na casa, em uníssono defendiam a luta do povo angolano. Como Aníbal mantém-se fiel aos ideais coletivos da Casa, Mundial tem nele a consciência que direciona as suas ações. Consciência que o incomoda devido ao fato de perceber no outro um discurso que contraria os seus novos interesses, pois já não mais compactuava com ideais vividos nos tempos da Casa.

Pepetela apresenta Mundial como síntese do obstáculo para a concretização da história de um país justo e independente. A personagem simboliza o que aconteceu com muitos outros guerrilheiros no período posterior a independência. No decorrer da narrativa descortina-se o “novo” personagem Mundial, visando à ascensão aos cargos políticos e ao poder, não se importando com os meios para atingi-los. Para ele o mais importante era conviver com pessoas influentes que pudessem elevá-lo socialmente.

Em *A chana* evidencia-se a perda da perspectiva de coletividade e é essa a crítica a que se propõe Pepetela, pois o sentimento de distopia é reforçado pelo crescente individualismo. No final do capítulo, Mundial enterra os momentos vividos na chana e assume a sua nova trajetória, porém sem esquecer-se de sua consciência, o Sábio:

Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais coletivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro. E o sábio? (PEPETELA, 2013, p. 224)

Cabe destacar que o discurso e as ações de Aníbal fazem dele o *alter ego* de Pepetela, pois as experiências político-ideológicas do autor apresentam-se de forma semelhante no discurso de *A geração da utopia*.

A utopia desencanta-se. Desencantam-se Aníbal e o autor, que também participou da guerrilha pela libertação de Angola.

Por meio da Literatura, Pepetela utiliza-se da História para desvendar comportamentos humanos diante da realidade do mundo. Com isso a narrativa possui uma função social e conduz o leitor a olhar criticamente para a realidade. Com esse olhar tem-se início um novo capítulo que delineará o enredo pelas reflexões ao movimento revolucionário a influência do momento histórico vivido na formação ideológica das personagens.

3.3 - A BAÍA: TESTEMUNHA DA DISTOPIA E DO REENCONTRO

O problema era a fome e as doenças, como disseram, Aníbal olhava para eles e reconhecia o mesmo tipo de caras e atitudes dos que há dez anos vira fugirem para a Zâmbia.

As línguas eram diferentes, mas os olhares os mesmos, com luar de guerra a persegui-los. (PEPETELA, 2013. p. 259).

No epílogo do segundo capítulo, tem-se a notícia da morte de Sábio. Para Vítor a notícia trazia-lhe (...) *um frio ao coração, não mais o abandonou. E era aguçado pelas bebedeiras e pela xinjanguila da fronteira*. (PEPETELA, 2013, p. 225).

Ciente da informação sobre a morte de Sábio, o leitor inicia o terceiro capítulo e durante algumas páginas não se fala sobre a personagem supostamente falecida. O autor opta pelo mesmo processo narrativo usado no capítulo *A Chana*, quando se desconhecia que a personagem perdida era Vítor. Em *O Polvo* o leitor também desconhece quem é a personagem que *Provou a temperatura da água com o pé esquerdo*. (PEPETELA, 2013, p. 229) e logo depois *Entrou na água, com um arrepio no corpo magro. Foi nadando, só a bater os pés, olhando para o fundo e respirando pelo tubo*. (PEPETELA, 2013, p. 230). Apesar dessa semelhança entre os capítulos, observa-se que ambos diferem-se significativamente quanto ao espaço ocupado pelas personagens, pois num primeiro momento tem-se uma chana

ameaçadora e depois, uma praia paradisíaca. O autor, por meio da voz narrativa enunciada pelo narrador em terceira pessoa, situa o leitor num capítulo ambientado numa baía que *era um ecossistema único no mundo*. (PEPETELA, 2013, p. 232).

Aos poucos, evidencia-se uma personagem que trazia as lembranças da guerrilha, *Sentiu a presença, com antes, nas chanas, adivinhava a chegada dos helicópteros portugueses em formação de ataque*. (PEPETELA, 2013, p. 232) e que apesar de viver em harmonia naquele ambiente sentia-se perseguido por pensamentos amargos.

Na sequência, sabe-se que a personagem é Aníbal. O capítulo *O Polvo* inicia-se em Abril de 1982 e o herói *Olhou para o alto do morro, onde ficava a casa*. (PEPETELA, 2013, p. 229), a sua casa, ao sul de Angola, local escolhido para morar depois da decisão de abandonar o exército, logo após a independência em 1975. Para sobreviver, recebia uma aposentadoria do exército e “caçava” peixes. Nesse momento, observa-se como fator marcante a distopia de Aníbal e a desilusão com a realidade, pois vira todos os sonhos de juventude serem destruídos.

A trajetória escolhida por Aníbal era uma forma de não conviver com o Estado corrupto e não compactuar com a práxis política, cujo interesse maior era o poder e a corrupção, mas cabe esclarecer que a escolha de viver na Praia da Caotinha não aconteceu por acaso, pois na infância, em visita ao local, ele havia se deparado com um polvo e essa imagem ficou gravada em sua mente e em seus sonhos.

Quando aposentou resolveu exilar-se e enfrentar o passado que o incomodava.

Para o autor, Aníbal era o intelectual que agia de acordo com os ideais defendidos e não se deixava corromper pelo poder. Optou pelo exílio, não para fugir de suas obrigações de intelectual, mas para se opor aos novos rumos do país e àqueles que se beneficiaram com a corrupção. Entende-se que Aníbal, enquanto estava isolado na ilha, isolava-se também da sociedade e se julgava livre para fazer a sua avaliação.

Sobre o exílio, Said coloca que *é uma condição metafórica extremamente importante para se compreender os intelectuais*. Para Aníbal e também Pepetela, o exílio representa a independência, fator fundamental para que o intelectual possa cumprir com a obrigação de *evidenciar a verdade ao poder*. (SAID, 2005, p. 89).

Considerando que Pepetela demitiu-se do ministério da Educação e que o romance *A geração da utopia* foi escrito enquanto o autor encontrava-se em Berlim, pode-se concluir que o isolamento voluntário era uma alternativa encontrada não só pela personagem Aníbal, mas também pelo seu autor. Ambos não cederam ao poder, mas também não desistiram da função

de intelectual. Entende-se que, no desenvolvimento da narrativa, Aníbal é a personagem que melhor estabelece uma análise do que foi a geração que conquistou a independência e tomou o poder.

É através do fluxo de consciência da personagem e do narrador em terceira pessoa que se tem conhecimento da necessidade do protagonista em compreender os novos rumos após a libertação. É como se Aníbal, através dos seus diálogos, buscasse entender a história que ele próprio ajudou a construir. Sua frustração deve-se ao fato de que a sua geração realizou apenas a independência e positivamente nada mais aconteceu, pois após a independência do colonialismo português, Angola ainda amargou anos de destruição sob a violência de uma guerra civil.

A partir do reencontro com Sara, o narrador afasta-se e cede ao herói a voz da narrativa que tem como foco central a avaliação dos erros da sua geração. Se no momento da utopia vivido em *A Casa*, o narrador era constante, neste capítulo, que aborda a distopia, ele praticamente desaparece e cede a voz ao herói, pois foi ele quem viveu e participou ativamente do projeto socialista que não vingou. A voz é de Aníbal e é a sua interpretação da realidade que se evidencia nesse momento, seja por meio das conversas com o amigo Ximbulo, com Sara, consigo mesmo ou com a árvore de Mussole. Como disse o próprio Aníbal sobre a sua mania de falar: *Quando ela vem (Marília), sou eu que falo. Aliás, esse é um terrível defeito que tenho. Acabo sempre por ser o único que fala numa conversa.* (PEPETELA, 2013, p. 251).

Percebe-se que a ideologia do autor é a mesma do protagonista e o autor implícito, por meio da lucidez e da desilusão de Aníbal, faz uso da voz da personagem para informar seus leitores sobre os fatos históricos e com isso buscar a mudança social.

No trecho abaixo se tem uma crítica feita por Aníbal que confirma a ideologia defendida por Pepetela:

Isso de utopia é verdade, costume pensar que nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conhece. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 2013, p. 245).

Neste capítulo, a narrativa traz uma avaliação da sociedade angolana e Aníbal, que durante a guerrilha, conviveu e aprendeu com o povo, associa as personagens ao contexto social vivido, permitindo uma análise mais detalhada. Como exemplo tem-se um diálogo entre Sara e Aníbal sobre a questão do tempo e se percebe como era para ele iminente a necessidade de respeito às tradições do seu país:

- Talvez, talvez de velho de kimbo (de aldeia), de sekulo. Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura citadina judaico-cristã, têm muito a ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios ritmos com os quais nós devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós os crioulos de híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalista, o que implica outros ritmos. E depois admiramo-nos porque a natureza não os segue, nos prega partida a todos os instantes. Eles sabem isso, e dizem-nos, mas como são analfabetos, o nosso preconceito emudece-os ao nosso entendimento. Nós temos o conhecimento sagrado do marxismo-leninismo ou do ultra-liberalismo do FMI, estudamos nas melhores universidades, como nos vamos rebaixar, perder tempo, a tentar perceber porque nos ensinam? (...) nunca vemos nossa própria cegueira. (PEPETELA, 2013, p. 266).

As notícias que chegam à baía de Aníbal, após a independência, são desanimadoras, pois a utopia que idealizava a igualdade social fora substituída pela formação de novas classes sociais. Se durante o período da colonização existiam colonizados e colonizadores, depois da independência formou-se uma pequena minoria que controlava o país e o povo sofria com a guerra civil e com a corrupção que aniquilava o país.

Considera-se *O polvo* como o capítulo da distopia, mas a chegada de Sara na baía marca o reencontro com o passado. Cabe destacar que o referido capítulo não se refere apenas ao reencontro de ambos e a consumação da paixão que viveram em Lisboa, mas também ao reencontro de Aníbal consigo mesmo e ao reencontro simbólico do herói com o seu passado, aqui metaforizado pelo polvo. Como já abordado anteriormente, o herói liquida com o polvo e juntamente com ele todas as frustrações do passado que também o perturbavam. Morre o passado do herói e a utopia de uma geração. As idealizações anteriores são esquecidas, como foi esquecido o polvo. Encerra-se um ciclo e outro surge no horizonte de Angola, simbolicamente representado por Judith e Orlando. A partir dos reencontros e das discussões com Sara o protagonista insere-se novamente no contexto sociopolítico, fato que se comprova, no capítulo seguinte, quando o protagonista aceita fazer *a longa viagem de dois dias numa camioneta que trazia produtos para os mercados de Luanda, ele e mais dez*

peessoas sentados por cima de carga, dividindo as comidas e bebidas que cada um trazia nos sacos. (PEPETELA, 2013, p. 367). Chegara à terra natal e o fato de Aníbal não mais acreditar no sistema, não significava o fim da utopia, pois era mais forte que ele confiar no ser humano (PEPETELA, 2013, p. 252).

3.4 – DEUS COMO MERCADORIA

Quando os intelectuais se demitem, é evidente que a sociedade perde o norte, vai buscar outros valores, geralmente a mediocridade (PEPETELA, 2013, p. 371-372).

Depois de analisada a voz narrativa nos capítulos anteriores, cabe nesse último, *O Templo*, uma retrospectiva para “alinhar” a presença do narrador e do autor implícito no romance de Pepetela. No capítulo *A Casa* tem-se como voz narrativa a personagem Sara e a presença de um narrador que compactua com os ideais dessa personagem e segue paralelamente o seu fluxo de consciência de forma conivente e solidária. O contrário acontece no capítulo *A Chana*, cuja voz pertence a Vítor. Percebe-se que o narrador mantém-se distante do fluxo de consciência da personagem Vítor e há a distinção de vozes durante a narrativa, sem nenhuma coerência ou afinidade entre elas. No capítulo *O Polvo*, a postura do narrador assemelha-se ao que acontece no início da narrativa, porém o narrador praticamente cede a sua voz ao herói, mas permanece próximo de Aníbal como se houvesse entre ambos uma cumplicidade ideológica.

O último capítulo do romance, que é efetivamente o motivo dessa parte, mantém semelhança com o processo narrativo dos capítulos anteriores porque o narrador utiliza-se do fluxo de consciência de outra personagem. Nesse momento a voz narrativa pertence a Malongo. O que difere esse capítulo do anterior e o aproxima do capítulo *A Chana*, é o fato de que, aqui, tem-se um narrador distante da personagem possuidor da voz narrativa, mas quando esse narrador aparece, ele se utiliza da ironia para estabelecer a sua crítica.

Portanto, percebe-se a afinidade do narrador com as personagens Sara e Aníbal, destacando-se, logicamente, o herói que durante a narrativa circulou por todos os capítulos e se manteve presente por meio da sua concepção ideológica, mesmo quando a voz narrativa pertencia a outra personagem. O *porta-voz do autor*, função aqui desempenhada pelo protagonista, representa a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. Nesse sentido, a personagem seria um amálgama das observações e das virtualidades

de seu criador⁷⁴. Pode-se perceber no decorrer da narrativa a voz crítica do autor implícito, fato que identifica ideologicamente a que se propôs Pepetela.

A narrativa do último capítulo acontece a partir de 1991. Tem-se o retorno da personagem Malongo ao enredo, pois (...) *a guerra tinha finalmente acabado. E ele estava há muito tempo preparado para a paz.* (PEPETELA, 2013, p. 315). A frase inicial de *O templo* refere-se ao tempo que a personagem esteve ausente de Angola, *Trinta anos.* (PEPETELA, 2013, p. 315). Cabe retomar o final do primeiro capítulo e lembrar que Malongo, assustado com as convocações para o Exército colonial, foge para Paris juntamente com Sara que estava grávida. Em seguida ele abandona Sara e a filha e segue para a Europa. Após a estabilização da situação política em Angola, Malongo retorna como contrabandista de uísque e outros produtos. Na Europa acumulou um grande capital e quando chega a Luanda, tem uma vida de novo rico e adquire costumes semelhantes aos dos colonialistas, possui empregados negros para servi-lo e os trata como se fossem escravos. Tal postura adotada por Malongo, como novo rico, assemelha-se, segundo Benjamin Abdala Junior, a *um emparedamento similar aos dos tempos coloniais. O desenho da truculência do colonizador, preservado agora, em novos atores e a ascensão de novos ricos, com os caracteres do capitalismo selvagem que a geração da utopia abominou.*⁷⁵

Lê-se abaixo um trecho que exemplifica a nova situação vivida por Malongo:

Ganhou dez vezes mais num ano que em toda a vida anterior. Estava preparado para a paz tão esperada. Era mesmo a tempo, pois sentia ventos de intolerância racial que começavam a soprar pela Europa ocidental (...)
A paz encontrou-o já instalado na terra. Comprou em divisar uma vivenda no bairro Alvalade, não era tão grande como queria nem tinha piscina, mas dava para começar. Teve de pagar bem caro, um escândalo, mas não havia remédio, era mais difícil encontrar casa em Luanda que água no deserto do Namibe. (PEPETELA, 2013. P. 317).

O ex-jogador de futebol aproveita-se da desorganização em que vive o país para tirar vantagens e praticar irregularidades que tornarão seu capital ainda maior. *Aproveitando o recente aligeiramento das barreiras burocráticas, registrou uma firma de import-export. Ele agora é que ia escolher os produtos e as tecnologias que queria introduzir no país.* (PEPETELA, 2013, p. 317).

⁷⁴ BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1985, p.50.

⁷⁵ ABDALA, Benjamin Junior. *Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio*. In: *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v.5, p. 69-83, 2013.

Para a realização das atividades ilícitas, ele se envolve com a elite social e se alia ao conhecido Vítor Ramos, agora ministro de Estado.

Vítor Ramos reside em Luanda desde a independência. Tornou-se ministro eleito pelo MPLA, fato que facilitou a aquisição de boates e cabarés por meio de desvios de verbas e propinas. Após abandonar a mulher e os dois filhos casa-se com sua secretária Luzia. Ambos, ele ardiloso e ela *mais burra que uma galinha*. (PEPETELA, 2013, p. 324), eram exemplos do *que parecia muito comum num certo tipo de pessoas que enchiam os ministérios e a recepções oficiais*. (PEPETELA, 2013, p. 324).

Em *O Templo*, Pepetela faz uma crítica ao destino do país após a independência, pois Angola encontrava-se nas mãos de pessoas como Malongo e Vítor, representantes de um contexto político-econômico inapto contra a corrupção e o individualismo.

A Vítor, alia-se Malongo, e a relação de amizade que já existia reforça-se pela cumplicidade. A voz desse último capítulo é do oportunista Malongo e por meio de ações cometidas por ele irregularmente, como desvios de verbas e sonegação de impostos, a voz narrativa da personagem e do narrador evidencia ao leitor o comportamento da nova burguesia que vive financeiramente como parasitas na dependência da elite dominante.

Para completar a “trindade” que irmanamente compactua com os mesmos intentos políticos, econômicos e também religiosos, como se aborda a seguir, falta apenas uma personagem. O encontro com essa personagem, já conhecida do leitor, acontecerá no cabaré do Viana, após uma saída estratégica de Vítor e Malongo, quando ambos embebedam *a burra da Luzia* e a deixam dormindo sem risco de acordar e atrapalhar o plano dos dois, pois como bem disse o médico: *seu sono era um estado próximo do coma*. (PEPETELA, 2013, p. 332).

Para compreender a importância dessa personagem para o último capítulo do romance, cabe comentar o envolvimento do estudante Elias com a Igreja Evangélica desde os tempos da Casa dos Estudantes do Império, aliás, Casa que nem ele e nem seus amigos frequentavam, *Talvez por morarem fora de Lisboa, talvez por serem protestantes*. (PEPETELA, 2013, p. 95). *Elias habitava num lar numa igreja protestante fora de Lisboa (...) Era uma vivenda retirada, numa rua tranquila (...)* (PEPETELA, 2013, p. 95). O fato de morar afastado de Lisboa explica-se pelas restrições que os protestantes sofriam em Portugal, onde a religião oficial era a católica.

A última notícia que se teve de Elias foi quando aconteceu a fuga de estudantes para Paris. Em 1961, ele segue para os Estados Unidos, conforme explicação da personagem:

Estava na UPA, depois FNLA. Arranjei uma bolsa e estudei nos States, Filosofia, claro. E Psicologia mais tarde. Depois criaram a Unita e aderi. Mas acabei por descrever dos meus conterrâneos do Bié que a dirigiam. Makas que agora não interessa descrever. Afastei-me de toda a atividade política. Fiz doutoramento em Psicologia Social, comecei a dar aulas. Em 1975 fiz um movimento para aqui, mas situação de guerra desencorajou-me e parei pela Nigéria, onde fiquei como professor. Vivi aí esse tempo todo. Mas tive notícias de que aqui as coisas mexiam e voltei. Já há liberdade suficiente para transmitir a minha mensagem, antes era capaz de ter problemas. (PEPETELA, 2013, p. 336).

Elias era leitor de Franz Fanon, mas suas ações não condiziam com as teorias que lia.

A personagem desaparece da narrativa e somente em *O Templo* reaparece como *bispo da Igreja da Esperança e Alegria de Dominus*. (PEPETELA, 2013, p. 337) e tem como objetivo arrecadar recursos financeiros para construir um Templo que atenda aos fiéis e possa fazê-los felizes.

O autor faz uma severa crítica aos planos de Elias, pois, além de ele se aliar a personagens representantes da corrupção, o ministro aproveita-se da formação acadêmica que conquistou para criar uma igreja que agrade a todos e cuja função será a de controlar os fiéis e suborná-los em nome de *dominus*. Para prevalecer seu intento de criar uma nova seita, Elias imbuído de “sentimentos religiosos”, tornara-se um ator capaz de criar, de acordo com a necessidade, vozes distintas e fisionomias que pudessem impressionar os fiéis. Segue um trecho para ilustrar a colocação:

Elias sorriu com condescendência, como um avô ou um sekulo do kimbo que já viu muita coisa. Falou como um médium, pois a voz saiu-lhe do mais profundo da garganta, sem mexer os lábios e com os olhos fixos num futuro qualquer. (PEPETELA, 2013, p. 337).

A personagem, durante os cultos religiosos, interpretava o profeta que trabalhava para a felicidade e salvação do povo, mas o narrador faz uma avaliação negativa desse “salvador” e ironicamente apresenta ao leitor as características daquele que deseja aproveitar-se da situação de miséria e aflição de um povo cansado de tanta guerra.

Para arrebanhar esse povo cansado, a Igreja de Elias busca por meio da alegria e da esperança elevar a autoestima dos fiéis e propõe um *dominus* que aceita e perdoa tudo, conforme trecho do diálogo de Elias:

- É uma Igreja de Deus. Dominus quer dizer o Senhor em latim. E é da Esperança, porque é a única igreja que tem sempre uma palavra de estímulo, de encorajamento para as pessoas. As outras igrejas são repressivas, ameaçam, todas influenciadas pelo Jeová de Israel que é um deus cruel. (...) Dominus é o Deus da bondade, que tudo perdoa, que nunca ameaça para quem a vida é sempre esperança e doçura. E da

Alegria, porque Dominus quer que toda a gente se divirta, até certos limites, evidentemente. Por isso não deve ser surpresa que o único bispo da Igreja esteja nesse momento a dançar e a beber neste cabaré. (...). PEPETELA, 2013, p. 338).

O ardiloso Malongo, desde o início, desacredita das intenções de Elias e é por meio dele que se tem conhecimento do verdadeiro interesse do bispo - adquirir um negócio em Luanda que fosse vantajoso financeiramente.

A proposta de Elias era para que juntos pudessem criar uma Igreja, cujo culto fosse atraente para o povo e com isso pudesse angariar muitos crentes que cotizassem em favor da sua Igreja. Para explicar esse *show* a Vítor e Malongo e se tornar convincente diante dos amigos, o bispo não economizava palavras e alterava a sua vocalidade, ora usando uma voz cavernosa, ora uma voz gutural ou mesmo uma voz que lhe saia *do mais profundo da garganta, sem mexer os lábios e com os olhos fixos num futuro qualquer*. (PEPETELA, 2013, p. 337). O texto torna-se cada vez mais irônico, evidenciando a encenação teatral de Elias.

Depois de feita toda a explanação do seu intento, Elias, *com um sorrisinho suave no canto da boca* diz o que realmente pretendia com os dois personagens:

- Tu, por exemplo, sei que és milionário. E o Vítor que pode não ter muito dinheiro para arriscar, mas tem influência. Com apoios desses, construo uma igreja grande. Mas o mais importante é estender a organização a todo o lado, conquistar o amor dos homens. Com o amor dos homens, é evidente que a Igreja pode também ganhar parte do dinheiro das pessoas, o amor é isso, é saber partilhar. Falando claro, ando à procura de sócios com poder e dinheiro. O resto faço eu. (PEPETELA, 2013, p. 341).

Apesar de perceberem a falcatura que envolvia todo o processo de criação da nova Igreja, Malongo e Vítor concordam em se unir ao idealizador do projeto da Igreja da Esperança e Alegria de Dominus.

Nesse capítulo, Pepetela evidencia o descompromisso ideológico de grupos de Luanda e a ironia existente remete o leitor a perceber a total ausência crítica da realidade social vivida naquele momento. A utopia não mais existia e a sua falta tornava susceptíveis a atitudes de oportunistas uma parte da população que se encontrava descrente. Qualquer promessa que pudesse trazer conforto era facilmente aceita. Tal necessidade do povo torna-se um agente facilitador para a proliferação das igrejas evangélicas e um terreno fértil para aqueles que como Elias, Vítor e Malongo visavam unicamente aos seus interesses individuais.

É desta forma que o narrador em terceira pessoa trabalha o enredo do último capítulo do romance. Supostamente próximo do grupo representante da corrupção, o narrador confronta os interesses individual e coletivo e evidencia a organização de uma Igreja que irá

manipular aqueles que se encontram despreparados para fazer análises críticas e os insere numa suposta catarse que os deslocam dos problemas sociais em que vivem. Tem-se a colocação do narrador diante do que foi *o primeiro grande culto da Igreja da Esperança e Alegria de Dominus*, que se realizou no cinema Lumiar, numa manhã de domingo:

Quase todos os espectadores tinham respeitado o pedido dos panfletos e não vinham vestidos de preto, cor desaconselhada porque triste, trajando saias e blusas floridas, calças azuis, verdes ou amarelas. (...). Nada de bubús ou abakos, trajes africanos que em Luanda eram conotados com autenticidades importadas de triste lembrança mas calças e camisas à maneira europeia, tropicalizada pelos panos garridos feitos na África Têxtil de Benguela. A música africana e das Antilhas, amplificada por milhares de *watts*, desde as sete horas atraía gente dos bairros vizinhos, até mesmo diplomatas que moravam na zona, arrancados das camas pela potência das aparelhagens anunciando um domingo diferente. (...). (PEPETELA, 2013, p. 377).

Além da presença dos fiéis havia os curiosos que se confundiam pelo colorido da roupa, fato que se justifica por ter sido a *publicidade (...) um sucesso e a sala apresentava um aspecto acima das previsões mais otimistas (...)*. (PEPETELA, 2013, p. 377). Fazia parte do *show* um bispo fantasiado de roupas coloridas com motivos da cultura nacional e que após uma entrada triunfal no palco fala a todos em nome de *Dominus*. Tem-se a voz do narrador detalhando a entrada de Elias:

Entrou de braços abertos, em passos pequenos e redondos e ficou parado no meio do palco, enquanto ia crescendo o som do batuque. O batuque foi aumentando e ele foi progressivamente acompanhando com o corpo o ritmo ancestral. E começou a falar, através do microfone dissimulado na camisa, colando a cadência da fala à do batuque, esta é a Igreja de Dominus, todos são bem-vindos (...) (PEPETELA, 2013, p. 379).

Como se não bastassem as artimanhas para envolver os fiéis por meio das cores, do perfume das flores, do ritmo acelerado do batuque, Elias aproveita-se da sua retórica e também da fé e comoção geral para convencê-los do seu poder de cura. Após a cena de cura, Elias sente-se seguro para o seu objetivo principal: recolher as doações. Tem-se na sequência a atitude dos fiéis: (...) *e os assistentes enchiam os sacos com o dinheiro e as poucas jóias e até mesmo as camisas, e os caxicos iam com os sacos despejar atrás do ecrã do cinema e voltavam receber mais (...)*. (PEPETELA, 2013, p. 384).

E o “profeta” repetia o chavão ideológico - “*Dominus falou, Dominus falou*” como símbolo do discurso religioso da nova Igreja e também como forma de alienação. Quando termina o culto as pessoas deixam o templo, e o chavão, durante a caminhada, podia ainda ser ouvido. Sobre a facilidade encontrada por Elias, Vítor e Malongo para arrebanhar fiéis para a

sua nova Igreja, tem-se a colocação de Aníbal: *Hoje a sociedade está sem valores, as pessoas viram-se para a religião, qualquer que seja, precisam de acreditar nalguma coisa. E, como sempre, haverá as religiões que servem as pessoas e as que se servem das pessoas.* (PEPETELA, 2013, p. 373).

O professor Benjamin Abdala Junior, no seu artigo *Memórias de uma Geração da Utopia, ou da Esperança como Princípio* aborda a mesma questão e acrescenta que a facilidade encontrada pelos oportunistas caberia em horizontes distintos, desde que houvesse a desesperança. Tem-se de Abdala a seguinte colocação:

A tendência, quando esses sonhos não se concretizam integralmente como se desejava, é o estado de melancolia, ou a distopia entre os atores embalados pela plenitude da utopia. Entretanto, a vida social se move na direção da esperança. Acreditar que as coisas possam ser melhores do que são. Se a esperança não se configurar em torno de projetos imbuídos de um princípio de juventude, como o que embalou os atores dessa geração, outros atores poderão empunhar em proveito próprio essa inclinação de esperança, através da mistificação, como ocorre com o pensamento religioso. É o que aponta o romance *A geração da utopia*, certamente num horizonte que não se restringe apenas a Angola.

Paralelamente a essa multiplicação de novas formas de religião que desenvolveram no país após a abertura política, Pepetela evidencia a presença de jovens que representam a continuidade ideológica do início do romance e que defendiam uma sociedade igualitária e livre do mercantilismo. Esses jovens, aqui representados por Orlando e Judith, são a nova esperança para o futuro de Angola. Pepetela mantém o herói inserido no enredo até o final do romance, permitindo o encontro entre as duas gerações, a da utopia e a que viveu numa Angola já independente. Abdala em seu artigo, já citado anteriormente, coloca que: (...) *Uma desconstrução que não perde seu sentido dialético de processo, pois que não deixa Pepetela de constatar que os novos tempos formam tenuamente atores de uma nova geração, que certamente não deixará de se valer da experiência da geração anterior.*

Aníbal reaparece no último capítulo e por meio de ações concretas em defesa dos interesses coletivos evidencia-se, mais uma vez, que é ele a personagem cuja função é contrapor-se às atitudes individualistas. Diante disso, Aníbal critica abertamente a postura das personagens Vítor, Malongo e Elias, representantes da força negativa que contribuem para conduzir Angola para o abismo social e, na sequência, conduz a narrativa de forma que o leitor entenda a necessidade de as novas gerações continuarem lutando pela nação.

A voz do protagonista reaparece nesse capítulo para conduzir uma nova esperança para o povo e denunciar a divisão entre as sociedades que se estabeleceu dentro do país. O

herói coloca em prática o que propõe como o ideal para o futuro de Angola no momento em que concilia o seu conhecimento adquirido em Portugal, enquanto estudante, com a sabedoria dos sábios da aldeia. Critica a importação de modelos externos e propõe a reorganização de Angola agregando a ela traços provindos igualmente da elite urbana e da elite tradicional, respeitando o ritmo, os valores e a sabedoria de cada sociedade. Por meio do diálogo que o *alter ego* do autor mantém com Sara, Orlando e Judith evidencia-se o dever em transmitir a história do país às novas gerações para que o futuro possa ser transformado.

Cabe destacar que, nesse capítulo, tem-se pela voz enunciada do narrador, um caso de polifonia que por meio dos discursos indiretos e diretos evidencia ao leitor as vozes de diversas personagens. Se nos capítulos que abordam a utopia existia o jogo polifônico unido pela luta de independência e pelos ideais coletivos, aqui se tem um novo tempo, marcado pela ausência de utopias. O jogo polifônico existente torna-se vago e descompromissado, pois o que move as ações são os interesses individuais e esse motivo justifica a aproximação de algumas vozes. Percebe-se no desenvolvimento da narrativa que as vozes de Sara, Orlando e Judith destoam das vozes de Vítor, Elias e Malongo. Tem-se um jogo ideológico entre as vozes que pode ser percebido de várias formas, inclusive na acusação da filha ao abuso de poder e ao papel exercido pelo pai.

Diante da situação vivida, tem-se, por enquanto, a “glória” dos oportunistas que num momento de carência de esperanças e utopias do povo angolano transforma a Igreja de Dominus num grande acontecimento. O término do romance é um *show* apoteótico de alegria, porém sem nenhuma solução para a discussão das vozes contestadoras do momento social e político vivido em Angola. O plano do grupo efetiva-se e Deus torna-se mercadoria favorecendo o acúmulo de riquezas para um pequeno grupo e para a grande maioria, a exclusão social. Portanto, a proposta de futuro para Angola cabe à figura dos novos atores.

4. TRANSFORMAÇÃO DE ANÍBAL

Nessa parte da dissertação, tem-se como foco central a atuação e a transformação da personagem Aníbal, o Sábio. É aparentemente compreensível acompanhar as mudanças ocorridas com o herói de Pepetela, pois a narrativa mantém uma linearidade temporal que tem início em 1961 e término em 1991, respectivamente dividido nos capítulos “A Casa” (1961),

“A Chana” (1972), “O Polvo” (1982), “O Templo” (1991). Tem-se cronologicamente um período longo para desenvolvimento do enredo. No trecho do artigo *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*, Rita Chaves esclarece o protagonismo dessa geração diante dos fatos históricos:

Durante essas três décadas, iniciou-se a luta armada pela independência, nasceu o país, ensaiou-se o projeto socialista, transcorreu a guerra de agressão movida pelo regime racista da África do Sul, intensificou-se a guerra civil entre o MPLA e a UNITA, assinaram-se alguns tratados de paz jamais concretizados na íntegra, optou-se pelo neoliberalismo, o multipartidarismo sucedeu o regime de partido único. As transformações foram, sem dúvida, extraordinárias e de tudo isso, em alguma estância participou essa geração.⁷⁶

O autor propõe essa demarcação temporal e em cada uma das datas tem-se um fato que remete o leitor a um acontecimento histórico de Angola e paralelamente têm-se as transformações ocorridas com a personagem protagonista. Em 1961, o destaque é para a geração da utopia, a militância e a Casa dos Estudantes do Império, momento em que o narrador evidencia um herói já graduado em História e ocupando o posto de oficial no serviço militar obrigatório.

Em 1972, Aníbal, personagem que *detém simbolicamente a sabedoria*, durante a guerra de libertação, assume o codinome de Sábio e se destaca no movimento pela sua disciplina, capacidade de persuadir positivamente e também pelas inúmeras derrotas que impôs ao inimigo. Torna-se comandante e é conhecido pelo seu senso de humanidade e solidariedade, o que lhe custa a amizade de uns e a inveja de outros. Ainda nesse capítulo tem-se conhecimento de como a longa duração da guerra causou demasiado sofrimento às populações civis, Sábio assume valores distintos e discorda das estratégias usadas pelos seus superiores. A isso, soma-se o fato do desvio de dinheiro que impede o desenvolvimento das ações armadas, estendendo o sofrimento daqueles que acreditavam na guerrilha. Sabe-se que, durante o tempo da luta revolucionária, a utopia, para Sábio, era a mola que o impulsionava. Após o término da luta, a utopia mantém-se com o mesmo valor, fato que o impede de pactuar com a corrupção ou com a máquina ineficaz do estado. A ele só interessava esquemas que visassem à melhoria de vida do seu povo, por quem ele sempre lutou. Para Sábio, expulsar o colonizador não era suficiente, era prioridade a construção de um país com justiça e igualdade.

⁷⁶ CHAVES, Rita. *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*. In: Revista Via Atlântica da USP, n.2, p. 216-233, Junho 1999.

Na sequência, Sábio isola-se dentro do movimento e se inicia o seu processo de distopia. Após a independência de Angola, proclamada em 1975, a falta de perspectiva e a desesperança o conduzem a um exílio voluntário. O *locus* enunciativo é agora na praia da Caotinha. Inicia-se, em 1982, o terceiro momento da narrativa, cujo foco é o isolamento de Aníbal e a abertura política. O autor, nesse capítulo, denuncia a desagregação ocorrida devido à guerra e evidencia ao leitor o kimbo dos deslocados, ou seja, um espaço que acolhe os mutilados de guerra, os órfãos que, em estado de abandono, esperam o socorro do governo. Nota-se a relação estreita estabelecida entre Aníbal e os refugiados e como o protagonista sensibiliza-se com o sofrimento de todos, conservando a característica responsável pelo codinome que um dia adotou, Sábio.

Tem-se claro no romance *A geração da utopia*, a reflexão sobre o fato de o indivíduo ser sempre conduzido politicamente às formas tradicionais e alienadoras do colonialismo e consequentemente afastar-se cada vez mais do objetivo comum que envolve a coletividade. Entende-se que faltou criticidade ao momento de otimismo vivido pela geração da utopia e no desenvolvimento da narrativa, cabe ao protagonista, portador do bom senso e da sabedoria, contrapor-se a esses movimentos e ideias que retomam as formas colonialistas.

Para isso, isola-se, conforme a colocação do professor Abdala Junor no seu artigo *Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio*, publicado na Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF.

É o que aparece na trajetória de Aníbal, que acaba por se impor registros mais distanciados, marcado por certa negatividade. São experiências que apontam para o processo, contínuo, que impõe uma dialética entre otimismo e distanciamento crítico, tendo em vista a necessidade de constantes redirecionamentos de trajetórias, pois o “mundo do rio não é o mundo da ponte”, relembremos.⁷⁷

É esse o capítulo mais simbólico do romance e é nesse espaço que o leitor aprofunda o seu conhecimento sobre a personagem central e se pode perceber um Aníbal diferente daquele que frequentava a Casa dos Estudantes do Império. Na praia da Caotinha, evidenciam-se a sua constante transformação e a reafirmação de ser ele a voz que discorda do sistema e que se mantém inconformado diante dos princípios humanitários e éticos que se dissolveram nas sociedades de consumo. Com o exílio, fica evidente a intenção do protagonista de não compactuar com o movimento e as ideias contrárias aos seus ideais. Na baía, o autor expõe

⁷⁷ Cabe esclarecer que o professor Abdala Junior já havia usado no mesmo texto a frase de Guimarães Rosa “o mundo do rio não é o mundo da ponte”, fato que justifica o uso da palavra “relembremos”, na citação utilizada no estudo. Anteriormente o professor explica que *o mundo do rio* refere-se à existência vivida.

um Aníbal já transformado, mas vivendo ainda e sempre um processo contínuo de transformação. Para substituir a ausência de diálogo existente nesse capítulo, têm-se seus princípios morais como substitutos da sua voz e o convencimento de que:

(...) aqueles que têm convicções e integridade procuram preservar o sentido de seus gestos, como Aníbal. Se não podem fazê-lo numa dimensão mais larga, o fazem numa mais restrita a sua individualidade.⁷⁸

É nessa baía que Aníbal reflete sobre si e sobre a situação social e política de Angola e quando retorna ao convívio em sociedade tem-se um personagem amadurecido politicamente que pode ser considerado, segundo Benjamin Abdala Junior como *um horizonte de referência intelectual que faltará na Angola libertada do colonialismo*.

Enquanto está na ilha, Aníbal, depois da experiência desfavorável com a guerrilha, transforma-se politicamente, mas, fisicamente, permanece paralisado, movido apenas pelo plano de ataque ao polvo que o amedronta desde a infância, como já comentado anteriormente.

Um fato inusitado transforma a vida do herói. A personagem que possui a mesma postura ética de Aníbal e que mais se aproxima dele ideologicamente, depois de trinta anos resolve visitá-lo. A visita de Sara simboliza o prenúncio de novas transformações em Aníbal. É com Sara que o herói relembra o passado e esclarece o motivo do seu exílio:

E condenam-me porque mandei tudo para o ar, não quis carros, casas, ou várias mulheres, como eles têm, possuidores dum apetite voraz, insaciável. Eu incomodava, num banquete de canibais eu só tirava um pastel e contentava-me com ele. Deves reconhecer que é incômodo para quem se empanturra com tanta comida. Assim, ao menos, poupo-lhes a minha incômoda presença. E poupo-me de vomitar de enjoo vendo tanta comida a estragar-se quando o povo morre de fome. (PEPETELA, 2013, p. 246).

Cabe refletir sobre o pensamento de Edward Said quanto à postura de Aníbal como um intelectual que opta por exilar-se. Para argumentar sobre essa opção do protagonista o estudo baseia-se em *Representações do Intelectual*, pois nele Said aborda a práxis e o envolvimento político do intelectual como forma de resistência, bem como a sua contribuição nos contextos sociais nos quais se encontra inserido. Aníbal ocupa a posição de um intelectual em desarmonia com a sociedade. Segundo Said, o protagonista faz parte de um grupo de

⁷⁸ ABDALA, Benjamin Junior. *Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio*. In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, v.5, p. 69-83, 2013.

“indivíduos em conflito com sua sociedade e em consequência, inconformada e exilada no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias”. (SAID, 2005, p.60).

O reencontro com a amiga e a concretização da paixão vivida no passado, assunto também já abordado anteriormente, impulsiona-o a sair da inércia e o motiva a ações concretas. Uma dessas ações é a morte do polvo que, simbolicamente, representa a ameaça da opressão e da guerra. Vencê-lo simboliza o desfecho de um período de agonia para ele e também para Angola. O embate entre ambos era o desfecho de todo o mal vivido em seu país durante e após a guerra. Tem-se, metaforicamente, a figura tentacular do polvo com seus inúmeros braços dominando e asfixiando o país com uma força que intimida e gera medo. Sentimentos que acompanharam Aníbal durante o tempo em que lutou pelo seu ideal utópico e teve que enfrentar os “tentáculos” do inimigo e também durante o tempo que esteve na caverna à procura do polvo. Vencê-lo significava romper definitivamente com a utopia que *hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação.* (PEPETELA, 2013, p.246).

Com a morte do polvo, Aníbal adquire lucidez suficiente para aceitar que tudo dera errado e que apesar de Angola estar livre do colonialismo, os seus ideais não se afirmaram. Depois das experiências vivenciadas na praia da Caotinha e a aquisição do autoconhecimento necessário para enfrentar a nova sociedade ele resolve abandonar o exílio para se encontrar com Sara em Luanda. O autoconhecimento favoreceu novas transformações que possibilitaram o contato com outros que ideologicamente pensavam como ele.

É por meio, novamente, da geração jovem que surge uma nova esperança. Através de Orlando, noivo de Judith, Aníbal é questionado sobre o fato de não pertencer a nenhuma atividade política. Tem-se na sequência uma análise irônica da personagem mais esclarecido do romance:

Para dizer a verdade, tinha vontade de criar o MMP, Movimento dos Marginalizados do Processo. Como único programa, ser oposição ao futuro governo eleito, qualquer que seja. Porque marginalizados só podem ser oposição, nunca ganham eleições, mesmo sendo a esmagadora maioria da população. Se por um azar o Movimento conseguisse ter a maioria dos votos, o que correspondia a uma impressionante tomada de consciência do povo, dissolvia-se automaticamente para não ser corrompido pelo uso do poder. Mas como bom intelectual angolano, não tenho capacidade para pôr em prática essa bela ideia. (PEPETELA, 2013, p.374).

A observação irônica do protagonista evidencia que a maior dificuldade é ser o poder capaz de sempre corromper e que para não se aliar a esse poder o melhor é manter-se distante dele. Apesar dessa distância do poder, Aníbal, que não se demite das responsabilidades de

intelectual, é novamente inserido na discussão sobre as crises vividas num grupo apartidário de reflexão e é novamente impulsionado na busca por mudanças.

Desta forma, *A geração da utopia*, é uma convocação para seguir em frente. Não existe ponto final para a continuidade da luta. O que existe são transformações, movimentos constantes ao longo da história que proporcionam desafios e experiências. Coube a cada personagem uma trajetória. Aníbal, aquele que não se deixou seduzir pelas facilidades do poder e que foi considerado doido pelo seu rompimento com o sistema, é a personagem que se destaca como o herói. Mesmo o enunciador do romance tendo assinalado o fim da utopia e Sábio não ter concretizado seus ideais utópicos, pois continuaram as injustiças sociais, cabe a ele manter-se coerente com as ideias do tempo de a Casa, pois tal fato contribui para a possibilidade da nova utopia e é ele o escolhido para ser o elo entre as gerações. Se ele persiste é porque a utopia ainda vive.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. A plenitude de enriquecimento e libertação, que desta forma a grande ficção nos pode proporcionar, torna-se acessível somente a quem sabe ater-se, antes de tudo, à apreciação estética que, enquanto suspende o peso real das outras valorizações, lhes assimila ao mesmo tempo a essência e seriedade em todos os matizes. Somente quando o apreciador se entrega com certa inocência a todas as virtualidades da grande obra de arte, esta por sua vez lhe entregará toda a riqueza encerrada no seu contexto.⁷⁹

Após a análise das narrativas que compõem o *corpus* da dissertação, evidenciam-se as diversas semelhanças contextuais e situacionais de ambas, paralelamente à trajetória dos protagonistas, cuja transformação somente se efetivou a partir das experiências vividas por Nando e Aníbal, nos seus respectivos países de origem. A situação de opressão vivida pelos autores é reproduzida através de estratégias discursivas e expõe, no decorrer da narrativa, o contexto de uma sociedade fragilizada diante das contrariedades e sofrimentos impostos pelo poder vigente. Tal situação de sofrimento exigia de seus intelectuais uma postura guiada pela consciência e pelo desejo de justiça diante dos problemas sociais do seu povo. Cabe considerar a importância do engajamento dos autores no que diz respeito às sequelas deixadas pelo período de colonização nos dois países abordados, cujos povos revelam um acentuado atraso no desenvolvimento sócio-político-cultural, tornando cada vez mais pertinente a postura de intelectuais comprometidos com uma literatura voltada para a conscientização e para a necessidade de perceber o mundo.

Estudar as narrativas literárias é compreender como os seres humanos vivenciaram e representaram o tempo e a experiência social vivida nos respectivos períodos em que aconteceram os enredos dos dois autores. No instante em que essa realidade é apreendida pelo leitor, ela direciona a compreensão textual e se pode observar com mais clareza o caminho percorrido pelo escritor entre o real e o imaginário, como princípio de entendimento da realidade atual. É por meio dessa arte, mais especificamente, da literatura, que é consentido aos leitores situarem-se nas mais diversas impressões dos autores sobre a trajetória histórica de Brasil e Angola, permitindo, àqueles mais atentos, elucidar-se e assimilar-se diante do quadro histórico do momento.

⁷⁹ CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2005. p. 48.

A narrativa de Callado e Pepetela conduz os leitores à percepção crítica e sensível dessa realidade existente na ficção e, conseqüentemente, à identificação com as personagens. Através da análise dos protagonistas, o leitor pode se conhecer, pois na literatura é possível “visualizar” a personagem na sua totalidade, visto que ele já se encontra finalizado. Sobre essa relação, Antonio Candido esclarece que a personagem *representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferências, etc.*⁸⁰

Sabe-se que os escritores, apesar da distância referente ao tempo histórico dos fatos acontecidos em cada país, representam, como intelectuais, a resistência contra um período em que Brasil e Angola lutavam para se libertar da ação repressiva do Estado. Cabe também destacar que outro papel desempenhado pelos autores é o fato de ambos buscarem utopicamente a transformação da sociedade e para isso propõem uma narrativa através do diálogo entre o cenário histórico e político do momento vivido. Para compreensão do diálogo proposto por Callado e Pepetela em *Quarup* e *A geração da utopia*, faz-se necessária a presença das duas personagens protagonistas, pois ambas contribuem com seus criadores para a transposição da realidade vivida para as páginas do romance. Nando e Aníbal, dentro da complexidade de cada um, fornecem ao leitor matéria prima necessária para discussão sobre o tempo enunciado e também para entendimento da realidade presente. Numa análise feita por Benjamin Abdala Junior tem-se uma colocação sobre o herói de Pepetela, que pode ser adequada também para o herói de Callado e tantos outros heróis imbuídos no desejo de transformação e do bem comum. Ele diz que *seus heróis são paradigmas que não se circunscrevem apenas a Angola. Apresentam na verdade modelos de conduta extensíveis à condição humana – um paradigma do homem em geral em sua história e no seu impulso de transformação.*⁸¹

Considerando a história de vida de Callado e sua postura crítica quanto à ditadura e também aos rumos da luta armada, fica evidente o seu envolvimento como militante político que burlava a censura do regime vigente para denunciar àqueles que, como o governo, praticavam a violência, a segregação racial, a ganância e o individualismo. Tal fato expõe a maturidade do projeto literário e a real posição política do criador do protagonista Nando. Por meio da trajetória do ex-padre percebe-se o posicionamento político-ideológico do autor,

⁸⁰ CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2005. p. 54.

⁸¹ ABDALA Jr., Benjamin. *Notas sobre a utopia em Pepetela*. In: **Portanto... Pepetela**. (orgs) CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 173.

evidenciando diversas tramas históricas e como elas são organizadas. No desenvolvimento do seu texto percebem-se as várias hipóteses sobre o Brasil e possibilidades para reflexões ideológicas. Se a violência do Estado e as ideologias hegemônicas desse período não autorizavam a exposição das complexidades vividas no país, cabia ao intelectual transpor para o seu romance a situação real do Brasil.

As travessias realizadas por Nando, por diversos espaços dentro do enredo, formam lentamente o caráter identitário do protagonista e o leitor acompanha a vida conturbada da personagem de *Quarup* que em constante *devir*, apresenta uma evolução nada convencional: do celibato sacerdotal à defesa do amor livre, entre os discursos dos intelectuais e as necessidades do povo, da submissão aos dogmas religiosos às drogas, da catequização dos índios à alfabetização dos camponeses, de padre cristão a pastor de arco e flecha, e finalmente encontra-se a si mesmo como guerrilheiro. Entende-se que Nando, quando troca o sonho utópico de construir uma República Cristã Indígena pela luta armada, torna-se efetivamente um herói repleto de significados. Nota-se que o seu empenho em modificar o Brasil permanece durante todo romance.

No início, o seu desejo de transformação voltava-se para os índios. Queria reinventar um Brasil baseando-se no modelo do homem “civilizado”, onde os indígenas pudessem viver o ideal utópico de uma comunidade modelo. À medida que se transforma, percebe-se que o ex-padre não desiste da sua utopia nem mesmo quando se depara com a situação real de vida dos indígenas, pois pertence a ele a ânsia da transformação. Tal desejo de transformar pode ser percebido quando, diante da dificuldade em catequizar os índios, como pretendia no início da narrativa, almeja alfabetizá-los, educá-los e ensiná-los a língua portuguesa. Ao longo do romance, percebe-se que seus projetos utópicos são sempre modificados, mas não abandonados, pois sua mentalidade utópica não permite tal abandono. Diante da triste realidade vivida pelos índios, Nando percebe a impossibilidade de concretizar seu ideal e se volta para o objetivo de modificar o Brasil através da luta armada, reportando-se ao conhecimento adquirido nas travessias que fez pelo país e também no conhecimento que possui do mundo de Levindo.

Ao final do romance, a personagem assimilou diversos discursos que contribuíram na sua formação identitária, mas a voz de Levindo é decisiva para a sua reeducação. Ao assumir o nome do revolucionário morto e partir para a luta armada, Nando compreende a realidade que o cerca e a vulnerabilidade das organizações políticas brasileiras. A personagem desfragmentada que, antes, apresentava-se em constante construção, é a partir desse momento

simbolizada por um herói que reconhece suas fragilidades, encontra-se e se compreende na sua totalidade. Essa compreensão pode ser percebida no desfecho da narrativa, quando o autor apresenta Nando já em *plena estrada* e

(...) relembando coisas da vida inteira mas sem sentir nenhuma ligação com os pensamentos e sentimentos que tivera: como homem feito que encontra um dia numa gaveta cadernos de colégio. Estava descontínuo, leve, vivendo de minuto a minuto. Só tinha como sensação de continuidade o fio de ouro de Francisca, assim mesmo porque era um fio fiado com astúcia na trama do mundo a vir. Não vinha propriamente do passado. Bateu alegre no peito com a mão direita, sustentando as rédeas na esquerda. (CALLADO, 2006, p. 552).

E assim, Nando, ao final da narrativa, depois de descobrir o sofrimento e a dor do desamparo de quem vive à margem da sociedade, parte para a ação concreta e para uma prática que favoreça as necessidades dos oprimidos.

O final aberto do romance é o prenúncio de novas transformações que, como as anteriores, somaram-se ao seu caráter identitário. Como ele mesmo coloca a Manoel Tropeiro: “- Não se assuste Manuel. Eu agora viro qualquer coisa.” (CALLADO, 2006, p. 553). O desfecho tem a significância da ação como possibilidade de transformar a história.

Após todo o aprendizado de Nando durante a travessia realizada no desenvolvimento da narrativa, tem-se um novo homem disposto à ação armada para defesa dos interesses do povo, mas o que se apresenta pode ainda ser uma caminhada utópica. Callado entende a necessidade da revolução armada, mas opta por concluir a narrativa e não abordar, o que para ele, era urgente que acontecesse, principalmente pelo fato da narrativa encerrar-se em 1964.

A trajetória vivida pelo protagonista Nando e a reestruturação do seu caráter identitário é um convite para que o leitor construa um olhar dialético sobre a narrativa de Callado e a importância de uma literatura voltada para a humanização.

Seguindo o mesmo raciocínio em relação à postura dos escritores e a importância dos heróis dentro da narrativa, tem-se, num outro momento do processo histórico, o protagonista de *A geração da utopia*, Aníbal. Percebe-se que o movimento de Aníbal dentro da narrativa acontece inversamente ao herói de *Quarup*, considerando que um descobre-se plenamente quando parte para a guerrilha, e o outro, quando se retira dela. Um descobre-se quando troca a subjetividade pela coletividade e o outro, isola-se na ilha e age de forma contrária.

Para Aníbal, a utopia de expulsar o colonizador e conquistar uma Angola justa e libertária mobilizou suas ações durante o período de luta revolucionária. Após a libertação, não houve o entendimento entre as instituições sociais e nem mesmo a desejada igualdade social, porém no

decorrer da narrativa percebe-se que o protagonista preserva o seu desejo utópico e se indigna com os novos valores instituídos, pois para ele eram esquemas de poder que não contribuiriam com o bem-estar do seu povo.

Finalizada a luta de libertação, já não havia mais utopia e nenhuma possibilidade coletiva. Na praia da Caotinha, em 1982, ele vivia desiludido no seu *devoir* solitário, pois percebia os novos rumos políticos do seu país. O capítulo *O polvo* é o espaço mais pertinente para conhecer o protagonista, pois a ausência do diálogo é substituída pela acentuada discordância da voz de Aníbal. Prevalece a sua ética como forma de denúncia àqueles que não conseguiram livrar-se dos interesses capitalistas. É nesse espaço que predomina o plano do sujeito e o leitor pode analisar os valores da personagem e também o caminho percorrido do coletivo para o individual.

Para o professor Abdala Junior a atitude de Aníbal de se isolar pode ser explicada da seguinte forma:

Após a queda do voo, este último herói vai para o sul do país, para viver com integridade sua ilha pessoal. Se as asas de seu voo simbólico não foram suficientes para atingir uma radicalidade utópica, encolhe-se então, circunscrevendo-se, na aparência, a sua ilha. Psicologicamente, os problemas são aí correlatos e seus gestos continuam similares (...). Pepetela por embalar-se na corrente “quente” da utopia não aceita arremedos. Sonha com um futuro autêntico, que não encontrava na práxis dos atores políticos da Angola liberta.⁸²

Tem-se, nesse isolamento, uma atitude análoga a de Pepetela, pois o autor abandonou o cargo de vice-ministro da Educação e se distancia do poder. Como sua personagem, mantém a ética e sua habilidade crítica.

Ainda neste capítulo, Aníbal, num ato de grande simbologia, resolve sua questão existencial ao matar o polvo que simbolicamente estabelece a harmonia entre a personagem e o todo o processo histórico angolano. Exterminado o polvo, que representa *a imagem de um Estado opressivo*⁸³, a nova ação é sair do exílio e, preservado o seu desejo utópico, nota-se no diálogo que se estabelece entre ele, Orlando, Judith e Sara uma reflexão sobre os momentos históricos do passado e como o herói se restabelece e busca na memória da luta de libertação motivos que justifiquem a nova esperança para a nação angolana.

Cabe destacar que no desfecho da narrativa, Aníbal refere-se aos intelectuais como *aqueles que mostram o caminho* (PEPETELA, 2013, p.371) e, como tal, o herói é

⁸² ABDALA, Junior, Benjamin. Notas sobre a Utopia em Pepetela. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. (Org.) *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 177.

⁸³ Idem, ibidem, p.177.

reconduzido por Orlando e Judith, representantes da nova geração, a aceitar a sua nova condição de intelectual e recuperar a subjetividade “esquecida”. Para persuadir o protagonista, ambos argumentam sobre a importância dos questionamentos políticos e a possibilidade de uma nova geração formada por aqueles que se encontram à margem do processo:

- Não se vai demitir agora das suas responsabilidades de intelectual, espero – disse Orlando. – Pelo menos, vai aceitar desenvolver as suas ideias no nosso grupo de reflexão. Também é um grupo que reúne marginalizados do processo.
- O passado nunca justifica a passividade – disse Judite. Se todos dissermos que nada vale a pena, então é melhor morrermos ou deixarmos-nos morrer, sempre é mais coerente do que vegetarmos. (PEPETELA, 2013, p. 374).

Tem-se, portanto, dois romances que exemplificam a importância das personagens como apoio para autores posicionarem seus ideais político-ideológicos.

Reportando o desfecho do estudo para as colocações de Lukács em *A teoria do romance*, evidencia-se, a partir da leitura das duas narrativas literárias, a compreensão da relevância dos romances para a atualidade. Se no passado não havia a necessidade de respostas em função de não existir conflito entre o ser e o mundo, logicamente não existiam dúvidas diante da homogeneidade do mundo. Mas, no tempo presente percebe-se o contrário. A complexidade das questões que surgiu na nova sociedade exige uma postura voltada para o herói moderno do romance e outra busca para os questionamentos do ser. Lukács adverte que: *Nosso mundo tornou-se infinitamente grande e, em cada recanto, mais rico em dádivas e perigos que o grego, mas essa riqueza suprime o sentido positivo e depositário de suas vidas: a totalidade.*⁸⁴

Vive-se no mundo atual num sistema incoerente e fragmentado e conseqüentemente sem totalidade. As transformações sociais levantaram outras questões. Cabe ao herói encontrar a totalidade e para isso ele terá que vivenciar questões existenciais conflitantes para alcançar o que deseja. É no romance que acontece a possibilidade de buscar essa totalidade perdida.

Em *Quarup* e *A geração da utopia* percebe-se essa busca, pois ambas exemplificam essa fragmentação e se apresentam como uma combinação de diversas situações heterogêneas e desalinhadas. E seus protagonistas, em constante busca pela totalidade, rompem com a estrutura social em que vivem para alçar novas travessias.

Seguindo a trajetória dos protagonistas têm-se dois heróis inadaptados com a realidade opressora de seus respectivos países. Ao longo da narrativa, Nando, diante de tantas

⁸⁴ LUKÁCS, George. *A teoria do romance*. São Paulo: Edições 34 Ltda., 2000, p. 31.

experiências adquiridas, vive uma peregrinação para conquistar o seu autoconhecimento e Aníbal isola-se para compreender a si mesmo dentro do novo processo político vivido em seu país. Em ambas as situações, os heróis reconciliam-se com a realidade social concreta e atuam para modificar positivamente a sociedade. Paralelamente, o leitor atento reconhece sua própria realidade e a compreende. Como aconteceu com a personagem Nando, há também para o leitor, após o término da leitura, uma sobreposição, não de experiências vividas, mas de informações acumuladas.

O leitor pensará, irremediavelmente, de forma distinta do que pensava e sua visão de mundo e de realidade, após a leitura, será reformulada. Desta forma, evidencia-se a função do escritor e intelectual que faz da arte um instrumento que busca conscientizar, transformar a sociedade e, por meio dos textos, consumir uma comunicação efetiva com o leitor, conduzindo-o ao questionamento das normas vigentes. Para a conscientização dos leitores, os escritores dos romances, abordados no estudo, expõem o passado para o entendimento do presente e revelam uma problemática que não pertence somente ao herói, mas a toda a sociedade, pois essa se encontra num permanente *devir*.

Encerrando o estudo, tem-se a possibilidade de esclarecer a hipótese de que Nando e Aníbal, sujeitos dos processos revolucionários vividos no Brasil e Angola, foram submetidos às articulações psicossociais existentes no emaranhado de situações acontecidas na vida político-social de seus respectivos países. As experiências apreendidas foram motivadoras para novas formas de pensamento e contribuíram na formação de nova identidade para os protagonistas.

Independentemente da posição geográfica ou do tempo histórico vivido no enredo, percebe-se que, através dos heróis, sujeitos responsáveis em personificar o desejo coletivo das minorias, evidenciam-se uma postura de resistência e um engajamento voltado para as perspectivas sociais libertárias. E aos autores, coube situarem-se entre os intelectuais com a missão de *chamar a atenção, levar as pessoas a refletir sobre certas coisas. Penso que é esse o papel do filósofo. O escritor, no fundo, é um filósofo... Ou então inventar mundos que não existem, mas baseando-se na própria realidade.*⁸⁵

Portanto... para concluir tem-se uma citação de Callado em uma entrevista concedida a Marcelo Ridenti, em 1996, que diz:

⁸⁵ CHAV

ES, Rita; MACÊDO, Tania. (Orgs). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

A única coisa que me interessou durante esse tempo todo, da minha formação e do meu trabalho, foi exatamente a possibilidade de uma re-vo-lu-ção que mudasse o estado de espírito de um país como o Brasil (...).⁸⁶

Elegeram-se essa citação para elucidar a trajetória literária dos intelectuais abordados na dissertação. Callado e Pepetela optaram por um projeto literário direcionado à práxis social e à construção de sujeitos ideologicamente mais conscientes e capazes de transformar o *status quo* e é com esse perfil que os escritores são reconhecidos.

Ambos possuem entrelaçada a trajetória de vida à arte e como resultado tem-se a literatura como instrumento de denúncia para evidenciar os problemas de seus respectivos países de origem.

⁸⁶ RIDENTI, Marcelo. *A guerrilha de Antônio Callado*. In: Kushnir, Beatriz (org.). **Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil**. Imago, Rio de Janeiro, 2002, p.p. 23 a 43.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Junior Benjamin. *Literatura comparada e relações comunitárias, hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. *Literatura, História e Política: literaturas de Língua Portuguesa no Século XX*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2007.

_____. *Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio*. In: *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v.5, p. 69-83, 2013.

_____. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais – um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

_____. *Notas sobre a utopia em Pepetela*. In: *Portanto... Pepetela*. (orgs) CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

Angola UPA-FNLA.

Disponível em: <<http://www.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=intervns1/#upa/fnla>> Acesso em: 03 Novembro 2014.

ANTUNES, Gabriela. *Reler Pepetela*. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (Orgs). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas – Trajectórias da Contestação Angolana*. Vega editora, 1999.

_____. *“Estamos juntos” o MPLA e a luta anti-colonial (1961-1974)*. Luanda: Kilombelombe, 2008. 2v.

_____. *Fissuras na luta de libertação angolana*. In: *Revista Métis: História & Cultura*. Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1678/1046>> Acesso em: 16 Março 2014.

BOOTH, C. Wayne. *A retórica da ficção*. Lisboa: Editora Arcádia, 1980.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1985.

BUENO, Wilson. *O escritor pode apoiar uma guerra*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. (Orgs). *Portanto Pepetela*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *Esqueleto na Lagoa Verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Tempo de Arraes – a revolução sem violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Intelectual não tem o direito de se eximir*. In: *O Nacional e o Popular*, São Paulo, 1982.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2005.

_____. *De cortiço a cortiço*. In: *Novos Estudos. CEBRAP* (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), Nº 30, p. 111. Julho de 1991. <http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/64/20080624_de_cortico_a_cortico.pdf> Acesso em: 01 Novembro 2014.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania.(Orgs.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CHAVES, Rita. *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*. In: *Revista Via Atlântica da USP*, n.2, p, 216-233, Junho 1999. Disponível em: <www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/48795/52871> Acesso em: 31 Out. 2014.

COELHO, João Marcos. *Em nome da consciência*. *Veja*, Julho de 1976, p. 3. Disponível em <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em: Fevereiro de 2014.

COUTINHO, Carlos Nelson, *Cultura e Sociedade no Brasil – Ensaios sobre idéias e formas*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

Entrevista com Pepetela por Jane Tutikian. In: *Organon: políticas e práticas sociais de resistência*. v.23 n. 47. p 209-211. jul-dez 2009.

CRUZ, Cláudia Helena da. *Encontros entre a Criação Literária e a Militância Política: Quarup (1967) de Antônio Callado*: Universidade Federal de Uberlândia [mestrado em História Social] www1.capes.gov.br/teses/pt/2003_mest_ufrg_claudia_helena_da_cruz.pdf Acesso em Fev. de 2014.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2ª. Edição. Lisboa: Edições 70, 1979.

FARIAS, Vera Elizabeth Prola. *Representação da História e Registro de Identidade em Quarup, de Antonio Callado, e A geração da utopia, de Pepetela: nos impasses da modernidade*: CEL/UFSM [Doutorado] www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObra Acesso em: Fev. de 2014.

FERRARI, Márcio. *Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência*. In: Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica>> Acesso em: 30 março 2014.

FILHO, Silvio de Almeida Carvalho. *Pepetela: Fragmentos de uma trajetória*. In: Revista Eletrônica Tempo Presente. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5856:pepetela-fragmentos-de-uma-trajetoria-&catid=92:edicao-do-mes-de-setembro-2013&Itemid=226> Acesso em: 14 março 2014.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada. As ilusões armadas*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

GOENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira. Das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo. Ática. 1990.

Guerra Civil Angolana. In: Infopédia. Porto Editora. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$guerra-civil-angolana](http://www.infopedia.pt/$guerra-civil-angolana). Acesso em: 15 Março 2014.

JABLONSKI, Jenekelli. *Quarup: O processo de formação discursiva de Padre Nando na obra de Antonio Callado*. UEOP (Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006.

JACINTO, António, *Monangamba*. In: *Dos jornais às Armas – Trajectórias da Contestação Angolana*, 1999.

KOTHE, Flávio R. *O Herói*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1985.

LABAN, Michel. *Angola – Encontro com escritores*. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (Orgs). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado”. In: *Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

_____. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Antônio Callado”, São Paulo: Editora Abril, 1982.

_____. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. “Entrevistas com Antônio Callado”. In: *Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LINS, Ronaldo Lima. In: SANTOS, Francisco Venceslau *Callado no lugar das idéias: Quarup um romance de tese*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 1999.

LUKÁCS, George. *A teoria do romance*. São Paulo: Edições 34 Ltda., 2000.

MARTINELI, Marcos. *Antonio Callado, um sermonário à brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006.

MATA, Inocência. *Ficção e História na literatura angolana – o caso de Pepetela*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

MATTOS, Tatiane Reghini de. *As vozes narrativas de Pepetela: A geração da utopia e Predadores*. 113 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Miranda, Maria Geralda de. *A política da utopia em Pepetela*. In: Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários da UFRJ, v.13, 2013. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>> Acesso em: 12/Outubro/2014.

MUNANGA, Kabengele. África: Trinta anos de processo de independência. Revista da USP, São Paulo, n.18, p.102-111, jun./ago. 1993. Disponível em: http://www.usp.br/revis_tau_sp/18/09-Kabengele.pdf. Acesso em: 15 Março 2014.

Orlando Villas Bôas. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br>. Memória Roda Viva. Acesso em: 12 Setembro 2014.

Padre Hosana. Disponível em: <http://www.pe-az.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=385:padre-hosana&catid=24&Itemid=182> Acesso em: 10 Julho 2014.

PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *Mayombe*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

_____. *Predadores*. Rio de Janeiro. Editora Língua Geral, 2008.

_____. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Editora Ática, 1981.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIDENTI, Marcelo. *A guerrilha de Antônio Callado*. In: Kushnir, Beatriz (org.). *Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*. Imago, Rio de Janeiro, 2002.

RUCKERT, Gustavo Henrique. *A geração da utopia em tempos de distopia*. In: *Nau Literária da UFRGS*, v. 07, 2011.

SALGADO, T. e Sepúlveda, M. do C. *África e Brasil: Letras e Laços*. Rio de Janeiro: Atlântica. 2000.

SANTOS, Francisco Venceslau. *Callado no lugar das idéias. Quarup: um romance de tese*. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português: economia, espaços e tomadas de consciência*. São Paulo: Alameda Editora, 2004.